

Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

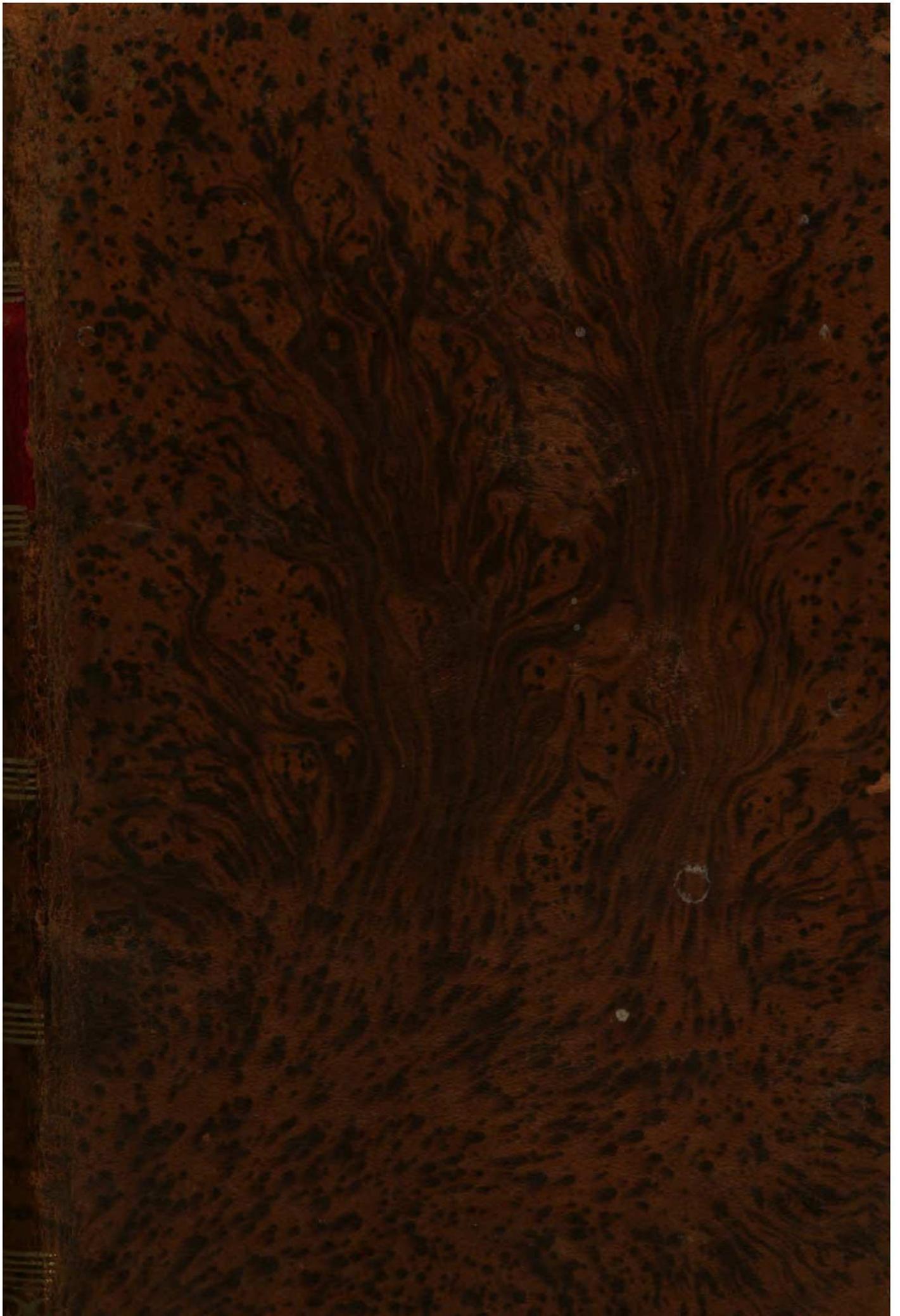
This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

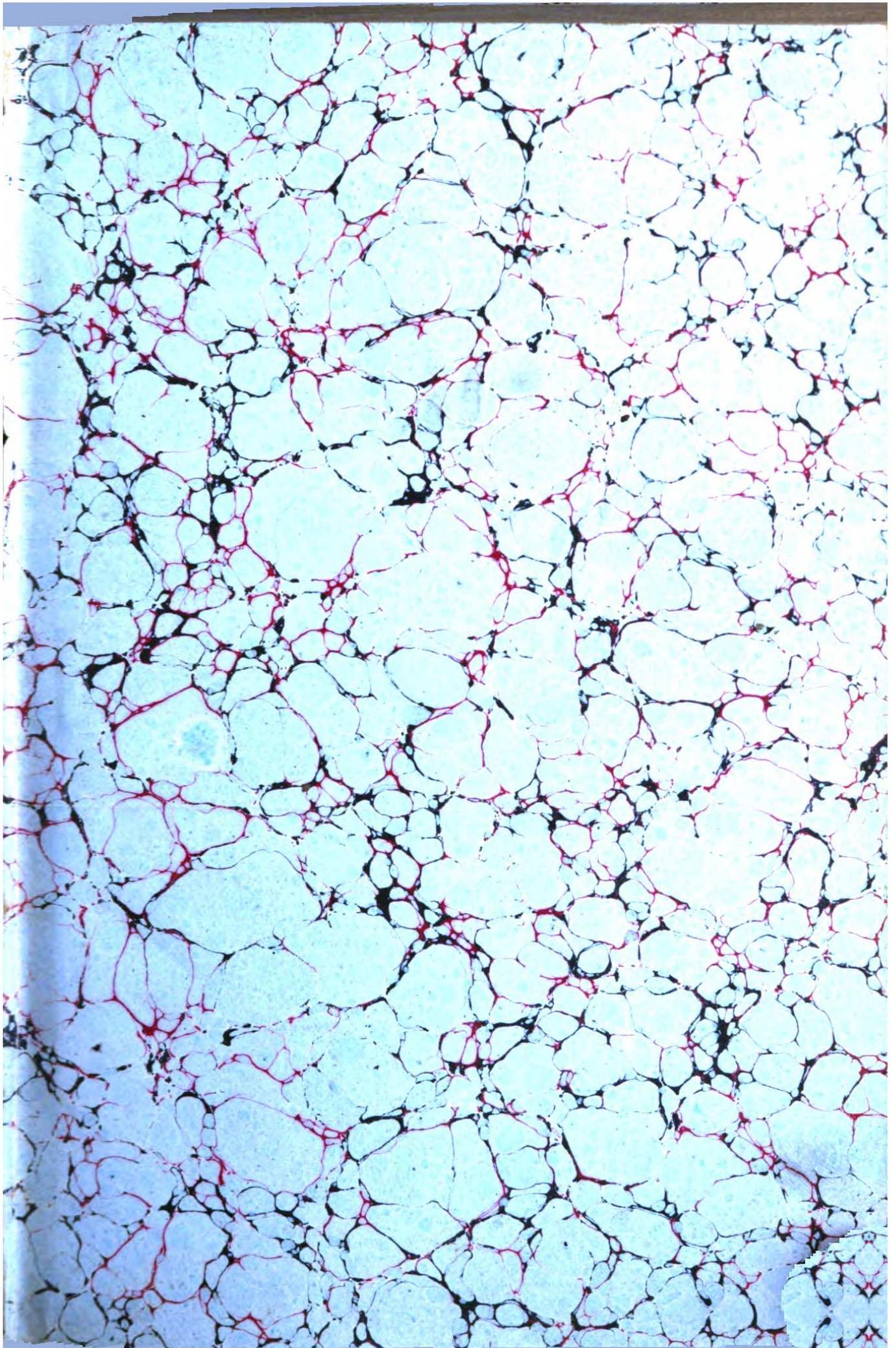


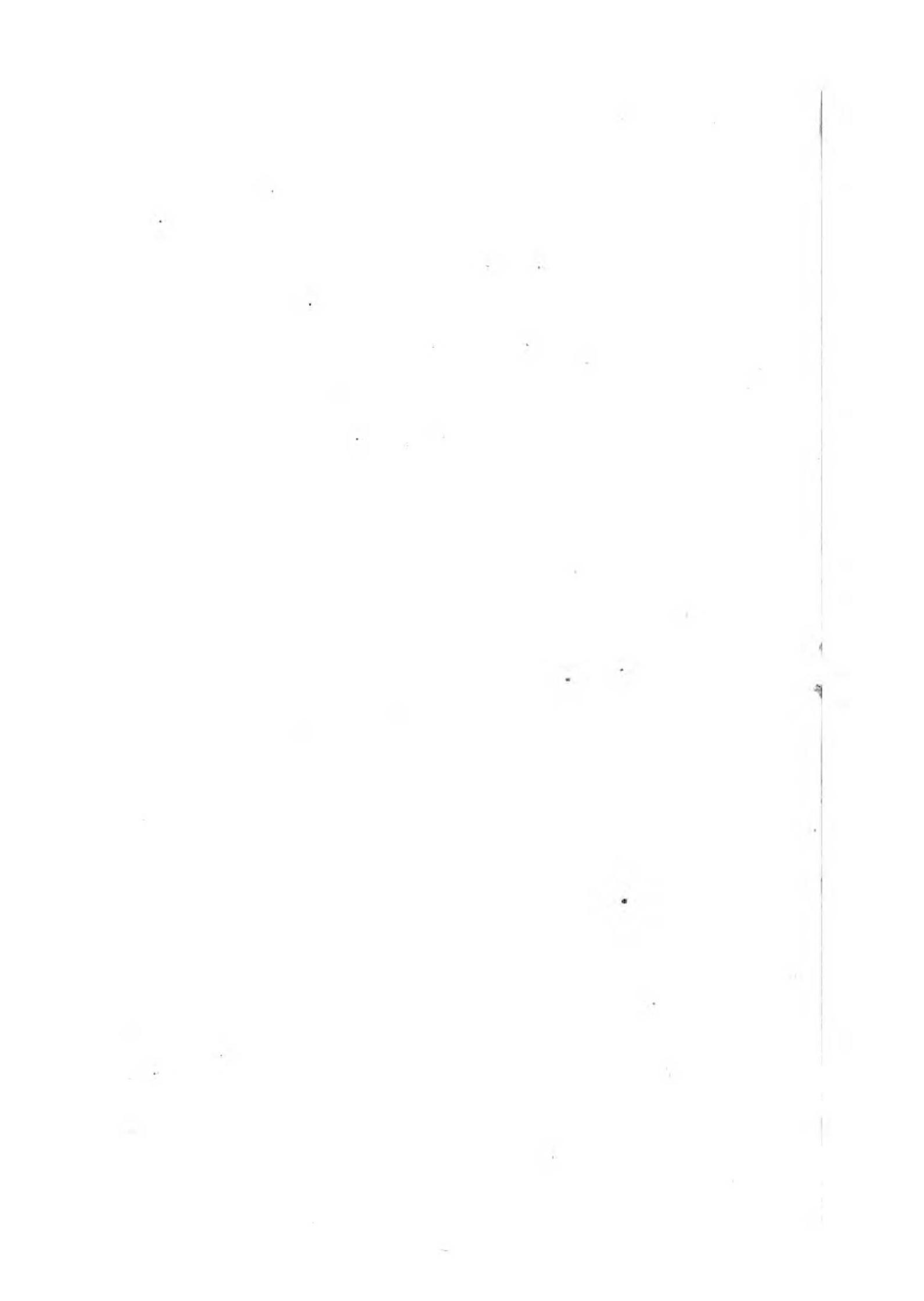
332 F. 5
ST. GILES, OXFORD OX1 3NA



REP. P. 194

~~GPC 220 A11~~

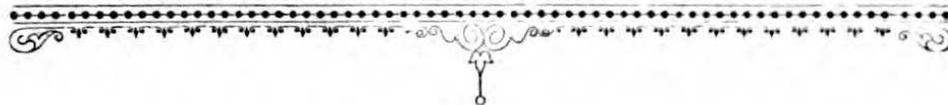




Lee

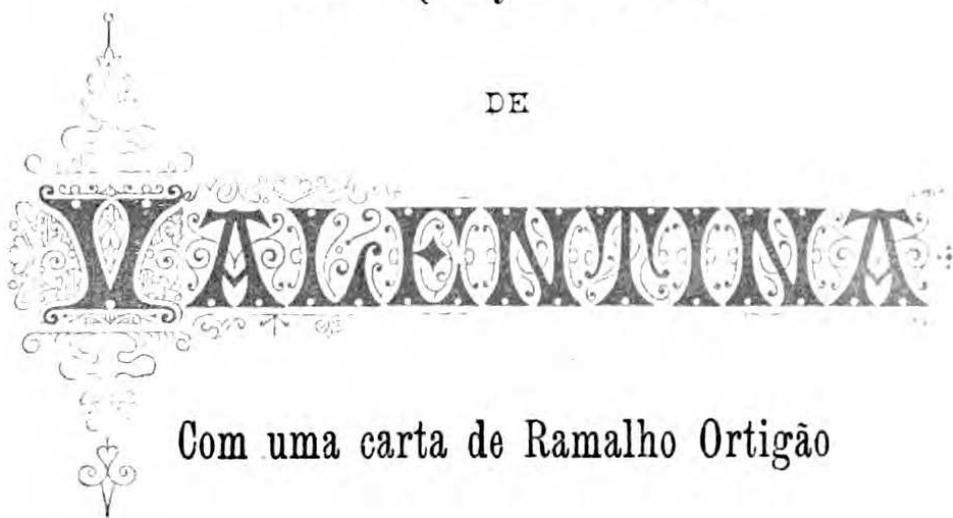
CHRONICAS DE VALENTINA

Maria Amalia Vaz de Carvalho



CHRONICAS

DE



Com uma carta de Ramalho Ortigão



LISBOA

EDITORES:—TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5 — *Largo do Camões* — 6

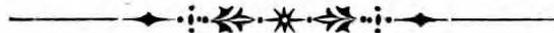
MDCCCXC



LISBOA

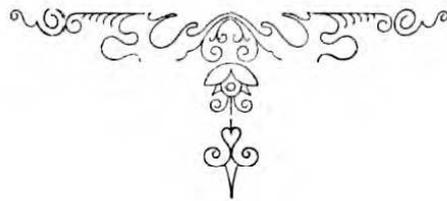
—
Typographia de Christovão Augusto Rodrigues
60, RUA DE S. PAULO, 62

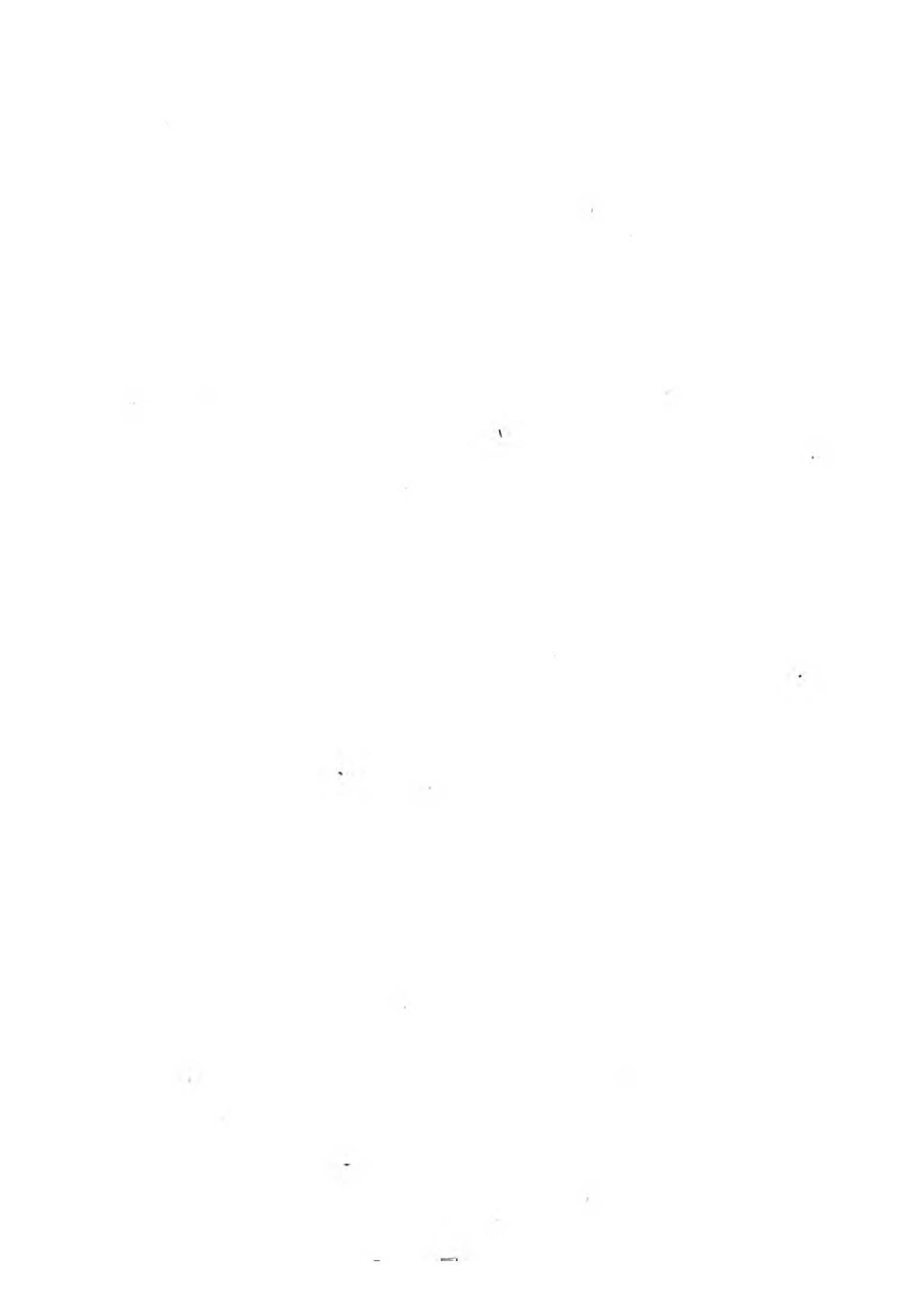
—
1890





Soror Marianna, O Immortel, O Conde Leão Tolstoi, O Crime e o Castigo, A vida e a correspondencia de Darwin, G. Eliot, A mulher de Carlyle, Pierre Loti, A Princeza Mathilde, Henri Martin, A eterna questão do Amor, O Bezerro de Ouro, Caro, Pranzini e Flaubert, A Imprensa para o Sr. de Bismarck, Um Infanticidio, Alexandre Herculano, Historia de um crime, Relatorio de Pinheiro Chagas, O Hospital das Creanças, Paulina de Beaumont, O Rêve de Zola.







Minha querida amiga

B escriptor que melhor cumpriria, com relação a este livro, a missão que tem a critica de explicar ao publico a obra d'arte, seria V. mesma.

Os seus estudos tão minudentes e tão delicados, incluídos n'este volume com os titulos de *Soror Marianna*, *A vida e as cartas de G. Eliot*, *A mulher de Carlyle*. *A princesa Mathilde*, *A eterna questão do amor*, *Historia de um crime*, *Pauline de Beaumont* e *a Marqueza de Custine*, demonstram evidentemente que V. possui em mais

alto grau do que qualquer outro escriptor portuguez as mais finas qualidades de um critico: a paciente laboriosidade de uma analyse commovida e terna, a visão de todos os pormenores compensadores e de todas as concordancias attenuantes no conflicto dos sentimentos, a viva comprehensão dos mais diversos estados d'alma, a vibrabilidade nervosa da sympathia, o dom culminante de querer bem.

O que principalmente caracteriza o seu processo de investigação psychologica é a revelação de uma nativa e dominadora necessidade de explicar todas as coisas para não odiar nenhuma.

É assim que deve ser. A funcção da critica é toda interpretativa. A direcção das litteraturas é um facto expontaneo, puramente physiologico. Essa direcção provem do temperamento dos grandes artistas originaes, que a massa dos subalternos imita, determinando assim uma corrente collectiva no sentido de um impulso individual. O cy-

clo romantico vem do predominio dos nervosos sanguineos como Victor Hugo, Balzac, Dumas e Gautier. O cyclo naturalista vem do predominio dos biliosos e dos neuropathas como Zola e os Goncourt. A critica não dirige cousa nenhuma. Explica apenas; e para o conseguir o melhor dos methodos é o que V. usa: embeber-se da emoção que a obra d'arte suggere, e fazel-a ver atravez de sensibilidade de uma alma que a entendeu.

O seu stylo é o mais apropriado ao seu methodo. Caldeado em toda a especie de substancias propicias á malleabilidade, flexivel e serpenteante elle segue as sinuosidades do pensamento até a construcção da phrase perfeita, que é a phrase viva, viva da realidade artistica que tem dentro, lucida, sonora e trepidante.

Tendo em vista o estudo de factos intellectuaes, o objecto do seu livro é ainda o que ha mais interessante, porque a primeira das forças da natureza é a intelligencia do

homem. É o espirito que coordena, que combina, que resolve. Tudo mais no mundo é confusão e desordem. A chave do grande equilibrio universal não é, em ultima analyse, senão o pensamento.

E não obstante a concorrência de todos esses titulos, eu creio que não é propriamente para V., minha illustre camarada e grande amiga, que a popularidade tem reservado os mais acariciantes sorrisos.

A opinião portugueza não é benigna á mulher de letras.

Em virtude do mais grosseiro equivoco de classificação moral, a arte de escrever é ainda hoje considerada por muita gente como um attributo suplementar da desordem e da libertinagem bohemia.

Com relação aos homens esta inepecia é tão inoffensiva que não vale a pena de se contestar.

Todo de concentração, de deducção e de logica, o trabalho de alinhar prosa — sabem-o todos os do officio — é o mais incom-

pativel com os habitos dispersivos do coração e do character. O sentimento perfeito da forma na arte é talvez a mais segura regra da conducta na vida. A indignidade é inesthetica, a cobardia é essencialmente illitteraria, ao passo que todo o bello rasgo de character é reductivel a um bello rasgo de penna. Toda a acção grande não é mais que a transposição ao dominio dos factos de uma phrase bem feita, consciente ou inconscientemente preconcebida no dominio da intelligencia. Por esse motivo as grandes figuras historicas que mais profundamente se gravam na estima e na admiração humana são aquellas que nos deixaram, d'alguma das convicções dominantes na norma da sua vida, a formula litteraria do sentimento que gerou essa convicção. Aquelle rei que, depois de derrotado n'uma batalha, poz n'uma folha de papel esta linha — *Tout est perdu, Madame, fors l'honneur* — pode esquecer inteiramente como principe e como guerreiro: na imaginação d'aquelles que da sua

vida não conhecerem mais que essa nobre phrase, elle será sempre a eterna imagem, cavalleirosa e resplandecente, da imperecivel honra.

É certo que a arte e o amor procedem da mesma serie de combinações physiologicas e de hereditariedades mentaes; são talvez irmãos gêmeos; teem testamento de mão commum; cada um herda o espolio que ficou do outro; mas não podem chronologicamente viver juntos.

Com relação ás mulheres o velho preconceito da irregularidade adstricta á profissão das letras affecta o melindre, fere a dignidade, toma o character de calumnia.

Para honra da humanidade seria util considerar que ha no mundo corações absolutamente refractarios á beatitude da inercia. Chegada a hora fatal em que os colibris azues da phantasia se evolvem da mystica açucena desabroçada em toda a alma de mulher no mez de Maria da existencia,—quando naturalmente se esvaem n'uma saudosa me-

lancholia crepuscular as doces illusões e as doiradas chimeras sempre evocadas pela psychose febril da adolescencia, a mulher honesta, a quem fálhou o amor de esposa e a quem fálhou o amor de mãe, não tem em torno de si, no meio da indiffêrença banal ou imbecil da vida pratica, tão medonhamente materialisada em nossos dias, senão dois refugios do coração compatíveis com a dignidade e com a altivez do character: ou a religião ou a arte. Tanto uma procede da bohemia como procede a outra. A arte e a religião são dois identicos fitos do ideal humano, são duas expressões analogas do amor divino.

O que se sabe da vida das mulheres que escrevem é que ellas são de ordinario as pessoas mais simples, e muitas vezes as mais exemplares. Veja-se Lady Morgan e Miss Martineau, Madame de Sévigné, Mademoiselle de Montpensier, Madame Roland, Madame Necker de Saussure, Madame Sousa, Madame Guizot, Madame Ackermann; e em

Portugal, para não citar mais que um nome, essa tão encantadora, tão romanesca, tão bella e tão pura Marqueza de Alorna, da qual escreveu Alexandre Herculano que a ella devia o ter-se feito escriptor.

A casa de Madame de Stael em Coppet, onde ella reunia com uma hospitalidade magnificante todos os homens de espirito do seu tempo, era o mais perfeito modello de administração economica e d'ordem domestica.

Á alliciante e escravizadora eloquencia do incomparavel artista que se chamou George Sand, por muito tempo foi uso attribuir a evocação cabalistica, os amavios diabolicos e os incandescentes philtros que punham em marcha, sob os luares romanticos, ao nocturno fremito dos myrtos, a legião soluçante das pallidas adúlteras. Mas George Sand, que tinha na lyra da sua alma as cordas de todas as sympathias, principiando a escrever contos para as suas netas na grande pacificação da vida rural, ao casto cheiro dos fenos do Berri, apagou

todo o fogo ateado, na onda do mais doce leite que jamais derramou em labios de creaturas a misericordiosa e infinita piedade maternal. Outros se fizeram os interpretes, mais intemeratos e mais impassiveis, do sentimento moderno. E a pallida legião continua perpassando sempre, entre o murmurio discreto dos myrtos, sob a silenciosa magia da lua. Tão somente se tornou por ventura mais raro o grito supremo com que de quando em quando morriam as contemporaneas de Lelia e de Consuelo, enchendo de um abalo tragico, de um estremecimento divino, o misero valle das nossas lagrimas.

Toda a gente conhece, de as ter escarnecido, as *précieuses* de Molière. Quantos ignoram que a essa reacção da metaphysica sentimental, suscitada e mantida pelas preciosas, sobre a brutalidade, a torpeza, a devassidão e a crapula dos costumes durante a regencia de Anna d'Austria, se deve, com a organização litteraria do salão de Rambouillet, o advento da sociabilidade moderna,

a cultura do seculo chamado de Luiz XIV, e o definitivo predominio do espirito na civilisação europeia!

A mim a affeição pelas mulheres artistas torna sympathicas por contiguidade as *bas-bleus*, as devotas e as proprias mulheres *coquettes*. O bas-bleuismo é um tributo as letras, a devoção é um tributo ao respeito, e a coquetterie é um tributo á arte. Peor do que ter qualquer d'esses defeitos, que não são senão virtudes abortadas, é ter o caracter esteril, ter o pensamento ôcco, ter o coração vasio.

Destituída da pontinha de ideal poetico e de sensibilidade artistica, que é o principal encanto do seu sexo, a mulher que não é dona de casa ou não é mãe de familia, é um estorvo para a graciosidade da convivencia entre gente aperfeiçoada, e é um perigo para a honestidade social. Mais immoraes do que os actos que tornam o vicio evidente são os que tornam a virtude antipathica.

Despoetisar a vida é entristecel-a de uma maneira criminosa. Ha fronte por esse mundo em torno das quaes se expande como que uma aureola de sacrosanta semsaboria.

Allega-se que são inoffensivas essas creaturas. Pois sim, mas por toda a parte que passam — assim como o *moschus moschiferus*. de Linneu exhala o cheiro do almiscar — exhalam ellas o tedio, o despego, o fastio de viver. E ao seu bafo esterilisante, sobre o seu caminho na terra, lentamente e imperceptivelmente se vão desfolhando, petala a petala, as flores de que se compunha a corôa da nossa vida.

Quanto se não deve, para compensar esse flagello social, ás raras mulheres que, pela graça e pela cultura do seu espirito, tão despremiadamente contribuem para desenvolver, para eleganciar, para enobrecer a vida intellectual de um povo!

Mas em V. o que constitue a feição pessoal singularmente caracteristica é a indiferença absoluta pela resonancia da publi-

cidade, pela sancção do publico ao valor da sua obra. Nunca se viu um desprendimento igual. V. escreve para a imprensa com a mesma humildade com que outras mulheres fazem meia ou fiam na roca para ganhar honradamente e obscuramente a sua vida. Não veio para a litteratura solicitada pelo *Almanak Charadista* ou pelo *Almanak de Lembranças*. O seu nascimento, a sua educação, as suas tradições de familia tornavam-a rebelde ao reles prestigio d'esse falso chic litterario de pequena burgueza da Baixa ou da provincia. Principiou a escrever aos dezeseis annos nobremente ungida pelo mais alto sentimento da responsabilidade, pela mais grave comprehensão do dever.

A sua mocidade viu a desolação de um antigo solar desmantellado, e ouviu a ruina tanger a sineta da cancella enferrujada, envolta em malvas, pela qual em dias alegres tinham sahido em festa os luzidos curros e as ruidosas cavalgadas.

Seu pae, duellista infrene como o barão

de Chantal, pae de Madame de Sévigné, tinha dissipado os seus bens como dissipara o seu sangue, tão indifferente á desgraça como á morte.

Foi então que a menina, valorosamente, se fechou n'um quarto com o seu tinteirinho de collegial, uma resma de papel e uma penna. D'ahi talvez lhe ficou nos olhos, feição dominante no seu rosto, sob uma negrura de tinta uma profundidade de catastrophe.

Ha effectivamente razão para que V. dê uma importancia de segunda ordem á opinião do publico, preferindo a estima dos que a conhecem ao applauso dos que a lêem. A sua vida é tão bella como a sua obra, e custou-lhe mais sacrificios e mais lagrimas. V. foi uma filha heroica, foi uma esposa exemplar, e é uma mãe sublime. Se o publico a conhecesse, como a conhecem os seus amigos, o publico adoral-a-hia, porque V. é verdadeiramente nas letras, de nós todos o melhor. Nenhum padeceu com mais orgu-

lho, nenhum resistiu com mais valor, nenhum trabalhou com mais alegria, nenhum triumphou com mais modestia.

Concluindo, agradeço-lhe muito o ter-me permittido a honra de ligar o meu nome a um dos seus livros.

Lisboa 9 de Outubro de 1889.

Seu velho amigo muito dedicado

Ramalho Ortigão





Soror Marianna

A Freira portugueza

Por LUCIANO CORDEIRO

I

Conotavel volume do Sr. Luciano Cordeiro, que constitue a primeira novidade litteraria d'este anno, encerra em si dois livros. Um de erudição, outro de sentimento; um de critica, outro de paixão. É sob esta dupla face que elle tem de ser considerado; é d'estes dois aspectos que elle recebe o seu incontestavel e poderossissimo interesse.

As Cartas da Freira Portugueza são mais

celebres em França do que entre nós; e, tendo ellas sido traduzidas em diversas linguas europeás, parece impossivel que as quatro traducções portuguezas fossem tão pouco vulgarizadas e conhecidas do nosso publico. Era, porém, muito natural que nos interessasse este nosso monumento litterario, que pelo seu genero, tão especial e tão raro, se recommendava por igual á attenção dos entendedores e dos profanos.

Parece impossivel que este caso de psychologia e de historia não tivesse attraído mais ardentemente o estudo dos escriptores portuguezes.

Graças, porém, á curiosidade erudita, á paciencia investigadora, do Sr. Luciano Cordeiro, a grande lacuna está preenchida, e a questão a que estas *Cartas* davam ensejo ficou plenamente e absolutamente deslindada para muita gente, o que não quer dizer que não continuem a existir scepticos que neguem a sua realidade os seus fundamentos. O livro que o distincto escriptor lhe

consagra é, como disse o Conde de Ficalho no seu bello artigo critico, uma obra das que os inglezes chamam *exhaustive*.

Não se pode mais tocar no assumpto, tão claramente elle foi posto deante dos olhos do leitor.

Está perfeitamente verificado que a freira existiu; que se chamou Marianna Alcoforado; que viveu — pobre d'ella! — muito alem do dia em que o poema da sua paixão chegou á triste pagina final; que o homem que ella amou foi aquelle mesmo Chamilly, mais tarde marechal de França, de quem Saint-Simon falla com pouco apreço nas suas *Memorias*; que á vaidade perversa e cruel do enfatuado militar se deve a revelação d'estas maravilhosas paginas, e que, no fim de contas, nós temos, ainda em cima, de agradecer muito ao mediocre, ao vaidoso, ao indigno *Don Juan* de caserna a indiscripção que o fez gabar-se de ter inspirado tão louco e tão immerecido amor.

Toda a serie de argumentos em que o Sr.

Luciano Cordeiro fundamenta a crença, que desde muito o acompanhava, de que as cartas não podiam deixar de ser originalmente escriptas em portuguez, abonando com isso a sua perfeita authenticidade, está solidamente e finamente deduzida.

A narração de todos os incidentes por que passou, no mundo restricto da erudição portugueza e franceza, a historia d'estas *Cartas* confirma a benedictina paciencia do diligente critico.

O Sr. Luciano Cordeiro não quiz deixar por esclarecer, e por verificar cuidadosamente, um ponto unico d'esta historia romanesca, tragica e banal ao mesmo tempo.

Diz-nos os passos de Chamilly em Portugal, a data do seu regresso a França, a topographia exacta do convento, onde viveu, agonizou e morreu a apaixonada freira.

Falla-nos na familia d'ella, nas suas companheiras de clausura, faz emfim a *reconstrucção exterior* e visivel d'este drama, destinado a ficar, como tantos, obscuro e para

sempre ignorado, e ao qual a vaidosa inde-
licadeza d'um homem indigno deu um echo,
por assim dizer universal.



A reconstituição intima d'essa historia do
coração bastam as *Cartas* em si para a faze-
rem; essas cartas traduziu-as elle novamente.

A mim afigura-se-me que era desneces-
saria a verificação positiva da authenticidade
d'ellas.

Fallam por si, essas paginas abrazadas,
palpitantes, rubras, sangrentas; cheias de
gritos, cheias de uivos de colera, cheias de
soluços, e de supplicas, e de accusacções, e
de frementes beijos, e de lagrimas voluptuo-
sas, e de gemidos dolentes de alma para
sempre desfeita! . . .

Quem é que podia imitar assim a voz ini-
mitavel d'um coração despedaçado em lucha
asperrima contra si proprio? Que genio, entre

os grandes genios, que fizeram do amor o seu estudo, e da sondagem psychologica o seu processo de investigação sentimental, seria capaz de nos dar assim a impressão de uma verdade tão arrebatadamente sentida?

A litteratura do Amor envelhece; elle, porém, fica sempre de pé, triumphando do tempo, triumphando da Morte! Os gritos que elle solta nas suas convulsões, nas suas agônias e nos seus extasis, são eternos e contemporaneos de todos os seculos, e comprehensíveis em todas as latitudes.

Passam as formulas porque elle se exprime no requinte das litteraturas, mas não passa o que n'elle ha de genuino, de verdadeiro, de espontaneo e de nativo.

Os romances, os dramas, a propria poesia lyrica — quando não é tão intensamente sincera, que deixe de sair do cerebro para sair sómente do coração; — tudo isso corresponde a um periodo de arte, a um grau determinado de civilisação, a uma phase da linguagem, a uma concepção particular da

Vida, a uma epoca litteraria, transitoria como tudo que é artificial e elaborado pelo cerebro humano, não sentido por elle.

Ninguem hoje leria os longos romances, tão cheios de *fiel ternura*, de *constancia* e de *suspiros*, da boa mademoiselle de Scudéry. Ninguem hoje se lembra de copiar a *Princezã de Clèves*, da delicada madame de La Fayette, a amiga inseparavel de La-rochefoucauld. As locubrações philosophico-sentimentaes, erotico-pedagogicas de *Julia* e de *Saint Preux*, enfastiam-nos soberanamente; e *Paulo e Virginia* já nem serve para os desoito annos das nossas filhas.

Mas apparecessem as cartas intimas das contemporaneas francezas de Marianna Alcoforado, como appareceram as d'esta, como vão apparecer, mais tarde, as de mademoiselle de Lespinasse; mas haja a revellação de alguma tragedia real, expressa em phrases simples, escripta sem intenção de publicidade — e não ha ninguem que a não leia com curiosidade, com profundo e palpitante

interesse, e não ha ninguem que se não comova deante d'esses dramas do coração em que não entra senão a verdade, a augusta e sagrada dôr humana, n'um dos seus aspectos mais communicativos e mais sympathicos.

Cartas d'estas, em que a alma d'uma mulher se revela núa de disfarces, de hypocrisias e de veus; em que um coração sangra tanto, que o sangue que elle verte esconde as manchas que proventura possa ter, — não são de hoje, nem de hontem, nem de ha um ou mais seculos.

São de todos os momentos do tempo, porque exprimem a Paixão, que é infinita e que é immortal; a Dôr, que não tem idade determinada; a Verdade humana, que é una, e que é fundamental e necessaria. . .



Teem dois seculos as *Cartas da Freira Portugueza*; o drama a que ellas se referem é banal no fim de contas. Uma mulher amou tanto e tão loucamente, que pelo seu amor esqueceu, alem da propria honra, os laços que a prendiam a um dever sagrado; o homem que ella amou não a entendia, não era capaz de comprehendê-la, nem de perceber o que havia de profundo e de raro na paixão que inspirava; e o remate d'este lamentavel equivoco, tão frequente, foi o abandono covarde do homem e o desespero inconsolavel da mulher.

Desde que o mundo é mundo que de milhões de milhões de vezes este mesmo caso se tem dado! Ás vezes é o homem que quebra as suas promessas; ás vezes é a mulher que perfida ou inconsistente, se esquece de as ter feito.

Muitas vezes ainda — o que é mais triste e mais humilhante para a pobre especie humana — ambos tiveram um momento de embriaguez, que julgaram eterno; ambos tive-

ram um sonho de infinito, que lhes pareceu realisavel; ambos tiveram uma vizão longinqua do céo que lhes pareceu coercivel e proxima.

Depois, impellidos ambos por essa fatalidade cega, por essa inconsciente força brutal, que desaggrega os atomos e que desprende e desenlaça duas mãos, que se tinham unido para a vida — ambos se separam, levando cada um no coração a saudade d'uma hora de beatitude ineffavel e fugitiva!

Quem poderá explicar esse mysterio eterno e doloroso?

Esses seres julgaram amar, mas não amaram talvez.

O amor na sua expressão suprema, na sua intensidade maxima é uma coisa tão rara com o Genio, disse-o, creio eu, Balzac.

Schopenhauer, o amargo philosopho do pessimismo, tambem por outra forma o disse na sua *Metaphysica do Amor*, e Alexandre Dumas, o grande moralista, a quem este sentimento tem suggerido tanto, e

que tão profundamente o tem estudado na vida moderna, observa-o admiravelmente no prefacio de um dos seus dramas.

Os graus inferiores d'esta paixão natural, os modos variaveis, mas incompletos, por que ella impressiona os homens, offerecem, em certos momentos, apparencias tão illusorias que chegam a enganar os proprios individuos em quem esses phenomenos se dão, quanto mais aquelles que os presenciavam.

O falso amor é como o falso croup. Illude o doente e o medico.

É o *falso amor* que é vulgar, que é frequente, que a gente encontra a cada passo nos acontecimentos a que assiste em torno de si.

E no instante em que elle attinge o maior desenvolvimento de que é susceptivel, parece o *mal sagrado* de que poucos seres eleitos teem gozado, teem padecido e teem morrido. . .

Quantas vezes elle tem os mesmos soluços e os mesmos beijos, as mesmas imprecações e os mesmos arrulhos, a mesma felina graça humilde, e o mesmo orgulho indomito e selvagem? Quantas vezes tem a mesma eloquencia incoherente, as mesmas contradicções absurdas, os mesmos sonhos de perfeição e de eternidade, a mesma divina e mysteriosa flor de encanto! . . .

Distinguem-se os dois sómente n'uma coisa e essa coisa é *tudo!*

Um, passa como o relampago, outro brilha como o sol; um é a scentella, outro é a chamma; um é uma hora da vida, outro é a vida inteira.

Mas basta essa differença para fazer d'um, a coisa banal e frequente, o facto natural e mil vezes repetido, que já nos não surprehende, e que já nos não commove, quando assistimos ao desenrolar das suas peripecias perpetuamente parecidas; do outro, o sentimento sagrado e raro, sublime e mysterioso, que tem feito o que ha de mais puro

e de mais bello na terra, que tem feito a Eloquencia e a Poesia, a Arte e a Virtude, a Bondade e o Sacrificio, a Piedade e a Fé, que em certas horas tem illuminado os homens com tão maravilhoso esplendor, que elles chegaram a *sentir* Deus e a conceber o infinito! . . .

Marianna, a *freira portugueza* é uma das singularissimas e poderosas naturezas, em que este sentimento, superiormente bello, deu a sua flor mais perfeita.

Não a julguemos, agora que duzentos annos passaram sobre a sua culpa, tão cruelmente expiada, á luz da moral social que ella ultrajou.

Vejâmol-a a uma claridade ainda muito mais alta. Perdoemos-lhe, como Jesus perdoou á Magdalena, o muito que peccou pelo muito que soube amar, e saboreemos o capitoso e estranho encanto d'estas velhas *Cartas de Amor*, que, na esphera em que se analysam as obras geniaes do Coração e do entendimento humano, valem tanto

como um poema de Homero ou como um quadro de Rubens. . .

Que importa que fosse um mediocre sem delicadeza, sem intelligencia, sem merito, alem do seu exterior marcial e masculino, esse deploravel amante por quem ella se perdeu?

Por effeito de uma lei mysteriosa, de que ainda ninguem, explicou o mechanismo, as grandes *apaixonadas* são tambem muita vez as grandes imaginarias, as sonhadoras illogicamente absurdas, que uma illusão nutre e contenta!

Vejamos agora as cartas em que essa divina e tragica illusão se reflecte esplendidamente.



II

Fallando a respeito d'estas cartas e das de mademoiselle de Lespinasse, outra *louca sagrada*, que a mesma febre, allucina e queima, Sainte Beuve procura o que, na Antiguidade e nos tempos modernos, se possa comparar com esta pintura immortal da paixão, com estes suspiros de lava, com estes brados de agonia mortal, e não encontra, em tantos seculos de litteratura, senão alguns fragmentos de Sapho, a *Phedra*, de Euripedes, a *Medea*, de Appollonius de Rhodes, a *Dido*, de Virgilio, a *Ariadna*, de Catullo e as *Cartas Latinas* de Heloise, *Manon Lescaut*, e a *Phedra*, de Racine.

É pouco. O subtil critico, tão admiravel e engenhoso, devia acrescentar que encon-

traria mais, muito mais, se esse genero de litteratura não fosse essencialmente o opposto da *litteratura*, isto é da palavra escripta para ser lida por um publico numeroso.

Quantos gritos a alma humana tem exhalado, que poderiam de certo comparar-se com estes! Quantas explosões ardentes, irresistiveis, de uma paixão triumphante, haverão irrompido, em jactos de fogo e de lagrimas, do coração femenino, que um grande amor desvairou, perdeu ou dilatou até estallar no peito que o continha!!

Nós, porém, é que não conhecemos os mais intimos e mais secretos lances d'este eterno drama, que tem dois personagens unicos, ambos interessados em não se denunciarem ao mundo hostil, desdenhoso, incredulo ou cruel.

Como quer que seja, a verdade é que não havendo mais documentos a não ser estes, só d'estes é que podemos tratar, só estes estão sujeitos á acção da nossa critica.

Houve um commentador francez — que o

Sr. Luciano Cordeiro cita e que elle leu, como leu tudo que diz respeito ás celebres *Cartas* — o qual tem principalmente contra a sua authenticidade as contradicções continuadas que as assignalam. Se é só isso, é bem pouco para quem conhecer bem o coração humano, e principalmente o coração da mulher! . . .

Ninguém dirá que o estado de exaltação, a febre, a inquietação convulsa, que são os mais evidentes symptomas d'uma paixão d'este genero e d'este excesso, na sua crise decisiva, sejam admissiveis n'uma pessoa na posse da sua perfeita razão.

Um sentimento d'estes, — no grau agudo, no phrenesi perigoso, a que o fazem attingir a contrariedade, a separação, a duvida, — é feito de incoherencias como uma loucura. É a *demencia sagrada* dos antigos.

Quando uma pobre mulher ama, como amou a freira portugueza, perde todas as faculdades de que dependem o raciocinio, a prudencia, a justa comprehensão das coi-

sas! É uma doente de quem devemos ter dó! embora não possamos deixar de reconhecer que nem a todos, seria dado padecer d'esta violenta mas aristocratica enfermidade, que só ataca os organismos de eleição.

A alma, esmagada pela dôr incomportavel que a estorce e dilacera, tem gritos de angustia brutal e egoista, intercalados com as visões fugitivas do passado em que foi feliz e se julgou amada...

Por isso chora e ri, por isso suplica e maldiz, por isso se fica extatica, na contemplação d'uma imagem luminosa e pura, que passa no horisonte, e se subverte logo no abysmo sem fundo do seu desespero infernal!

Teem de tudo isto as *Cartas da Freira Portugueza*.

Só as posso realmente comparar ás de mademoiselle de Lespinasse, mas esta que tem de certo menos genio, muito menos do que a sua irmã portugueza, pertence a uma so-

cidade extremamente civilizada, e sem querer, involuntariamente, põe litteratura inconsciente, põe reminescencias que não pode apagar de leituras apaixonadas e eloquentes, nas suas cartas inflammadas, escriptas a um militar tambem, chamado mr. de Guibert, e tão egoista, tão ingrato, tão pouco digno da paixão que inspirou, como o Chamilly da pobre e obscura portugueza.

Oh! esta não vivia n'uma cidade em que ha no ar particulas impalpaveis de talento, de espirito e de graça, como a famosa amiga de Alembert; esta não tinha por frequentadores da sua casa, por familiares do seu salão Turgot e Montesquieu e Malesherbes, e os primeiros talentos da França... Esta não conhecia toda a litteratura d'um seculo, em que os livros reinavam, e em que a palavra escripta e a palavra volante, que leva em si faiscas de lume vivo, constituiam a suprema voluptuosidade do espirito humano, como nunca, cultivado e requintado.

É talvez o supremo triumpho de made-

moiselle de Lespinasse o ter sabido amar assim n'um tempo de artificio em que se *pensava* muito e se *sentia* muito pouco. Mas se nos espanta a vitalidade e o viço nativo do seu coração, não nos espanta nada a graça, a adoravel eloquencia da sua phrase...

A outra, a nossa pobre alemtejana, nunca tinha saído de uma terra humilde da sua monotona provincia, nunca tinha conhecido senão a clausura mesquinha d'um convento de freiras ignorantes, nunca tinha respirado outra atmospheria que não fosse a atmospheria de mysticismo ardente, ou de grosseira devoção do seu mosteiro ignorado.

Conhecia provavelmente os livros mysticos que se liam ahi, aprendera nas paginas ardentes, d'um fetichismo material tão irritante para quem hoje os lê, as phrases de amor que pôde repetir ao seu amado, e que, ditas por ella, regadas pela seiva quente do seu coração, desabrochavam n'um luxo de côres e de perfumes, que em outros labios não poderiam ter.

«Estou decidida a amar-te toda a vida e a não querer a mais ninguém! Digo-te que farás bem igualmente em não amar outra. Porventura poderia contentar-te uma paixão menos ardente do que a minha?

Isto diz a freira n'uma das horas em que ainda julga possível que o amor *d'elle* subsista e a acompanhe de longe.

«Meu amor: amo-te como se deve amar com excesso e loucura, com transporte e desespero, — diz, um seculo mais tarde, a apaixonada Lespinasse — já não tenho opio no cerebro, nem no sangue; tenho peor do que isso. Tenho alguma coisa que faria amar a vida, bem dizer Deus, se o ser que amâmos sentisse connosco e respondesse á nossa voz!»

«Ai, por que tanto te encarniçaste em fazer-me desgraçada? por que me não deixaste tranquilla no meu convento? Fizera-te

eu algum mal?... Mas perdôa, meu amor!
De nada te culpo...»

Isto diz a soror Marianna, accusadora e supplicante a um tempo.

Na mesma disposição de espirito a Lespinasse escreve ao seu amante:

«Sim, devias amar-me loucamente! não exijo nada, perdôo tudo, não tenho nunca um movimento de colera contra ti.

Meu amor: sou perfeita, porque te adoro na perfeição!»

«Vejo muito bem que és tão facil em te deixares mover contra mim, como eu o fui em me deixar convencer em teu favor. Sem precisar valer-me de todo o meu amor, e sem querer saber se terias feito por mim alguma coisa de extraordinario, eu teria resistido facilmente a muitas melhores razões do que podem ser as que te moveram a deixar-me. Ter-me-hiam parecido muito fra-

cas, e nenhuma haveria que tivessem podido arrancar-me de ti.

«Mas quizeste aproveitar os primeiros pretextos que se offerciam para voltar a França. Partiu um navio? Por que o não deixaste partir? Escrevera-te a familia. Não sabes as perseguições que soffri dos meus?

«A tua honra obrigava-te a deixar-me. Cuidei eu da minha? Tinhas de ir servir o teu rei? Se quanto dizem d'elle é verdade, não tem necessidade alguma do teu auxilio e haver-te-hia dispensado d'elle.

.....

«Bem sei que te amo como uma doida. Não me queixo, comtudo, de toda esta furia insana do meu coração.

«Costumei-me ás suas tribulações e não poderia viver sem este prazer a que me apego de te amar no meio de mil penas.

.....

«Que faria, coitada de mim, sem tanto

odio e tanto amor quaes me enchem o coração.»

Ouçamos mademoiselle de Lespinasse:

«Sabes por que te escrevo? Porque é só isso que me dá gosto! Talvez o não soubesses nunca se eu me não lembrasse de t'o dizer!

.....

«Não és meu amigo, não podes vir a sê-lo; não tenho a menor confiança em ti. Fizes-te-me o mal mais profundo e mais agudo que possa affligir e dilacerar uma alma honesta; privas-me, agora, e de certo para sempre, da unica consolação que o céo concederia aos meus dias futuros. Emfim, que hei de acrescentar? Ennegrecestes-me a vida inteira! Passado, presente e futuro só me offerecem dôres, saudades, remorsos... Pois ouve: sei, penso, raciocino isto tudo, e sinto-me arrastar para ti por uma attracção,

por uma força que abomino, e que tem o poder da maldição e da fatalidade. . .

«Que dirias d'uma desgraçada creatura, que se te apresentasse pela primeira vez, agitada, convulsionada de tão diversas e tão constrictorias commoções? Tinhas de certo dó d'ella; desejarias soccorrel-a e confortal-a. O teu bom coração sentir-se-hia abalado. Gostarias de dar allivio a essa desgraçada. Pois bem! sou eu, eu que estou assim deante de ti; esta desgraça immensa és tu quem a causa, esta alma de fogo e de agonia é a tua criação. . . .»

«Fizeste-me ha cinco ou seis mezes uma confissão molesta — disseste-me francamente, que amavas uma senhora no teu paiz: — escreve a freira portugueza. Se é ella quem te impede de voltar dize-m'o sem escrupulo, para que eu me não consuma ainda mais. Amparo-me por um resto de esperança, e preferira, se ella não deve reanimar-me, perdêl-a inteiramente e perder-me, eu, com

ella. Manda-me o retrato d'essa senhora com algumas das suas cartas. Conta-me o que ella te diz. Acharei n'isso, talvez, motivo para me consolar ou me flagellar ainda mais. . . »

Não se percebe bem, n'este pedido absurdo, n'esta incoherente exigencia, a humildade e a lucura allucinante, que ora prostam a infeliz creatura, ora a sacodem em vertigens de desespero?

Quer *flagellar-se mais*, sentindo voluptuosidade estranha n'aquella recrudescencia do supplicio. Quer sobretudo conseguir que elle lhe escreva, que elle lhe responda, embora para lhe fallar d'outra.

Tambem a Lespinasse é quem, pela sua grande influencia social, consegue *estabelecer* por um bom casamento o egoista que lhe explora a exaltação sentimental.

E quando encontra madame de Guibert, a esposa do seu *senhor*, elogia-a humildemente, interessa-se por ella, ama-a, talvez,

pela felicidade que d'ella provem ao seu idolo.

Vê-se, pois, que no supremo paroxysmo, a que esta paixão pode chegar, ella apresenta os mesmos symptomas, as mesmas preversões morbidas, as mesmas desesperadoras contradicções, na instruida e talentosa amiga dos encyclopedistas e dos philosophos do seculo XVIII e na ignorante, na obscura, na enclausurada amante de Chamilly.



III

Uma vez, receando que a sua lamentação plangente, — em que a mesma nota supplice e dolorida se repete, n'um ritornello perpetuo que é, sem querer ser, uma victoria do genio, — enfastie o amante ingrato, a freira murmura humildemente:

«Convenço-me muitas vezes de que não devo exprimir-te amargamente os sentimentos que desdenhas.

«... Fizera o proposito de te escrever por maneira que podesses lêr-me sem aborrecimento. Mas bem extravagante vae já esta carta, devo encerral-a.

«Ai que não me sinto com forças para o fazer. Parece-me que te fallo, quando estou

escrevendo-te, e que de algum modo estás comigo.

«A primeira que te escrever não será tão extensa nem tão importuna (acho adorável esta phrase que sublinhei). Podes abril-a com esta certeza que te dou.

«O official, que deve levar-te esta carta, pela quarta vez me manda dizer que precisa partir.

«Como está apressado! Abandona sem duvida n'esta terra alguma desgraçada!... Adeus. Mais me custa fechar esta carta do que te custou deixar-me talvez para sempre. Adeus. Não me atrevo a dar-te mil nomes de amor, nem a entregar-me sem constrangimento a todos os meus impetos. Amo-te mil vezes mais do que a vida e mil vezes mais do que penso. Como me és querido e como me foste cruel!... Não me escreves... Não pude cohibir-me de te dizer isto outra vez. Vou recomeçar, e o official que se vá embora.

«Que importa? que parta.. Escrevo

mais para mim do que para ti (tal qual como a outra!) Busco apenas alliviar o coração. Também o comprimento d'esta carta vae metter-te medo... Não a lerás. Que fiz eu para ser tão desditosa?... E por que me envenenaste assim a minha vida?

«Ah! por que não nasceria em bem longe d'esta terra! Adeus. Perdoa-me! não me atrevo já a pedir-te que me ames. Vê a que me reduziu o meu destino! Adeus



Citei todo o final d'esta segunda carta e tenho a certeza de que o leitor m'ò ha de agradecer. *O movimento* de todo este trecho é perfeitamente maravilhoso!

Não ha escriptor dramatico que fosse capaz de interpretar assim a desordem d'uma paixão, na sua crise mais aguda, na sua angustia flagelladora e suprema.

Nem Shakespeare encontrou na sua al-

ma poderosa, notas d'uma verdade tão flagrante, gritos de desespero e de amor d'uma tão tragica profundeza!

Essa mulher teve genio; e bem diz o Sr. Theophilo Braga quando classifica as *Cartas* como o documento psychologico mais sentido, que a alma portugueza apresenta em todo o seculo XVII.

O instincto amoroso de Marianna, tão forte e tão violento, que irrompeu atravez dos obstaculos de todas as ordens que se lhe oppunham ao definitivo triumpho e tambem á immensa desventura; — obstaculos postos pela religião, pelas leis, pelos costumes, pela moral, pela familia, pelo pudor feminino, sempre forte nas naturezas impetuosamente apaixonadas como era a d'ella, — o seu instincto amoroso suggeriu-lhe requintes de expressão, graças de estylo, encantos de linguagem, movimentos e contrastes dramaticos, que fariam a fortuna d'um grande artista.

Como ella se parece em tudo e sempre

com a outra, a que teve como ella os mesmos impetos e as mesmas humildades, a mesma violencia de sentir e de soffrer, o mesmo deleite voluptuoso em submergir-se na dôr!

«Amar e soffrer, o Céu ou o Inferno, eis o que eu queria conhecer eis o clima que eu quereria habitar.»

E n'outra parte mademoiselle de Lespinasse repete ainda: «Não conheci senão o clima do Inferno, e algumas vezes, bem poucas, o do Céu!»

«Vivo, existo tão intensamente, diz ella, paraphraseando ainda inconscientemente a *freira portugueza*, que ha instantes em que me surprehendo a amar doidamente o meu infortunio e o meu martyrio.»

«Agradeço-te do coração as mortificações que me causas, e aborreço a tranquillidade em que vivia antes de te conhecer. (Carta 3.^a)

«Vejo claramente qual poderia ser o remedio para todas as minhas penas. D'ellas

me livraria logo que deixasse de te amar. Mas ai de mim! Que remedio! . . . Não. Prefiro soffrer mais ainda do que esquecer-te. E depende isto de mim? Se nem posso reprehender-me de ter imaginado, um momento que fosse, não continuar a amar-te!

«Que ainda mais digno de lastima és tu do que eu. . . Não invejo a tua indifferença e fazes-me lastima.

«Desafio-te a esquecer-me inteiramente!

E a mesma palavra flammejante continúa, enlouquecida, blasphema, cantando em delirio o hymno triumphante da Paixão!

Tudo para ella é secundario; nada vale aos seus olhos. Perdeu o remorso da culpa, perdeu o arrependimento da derrota, perdeu a humilhação do abandono! Ama e glorifica a dôr que a tortura; ama e prostrase, ante o *deus* que lhe enterrou, no coração aberto, as sete espadas agudas, que lh-o estão dilacerando perpetuamente. . .



N'este excesso, n'esta vertigem estonteadora, n'esta explosão de cratera, o espectáculo da alma humana em lucta com o Destino, deixa de ser immoral á força de ser lamentavel e tragico.

Não ha perigo de que uma loucura d'estas se communique. Não ha ninguem que deseje conhecer tal supplicio. Só raros organismos, mais fortes ou mais desequilibrados, sentem assim. E então, deante da Fatalidade que os esmaga, só deve fazer-se ouvir a voz d'uma commiserção sem fim.

C'est Venus toute entière á sa proie attachée.

Os antigos, n'isto bem mais *humanos* do que nós, quando defrontavam com um d'estes raros exemplares de paixão demoniaca, inclinavam-se assombrados, e não attribuiam á creatura a responsabilidade das suas allucinações. Ao *Deus* que habitava temporariamente n'ella, e que a fazia estrebuchar na mysteriosa epilepsia sagrada, é que elles sentiam que todo o poder pertencia n'este caso.

Pobre Marianna! pobre mulher de genio, que se tivesses nascido n'outro meio haverias sido tão grande, e tão nobremente virtuosa, talvez! Tinhas entranhas em que a vida palpitava e que sentiam em si os estremecimentos sagrados de que a vida provem; tinhas coração capaz de amar profundamente e de não esquecer mais; fôras creada por Deus para as santas alegrias humanas da familia, da maternidade, do sacrificio inexgotavel e ardente! Agarraram em ti, encerraram-te n'uma clausura estreita, metteram-te nas mãos toda uma litteratura de vizonarias e de nevroticas, em que as palavras do mais concreto materialismo servem para representar symbolos, abstracções e sonhos; preverteram-te as faculdades nativas, derrancaram-te a robusta e sadia organização!

Em ti a seiva fez-se veneno, e o sangue que circulava nas tuas veias em vez de, na sua combustão e no seu renovamento perpetuo, te dar vigor ao cerebro, força aos musculos e ar aos pulmões, infiltrou-te a lan-

guidez morbida, ou o ardor doentio das perturbadas e das mysticas...

Quando o homem fatal appareceu na tua vida, tudo em ti estava já preparado para a tragedia que te tornou immortal! Pobre Marianna! Que esposa divinamente amorosa e boa, que mãe ineffavelmente dedicada, tu haverias sido, se este mundo não fosse, desde sempre, povoado de loucuras, de preversões e de fatalidades irreductiveis e dominadoras...



Resta-me fallar na *reconstituição* do texto portuguez, feita com tanto amor pelo sr. Luciano Cordeiro.

Não conhecendo as outras traducções, nem tendo, na abençoada solidão campestre d'onde escrevo estas linhas, sempre rapidas, meio algum de as haver agora, não posso, é claro, fazer comparações. Mas desde já sou ca-

paz de jurar que esta ultima é de todas a melhor, a mais em harmonia com a geração a que é destinada.

Que horror que não será o boleado de phrase, e o trocadilho rhetorico, e as *fiorituri* classicas de Fylinto, applicados á preciosa trama, tão simples, das *Cartas!*

No emtanto, não posso deixar de confessar que a traducção do sr. Luciano Cordeiro, com ser quasi sempre excellente, ainda em certos pontos, em certas palavras, em certas phrases, me não satisfez.

Oh! que deliciosa não seria uma versão por quem *não soubesse a lingua!*

Perdõem-me a irreverencia! Já agora a minha *tinêta* é incuravel. Hei de morrer impenitente!

O sr. Luciano Cordeiro é purista em demasia: sabe muito bem a sua lingua, não se atreveria a intercalar no texto, que elle quiz tornar genuinamente nosso, gallicismos, incorrecções, palavras suas, sem autorisação de bons autores. *Noblesse oblige*, bem sei.

Eu cá tinha-lhe mettido a esmo o que traduzisse mais energicamente o sentimento nada *classico*, nada *orthodoxo*, nada *autorizado* da infeliz freira.

Ainda agora, quando estava a copiar trechos soltos das *Cartas*, recusei-me furiosamente a escrever — *sentimentos que refuzas*. Ficava mal com soror Marianna, se tivesse de attribuir-lhe aquelle verbo.

Tambem não pude *prendre sur moi* de escrever — *como me és tyranno!* Arranjei não sei o quê, para substituir a phrase, que ficaria assim levemente pretenciosa.

Bem sei que hão de dizer-me, e com toda a razão: A Soror Marianna lia muito a litteratura mystica, conventual e devota d'aquelle tempo; usava das phrases mais em voga n'esses livros, reverdecidas, e como que requintadas ainda, pelo seu talento natural de expressão, que é de incontestavel originalidade. Fazel-a escrever como hoje escreve, incorrectamente e *afrancezadamente* qualquer mulher d'este tempo, seria um deplo-

ravel anachronismo, um erro litterario sem perdão.

Sim, senhores, é verdade; eu bem sei que a rasão toda está da parte de v. ex.^{as} Mas não importa. Eu cá teimo na minha. Não gosto de *moção* (por *emoção* ou *commoção* ou *impressão*), não gosto do tratamento da ultima carta.

O senhor! o senhor!...

É de uma vulgaridade e de um plebeismo atroz este tratamento! . . .

O sr. Luciano Cordeiro nota, com toda a sagacidade, que seria difficil fazel-a tratar por *tu* o homem de quem, depois de tão crueis e covardes ingraticões, se despedia por fim e para sempre!

Mas antes isso!

Antes um *tu* illogico, do que um *senhor* tão mal soante.

Quiz fazer as minhas restricções e as minhas criticas para provar bem a attenção com que li, e a sinceridade com que me atrevo a julgar.

Mas ser-me-hia impossivel terminar estes artigos rapidissimos sem manifestar bem ao critico e ao traductor quanto a sua bella obra me encantou.

Tinha enormes difficuldades a versão — ou antes a reconstituição — pelas circumstancias especiaes de ordens diversas que o leitor já conhece; o sr. Luciano Cordeiro venceu-as a quasi todas com rara e notavel felicidade.

Ha tão pouco quem, no nosso paiz, se interesse pelas coisas que nos pertencem, que a empreza a que elle se abalançou é profundamente sympathica.

Depois, n'este livro, que todos hoje quererão por força possuir, o escriptor desenvolveu, além da sagacidade penetrante e da erudição profunda, uma sensibilidade, uma elevação de sentimento, que bastariam para marcar-lhe um logar distincto entre os nossos escriptores.





O IMMORTELL

DE

ALPHONSE DAUDET



Paiz publica n'este momento em folhetins a traducção d'este romance, o ultimo saído da penna de Daudet.

E pois optimo ensejo, e occasião appropriada entre todas, para conversar a respeito d'elle com as minhas leitoras do Brasil.

Dizem os observadores desattentos, que este trabalho é dos mais imperfeitos que Daudet tem realisado.

Provém esta critica superficial de não metterem em conta as condições especiaes a que este romance está fatalmente subordinado.

É um assumpto muito restricto, muito particular. Não pode chamar-se ao *Immortel* um romance *parisiense*, sendo todavia *humano* nas suas analyses, sendo *parisiense* nos seus personagens.

É comtudo uma familia particular da humanidade, uma classe especial de Paris, que elle estuda, observa, analysa e põe em relevo.

O que Daudet quiz foi propriamente escrever um pamphleto contra a Academia.

Tendo a *Academia* por uma instituição anachronica, e em completa desharmonia com o meio em que funciona e actua, fez a tentativa feliz de revellar-lhe o mechanismo occulto, as escondidas engrenagens, os erros, os ridiculos a que, pelo facto de ser desnecessaria e portanto de ser funesta, ella arrasta, fatalmente, aquelles a quem empolga, em uma das rodas complicadas do seu absurdo e antiquado systema.

Mas como as qualidades do talento de Daudet são a graça, a ironia, o *charme*, a

imaginação, a sensibilidade, a viveza de estylo,—d'este pamphleto, que outro qualquier tornaria oppressivamente fastidioso, fez elle uma pintura de costumes e uma representação de caracteres verdadeiramente encântadoras.

Em volta de Astier-Rehu, o principal personagem, gravitam umas poucas de figuras, qual d'ellas mais *viva*, mais interessante, mais profundamente estudada e espirituosamente traduzida.

A ironia, aquella ironia meridional, tão rica de effeitos imprevistos e de observações *humanas* e verdadeiras, faz explodir pelas paginas d'este livro fóra, todas as girando-las multicôres dos seus mil fogos de Bengala.

Para bem apreciar o acre sabor d'este livro de observação e de sarcasmo, é preciso seguir, ainda que muito rapidamente, a evolução mental que fez, do Daudet dos primeiros contos e das primeiras narrações deliciosamente commovidas, o moralista dolo-

rido e vibrante, o amargo e ironico observador da *Sapho* e do *Immortel*.

Elle começou a vida litteraria como um sonhador e como um poeta. Não foi como tantos outros um *realista* systematico, um pessimista de escola e de doutrina, condemnando a vida de *chic*, antes mesmo de ter vivido. Pobre, triste, desalumiada de alegrias foi a sua infancia, como provam as paginas tão docemente patheticas do *Petit Chose*; mas apesar d'isso, Daudet não começou vendo a existencia pelo lado escuro porque a veem os desilludidos e os velhos.

O seu desdem pelas coisas e pelas pessoas, não é um *parti pris* de espirito descontente e atrabiliario. Pelo contrario. A alma d'elle é uma alma luminosa e bella, accessivel a toda a casta de sensações e de imagens agradaveis.

Foi envolvido na poeira azul do Sonho, que o mundo exterior se lhe revelou pela primeira vez. Escreveu versos e contos da *carochinha*, cheios de graça imprevista, de

imaginação e de sensibilidade. Percorreu estados muito diversos, até chegar, por uma gradação successiva, a este momento de desdem benevolo, de ironia omnipotente, que é, por assim dizer, a derradeira metamorphose do seu espirito.

Mas não perdeu nenhuma das antigas qualidades, ao adquirir com o andar dos tempos, com a acção directa da vida e da experiencia, as faculdades que ainda lhe faltavam.

A observação miuda dos factos não desluziu em Daudet a imaginação alada e creadora; o poder da analyse não destruiu n'elle a viveza da sensibilidade e o encanto estranho e raro do sentir.

É mais severo, mais triste, mais cruel ás vezes; talvez que elle concluísse tambem pelo pessimismo, apezar de ter começado pela facil e alegre phantasia, mas esse pessimismo é perdoavel em quem tem vivido, conhecido, experimentado e soffrido.

É tão delicada e tão vibratil a organisação de Alphonse Daudet, que é fóra de du-

vida que este artista tem soffrido, ao contacto rude das coisas, muito mais que o commum dos homens.

Este dom do soffrimento, este condão das lagrimas, este segredo da humana ternura, revelam-se na delicada pintura que elle sabe fazer das almas vencidas pelas fatalidades da vida.

Quem se não lembra d'aquella pallida e doce *Desirée*, do *Fromont jeune*, d'aquella resignada e silenciosa figura de trabalhadora e de martyr, que morre por não poder já com o peso da vida, mas que até na revolta suprema tem um *não sei quê* de mysteriosamente resignado e de meigamente passivo

E o *Jack*, o typo mais doloroso e mais suggestivo de todos aquelles em que o sopro de Alphonse Daudet imprimiu vida, uma vida aerea e fragil, mas que ainda assim não pode esquecer-se mais? . . .

Daudet não dá, como Zola, aos seus leitores, uma ideia de força brutal, de potencia

indisciplinada; não inspira, como os Goncourts, um vago cansaço, proveniente da *preciosidade*, do *amaneirado* da sua concepção da vida e da arte; não espanta nem assombra, como o poderoso creador que se chama Balzac.

O que elle inspira é uma sensação correspondente á que nos suggerem as coisas harmonicas, ponderadas, equilibradas entre a razão e a ironia e entre o sentimento e a verdade.

Vê-se que em Daudet o coração sente, a cabeça raciocina, o espirito observa e a razão estabelece o equilibrio entre diversas faculdades.

A sua ironia tão viva, tão pittoresca, tão animada, resalta naturalmente do contraste das coisas. Elle *não força a nota*; não tem decididamente empenho em que o mundo nos appareça como um espectáculo revoltante e grotesco; mas não se esquiva ao contacto das realidades, nem se furta ás duras contemplações da verdade brutal.

A pouco e pouco a vida tem-no desilludido de muita coisa, mas a sua amargura resolveu-se em ironia benevola.

Não sonha já uma humanidade ingenua e candida, como a que transparecia idealmente nos seus contos chimericos, nos seus contos *azues*; mas nem por isso odeia a humanidade tal como é — com as suas paixões e com os seus erros, com os seus ridiculos e com as suas vaidades, com as suas dôres ephemeras e as suas ephemeras alegrias,—porque a Natureza a creou assim, e porque ella não pode resgatar-se do barro primitivo em que foi amassada e modelada.

Emquanto os outros se indignam, elle sorri.

Acha que o sorriso basta, como protesto, como lição, como vingança; e é esta ironia transcendente a faculdade que hoje predomina na sua obra.

Elle, homem e artista — percorreu o cyclo de sensações e de ideias, que a humanidade

percorreu tambem antes de chegar a este periodo de positivismo experimental.

Amcu ingenuamente e puerilmente, e traduziu no lyrismo facil dos primeiros versos essa visão inicial das coisas.

Depois idealizou a vida, deixou que a sua imaginação, quente e feliz, voasse sem obstaculos pelos campos indefinidos da chime-ra, e deu-nos nos seus contos e nos seus primeiros livros a revelação d'este estado d'alma tão radioso e tão ephemero

Mais tarde, desperta a razão, excitada quasi doentiamente a sensibilidade, requintada a faculdade de fazer repercutir em si mesmo a dor universal, elle escreveu *Jack, Fromont Jeune, Les rois en exil*.

A *Sapho* e o *Immortel* correspondem já a um periodo mais complexo e mais progressivo.

A vibratilidade dolorosa dos nervos foi temperada pela tenacidade da analyse; a piedade tão grande, tão dolorosa, que chegava a ser mobida, achou na ironia o seu antidoto efficaz.

Esta educação preparatoria explica a sua obra. De resto não ha ninguem que lhe dispute a superioridade no genero que escolheu. Nem a força de Zola se antepõe hoje ao equilibrio perfeito de Daudet.

Dadas estas rapidas e incompletissimas notas sobre a personalidade artistica de Daudet, entremos na analyse do seu ultimo livro.

Considerado como romance propriamente dicto, já se vê que o *Immortel* tem muitos pontos fracos. Basta, para a leitora se convencer d'isto o não ter um entrecho interessante, nem um amor que occupe o primeiro plano, e que lhe absorva a attenção.

E' uma procissão de typos muito bem estudados; é uma espirituosa e por vezes cruel caricatura da classe academica; é uma successão de observações cheia de maliciosa e inolvidavel graça. Tem ditos que illuminam subitamente profundezas insondaveis do ridiculo humano; tem phrases que *marcam* como o ferro em braza, ou que ficam na cir-

culação como medalhas de ouro, artisticamente cunhadas.

Daudet conheceu quasi todas as figuras que retrata, e se alguma coisa torna um pouco inverosimil o seu livro é ser elle composto de factos verdadeiros. Condensar na vida d'um só personagem, — com o seu temperamento individual, a sua educação, as suas qualidades adquiridas ou herdadas, os *tics* especiaes do seu mister, as circumstancias accidentaes que o teem modificado n'este ou n'aquelle sentido — condensar na vida d'um só personagem factos e acontecimentos que succederam a uns poucos, é produzir fatalmente, com elementos verdadeiros, uma obra falsa. Na arte, a *verdade* não é sempre aquillo que succedeu, porem aquillo que era logico e natural que succedesse.

Vejamos agora, entre os typos do *Immortel*, aquelles que mais nos interessam.



II

Paul Astier é realmente uma das figuras mais *vivas* do livro; é com justiça que Vedrine inventa, para lhe applicar, aquelle exótico qualificativo de *Strugglleforlifeur*.

Desde as primeiras paginas em que apparece, lançando de corrida um distraido, ironico e irrespeitoso: — *Comment va le maitre?* em pleno rosto *immortal* do seu ingenuo progenitor, até ao casamento com a duqueza Padovani, cujo sinistro e mysterioso desenlace o autor deixa adivinhar ao nosso espirito, — nem uma contradição, nem uma falha, nem uma *nota falsa*, n'este typo de moderno e civilizado *condottiere*, cujas armas são a correcta e postiga amabilidade, a *toilette* irreprehensivel, a linha de distincção mentirosa, a hypocrita doçura de ma-

neiras, a esperteza ladina, prompta para toda a estrategia defensiva, e cujo fito unico —atravez das maximas vilanias, e dos crimes mais revoltantes, é: a riqueza, a posição elevada, a victoria social alcançada á custa dos mais fracos ou dos mais ingenuos!

De uma infinidade de homens no genero perigoso de Paul Astier — o frenetico ambicioso de fortuna e de brilho — está povoada a moderna sociedade democratica de todos os paizes e de todas as raças!

Parvenir, chegar, vencer, sem que haja obstaculos que se opponham á velocidade da carreira impetuosa e temeraria: eis a suprema ambição de todos elles!

Todos os crimes são permittidos, menos os crimes previstos pela lei; todas as covardias são admittidas, menos as covardias visiveis que o *Codigo da Honra* condemna e castiga; todas as especulações são legitimas, menos as especulações que atirem com os seus auctores para uma penitenciaria, ou para uma colonia penal.

Estes terriveis caçadores da fortuna accumulam-se e acotovelam-se, ferozes de cubiça, á entrada de todas as carreiras lucrativas, em volta de todas as herdeiras opulentas, ao lado de todos os logares proveitosos. São os mais fortes, e está de tal forma constituida a sociedade contemporanea, que é para elles fatalmente a victoria appetecida !

Quanto mais o mechanismo social se complicar, e se tornar difficil de funcionamento e de manejo, mais aquelle que possui a força —aquella *força* que tornou a ser a lei suprema a que os homens se subordinam — tem em seu favor as provabilidades da victoria.

Paul Astier é o typo d'esta familia de lutadores, terrivelmente fortes e terrivelmente traiçoeiros. E Daudet estudou-o com aquella agudeza de analyse que o distingue, e fel-o *viver*, com aquella intensidade creadora que é um dos milagres do seu cerebro.

Freydet, o ingenuo e crente provinciano, simples de coração, que a Academia enton-

tece com a visão das suas glorias officiaes; o *candidato* eternamente esperançado e eternamente illudido, que principia por ser bom, delicado, capaz de dedicações e de sacrificios, e que a pouco e pouco — morbidamente invadido pela *idéa fixa*, polypo monstruoso e ridiculo que se alimenta da mais pura substancia do seu ser, — se deixa corroer por ella, até perder as suas fortes qualidades moraes, tambem é um *achado* feliz d'este livro, que é principalmente precioso pelas observações parciaes que apresenta.

São tantos, porem, os personagens que atravessam a scena, que seria impossivel ao artista fixal-os a todos na tela com o esmero e cuidado que lhe merecem aquelles dois.

Muitos dos outros passam rapidamente, e ás vezes é a sua sombra um tanto em geito de caricatura, que nós avistamos.

Aquella Academia, que desfila processionalmente no dia do enterro de Loisillon, é mais a caricatura da douta assembleia do que a propria, em corpo e espirito.

A Academia Franceza não é, positivamente, uma reunião de grotescos!

Bastariam para lhe dar lustre e gloria os contemporaneos que se chamam Renan, Pasteur, Dumas filho, Leconte de Lisle, Coppée, etc.

O espirito, a *verve* franceza, estão alli deliciosamente representados por Halévy, por Pailleron, pelo proprio Sardou.

Por consequencia, o que para mim tem de menos recommendavel o *Immortel* é justamente a sua idéa inicial. Como descripção sarcasticamente feita d'um certo recanto da sociedade franceza, acho-o delicioso; como pamphleto contra uma classe inteira, acho-o injusto e exagerado.

Aquelle pequenino mundo *academico* é movido por vaidades, ridiculos, ambições, empenhos, intrigas minusculas, que Daudet *apanhou* em flagrante, com maravilhosa dextreza. Tudo que elle evoca d'esse pequeno mundo á parte é cheio de graça e de verdade.

Mas a Academia não é só aquillo, se bem que, nos elementos variadissimos de que ella é a resultante, aquillo entre tambem em muito larga escala.



A duqueza Padovani, cujo retrato physico lembra immenso a princeza Mathilde; a princeza Colette de Rosen, cuja viuvez, teve, na sua primeira noite luctuosa, os requintes e as exagerações romanescas, que tão celebre tornaram a viuvez de uma duqueza muito conhecida no segundo imperio; o pobre Astier Réhu, cuja terrivel *illusão perdida* de falsos autographos, é um facto verdadeiro, se bem que inverosimil, succedido a um academico já morto; Vedrine, o adoravel artista em quem Daudet se quiz visivelmente representar — todas estas

figuras diversas teem uma vida sua, uma vida distincta, uma vida halucinante. A gente vê-as passar e fica-se lembrando d'ellas, como de pessoas suas conhecidas.

Mas o que tambem não pode mais esquecer é a malvadez de Mme Asty, aquella vibora feita mulher, aquella femea invejosa, cujos baixos instinctos e cujas manobras tortuosas rematam sempre felizmente por um *fiasco* muito consolador.



As paginas do *Immortel* estão polvilhadas de espirito, como as azas da borboleta estão polvilhadas de poeira radiosa.

Os ditos esfuziam, as observações causticas succedem-se, com scintilações tremeluzentes e deslumbradoras; cada phrase é uma gotta em que se condensam as essen-

cias mais subtis, mais penetrantes, mais capitosas e mais raras . . .

Que pena de não as poder relembrar todas com a leitora!

Que pena não poder extrair de cada uma a larga philosophia que contem em si, como um dedal de essencia de rosas contém o extracto de mil rosaes!

Mas não é de rosas esta philosophia, oh! não! É amarga e triste como a que distilla a experiencia da vida, e da vida parisiense sobretudo, muito mais ardente, muito mais intensa, muito mais desmoralisadora do que nenhuma outra!

Para provar quanto sarcasmo terrivel, quanta ironia morbida e cruel se tem lentamente accumulado no espirito d'esse primitivo sonhador que se chama Daudet, veja-se a scena do cemiterio entre a viuva de Herbert e o ambicioso architecto! Vejam-se os pensamentos que cada conviva guardava para si, no jantar da duqueza, emquanto que um sorriso uniforme, horrivelmente

falso, contorcia as bôcas e brilhava com faiscas de aço em todos os olhares . . .

É *na phrase* que Daudet triumpha sobre todos os seus collegas. Que rapidez de observação feliz em cada uma!

Quando elle falla da mulher de Vedrine, eil-o por exemplo que diz isto: «E a mulher d'elle approva tudo. Cavalga com elle as mesmas chimeras; *verdadeira esposa de artista*, silenciosa, calada, em admiração plena deante do marido . . .»

E fallando da paixão secreta — a paixão dos autographos,—que devora o infeliz Astier Rehu, Daudet tem esta observação rapida e profunda; «os seres humanos teem, na irradiação subita de uma paixão, aspectos, que até os seus mais intimos ignoraram!»

E a respeito do erudito que só conhece a vida pelo que o estudo lhe revela: «os seus olhos redondos de pedagogo não sabiam *ver* senão nos livros, sem noção directa das cousas reaes.»

Nos retratos dos differentes convivas ao jantar Padovani, encontro dezenas d'estas pequenas phrases, picantes e saborosas, que valem mais do que uma pagina inteira de reflexão laboriosamente accumulada.

«O gran-duque — *cabeça de soberano para jornaes illustrados*» E adeante, fallando em *Samy*, o diplomata academico, o tal, de quem se dissera que fazia baixar os olhos a Bismarck, nota o *seu duplo sorriso sybilino e dogmatico, da Carreira e da Academia.*

E, como este, mil ditos, mil observações profundas ou maliciosas, ricas de philosophia ou de *sciencia mundana*, em que se revela o artista vibrante, impressionavel, eternamente sensivel ao contacto das coisas exteriores e *soffrendo d'ellas*, com uma intensidade quasi feminil, que é talvez o segredo de toda a sua graça. Dizem que a perola é tambem o resultado de uma dôr.

Quando falla da obra balofa e convencional do desventurado Astier, attribue-lhe

a relativa importancia, a ser «repercutida n'um d'esses echos de montanha ensurdecedores e desproporcionaes, que a multiplicidade da imprensa periodica fornece a cada pequeno acontecimento contemporaneo.»

Vê Danjou soffrendo *no seu amor proprio de marido, este segundo figado muito mais irritavel do que o outro.*»

Mas para quê tentar pregar aqui, desastradamente, com um alfinete, dissecadas e mortas, as borboletas multicores, brilhantes de polen dourado, que voejam livremente nas paginas luminosas d'esse meridional, de espirito tão malicioso e tão vivo? . . .

Não consigo senão desfazer no espirito do leitor a sensação de frescura e de graça attrativa, de *charme* indizivel, que ellas de certo ahi deixaram ainda ha bem pouco.

Daudet não vê sómente o relevo e a côr das coisas, adivinha a alma occulta que as aviventa, e por um processo de maravilhosa suggestão, arranca de cada phisionomia o segredo multiplo e complexo da

sua *vida interior*. Cada individuo que elle contempla fixamente e que retrata com exactidão notavel, dá-lhe, ao mesmo tempo, a completa revelação das suas paixões mais occultas, dos seus vicios organicos, dos seus ridiculos adquiridos, e até, o que é mais singular, dos seus sonhos mais incoerciveis.

Para penetrar na vegetação inextricavel e phantastica do sonho interior, n'esse mundo de visões hallucinadas, que nenhuma lei conhecida explica ou subordina, tem Alphonse Daudet um dom de milagrosa segurança.

Elle lá vae seguindo o vôo inquieto de uma imaginação em cata do impossivel, como se o terrivel analysta do mundo parisiense pertencesse ao numero d'esses chimericos seres, para quem o unico mundo que existe é o mundo invisivel.

É que em Daudet o observador não prejudica o poeta. O escriptor naturalista, discipulo de Taine, lembra-se ainda do namorado sonhador da *Arlesienne* e das *Amou-*

reuses. No seu cerebro fundem-se, n'um accordo feliz, as faculdades mais contradictorias: a phantasia e a sensibilidade, a ironia e a razão.

De nenhum dos seus contemporaneos romancistas pode dizer-se outro tanto.





NA RUSSIA

O CONDE LEÃO TOLSTOI

Nós hoje, quando nos encontramos — quatro ou cinco, a quem as cousas do espirito preoccupam um pouquinho — perguntamos immediatamente: Tem lido os russos?

Os russos limitam-se por ora, para nós, simplesmente a dois. São Dostoievsky e Tolstoï.

Ora eu devo confessar que me interessam, principalmente, os livros do primeiro, e a figura e a vida do segundo.

Quando pela primeira vez Tourguenieff,

o patriarcha da litteratura slava — o que alcançou pelos seus estudos delicadissimos atrahir para ella a attenção superficial dos parisienses, e, depois, como consequencia natural, do resto da Europa latina, — levou a Flaubert uma traducção de Tolstoï, o auctor da Salamnbô exclamou com a sua voz de trovão e os seus grandes gestos truculentos:

— Mas isso é Shakespeare! Isso é positivamente Shakespeare!...

Aos meus olhos, muito mais profanos que os de Flaubert, Tolstoï está longe de ser Shakespeare, mas não póde negar-se que pertence á mesma familia de estranhos colossos.

Um critico que o estudou de perto, e conhece intimamente a lingua russa, diz d'elle que o seu espirito lembra a estravagante mistura de um chimico inglez e d'um budhista hindú.

E' esse mesmo quem diz que Tolstoï tem a visão clara, prompta, analytica de tudo que existe na terra, no interior do homem e no mundo externo.

Primeiramente o que elle vê, são as realidades sensiveis, depois o funcionar das paixões, os motores mais imperceptiveis de cada acção humana, e as mais leves perturbações da consciencia e da alma.

«Sempre preocupado de saber o como e o porquê d'um acto que se produz, por detrás da acção visivel procura o pensamento inicial, e não o larga sem que o tenha posto a nú, sem que o tenha arrancado do coração onde elle estava, juntamente com as suas raizes secretas e complicadas.»

Tolstoï escreveu dois romances monumentaes chamados a *Guerra e a Paz* e *Anna Karenine*, e além d'essas obras, que são consideradas das principaes, muitissimos estudos psychologicos de extraordinaria penetração e desusado alcance, que eu, ainda na mesma qualidade de profana, considero muito mais interessantes do que os grandes romances.

Katia por exemplo é um primor incomparavel.

Katia é um estudo da alma feminina, tão

finamente cinzelado que chega a parecer milagroso que um homem o tenha feito!

É a analyse das gradações muito lentas, muito difficeis de *notar*, pelas quaes um amor apaixonado entre dois sêres, que se casam, se transforma a pouco e pouco em tranquilla e serena e prosaica amizade. Que melancholia se respira n'este pequeno livro! que aroma fugitivo e doce de saudade e de inconsolavel tristeza! Nem a mulher, nem o marido teem verdadeira culpa, culpa consciente e raciocinada, da dolorosa transformação que se vae operando n'elles. É triste como tudo que não tem remedio! Ambos podiam ser felizes como se é feliz no paraizo, e sem que nem um nem outro queiram, a pouco e pouco, n'uma transformação lenta, gradual, infinitamente triste, o sentimento profundo e bello que lhes coloria e povoava a existencia, vae-se tornando uma cousa incolor, sem brilho, sem belleza e sem ideal! O que elles sentem ao conhecer isto, e a consciencia que ambos teem de que não ha remedio possivel

para este estado, que é talvez, no fim de contas, muito natural, que está em harmonia com tudo que os cerca e que elles teem occasião de observar na vida conjugal dos seus vizinhos, é d'uma delicadeza de observação, d'uma subtileza de analyse que se não excede.

Aqui a exaggeração mataria a belleza melindrosa e rara do assumpto escolhido. Um toque mais accentuado em qualquer dos personagens, uma amplificação emphatica de sentimento ou de palavra — e estava perdido o encanto poeticamente indefini el d'essa obra toda de sondagem psychologica, e de *notação* exacta e delicada dos diversos cambiantes d'um sentimento!

Achar a *nota justa*; eis a grande difficuldade que Tolstoï venceu a poder de sinceridade, de consciencia e de penetração.



Pouco a pouco, no entanto, percebe-se através das obras do escriptor, variadas e numerosas, o descontentamento indefinido e vago do homem.

O exercicio permanente que o absorve de estudar as paixões humanas e as suas engrenagens complicadas, afinando n'elle o sexto sentido da analyse, fornecendo-lhe maravilhosos utensilios para a sua dissecção permanente da vida, quer moral, quer intellectual e physica, vae pouco a pouco penetrando-lhe a alma de uma tristeza vaga, mas profunda. A tristeza dos *que sabem de mais*.

O pessimismo; a consciencia do incompleto, que é tudo; a certeza de que o pensamento é um mal, e a civilisação uma origem de soffrimentos requintadamente crueis, dolorosamente irremediaveis—apossam-se a pouco e pouco d'esse slavo, nervoso e excitado, cuja alma não poude com o peso das suas proprias descobertas psychicas!

E de repente, ou antes, em resultado d'um

trabalho interno que ninguém senão elle conhecia, o escriptor admiravel, que saboreava vivamente a embriaguez capitosa que dá a gloria aos que a possuem, renega os seus livros de paixão e de intensa emotividade; atira fóra com o seu passado gentilissimo de fidalgo, de sceptico e de extracivilisado; e começa a publicar livros obscuros de propaganda mystica; e só reconhece como irmãos, como companheiros e como amigos os miseraveis moujicks, que vivem do mais humilde trabalho manual; e eil-o que abandona a côrte onde tinha um lugar social proeminente, e vae para a aldeia mais obscura viver no meio do povo, trabalhar com o povo, vestir-se como o povo, esquecer tudo com que, segundo elle, uma *fatal educação* lhe perverteu o entendimento e as fontes da vida!

Não ha exemplo mais notavel e mais suggestivo do mal que corroe, até as mais intimas fibras, os filhos melhores d'este seculo exageradamente culto, e perigosamente im-

buido das mais diversas e oppostas theorias!

Tolstoï é o typo completo do homem superiormente cultivado do nosso tempo.

Sabendo tudo que sabe a *élite* dos seus contemporaneos, e tendo sobre ella a incontestavel vantagem d'um espirito apto para o estudo de todas as complicacões e de todas as particularidades da alma moderna; maravilhosamente preparado pela educaçãõ adquirida e pela disposiçãõ innata para, juntando e colleccionando os traços dispersos da physionomia social e moral d'este seculo, tirar d'elles a lei dominante que os explica; filho dilecto d'uma civilisaçãõ cosmopolita que é o resumo e o transumpto de dois milhares de seculos de labor e de pensamento humano; possuindo uma clareza de razãõ, uma nitidez penetrante de golpe de vista, uma concepçãõ do Universo verdadeiramente superior, uma philosophia ampla e laboriosamente adquirida,—que lhe faltava a elle, para sentir a consciencia da sua força,

a energia virtual do seu *ser*, e para gosar a vida, para elle tão opulenta, sem remorsos e sem perturbações mentaes?

Pois foi a sua propria superioridade que constituiu o suplicio novo e mortal de que elle escapou, renunciando voluntariamente a tudo que era, a tudo que sabia, e retrocedendo áquelle estado primitivo e simples, que é talvez a unica fonte onde o homem, *surmené*, pode hoje encontrar a felicidade e a paz! . . .

O ultimo livro de Tolstoï, cuja traducção eu li hontem, e que me inspirou o presente artigo, é a historia um pouco confusa, mas ardentemente inspirada, da sua conversão, ou antes da sua renuncia voluntaria aos bens e aos males da civilisação extrema.

O titulo da traducção franceza é este *Quelle est ma vie?* Parece-me no emtanto que o verdadeiro titulo russo vem a ser: *Que havemos de fazer?*

Tolstoï, descontente com o espectáculo

degradante e asqueroso que a miseria de Moscou, como a miseria de todos os grandes e populosos centros, lhe desenrolava diante dos olhos, tomou a peito o allivial-a e destruil-a! Esta aspiração, o meio de reduzir-a a factos positivos, fazem passar o escriptor por diversas gradações de espirito, por *etapes* moraes diversissimas.

Primeiro, julga que bastaria um pouco de oiro para annular e destruir a miseria, cuja contemplação tanto o affligia. Vê, porém, que essa miseria de aspecto invariavelmente o mesmo, tem causas diversissimas, origens incombativeis.

Pode acaso o dinheiro remediar o mal organico que se chama preguiça? o vicio que se chama embriaguez, roubo ou prostituição? A lepra moral com que a perfeita ignorancia de todas as leis e de todos os preceitos cobre de pustulas malignas a alma e o corpo dos desgraçados?

Á proporção que Tolstoi vae percebendo a impotencia do seu sonho humanitario,

vae tambem julgando vêr em si, e nos homens cuja posição pode equiparar-se á sua, verdadeiros cúmplices d'esse estado social que lhe causa tamanho horrôr. . .

É então que não podendo melhorar os outros, determina ao menos melhorar-se a si, e o homem que confessa ter vivido longos e longos annos n'um estado de perfeito scepticismo, que o fazia julgar «illusorio tudo que existia alem d'elle e fóra d'elle, e que o levava a suppôr os objectos apparencias vãs, evocadas em curtos momentos, dissipadas em fumo logo que deixava de pensar n'elles»—este homem desesperado de redimir o mundo que vê perdido nas trevas, não da ignorancia santa e salutar, mas da soberba razão, e da vã sciencia inane e falsa, foge do mundo, foge da vida civilisada, foge das luctas e dos trabalhos intellectuaes, e vae fazer sapatos para uma remota aldeia da Russia!

Elle nem sequer aspira ao *nirvana* recommendado por Cakya Mounia, e que tem

ao menos um tom aristocratamente oriental.

Não senhor.

O trabalho manual, a humildade de condição, a renuncia a tudo que é pensamento, a penitencia de todos os orgulhos,—eis o que julga necessario para lavar a sua alma do crime de haver devorado, com ancia apaixonada, o fructo amargo e delicioso da arvore da sciencia!



Em Tolstoï, eu vejo não somente um homem, mas um symbolo da actual consciencia!

Quantos, d'entre os que mais teem conhecido o mal voluptuoso de pensar, sentem aquelle mesmo cançasso, aquella mesma vontade de renunciamento e de paz intellectual, que levou o Conde de Tolstoï á loucura mystica, em que o vemos submergido?

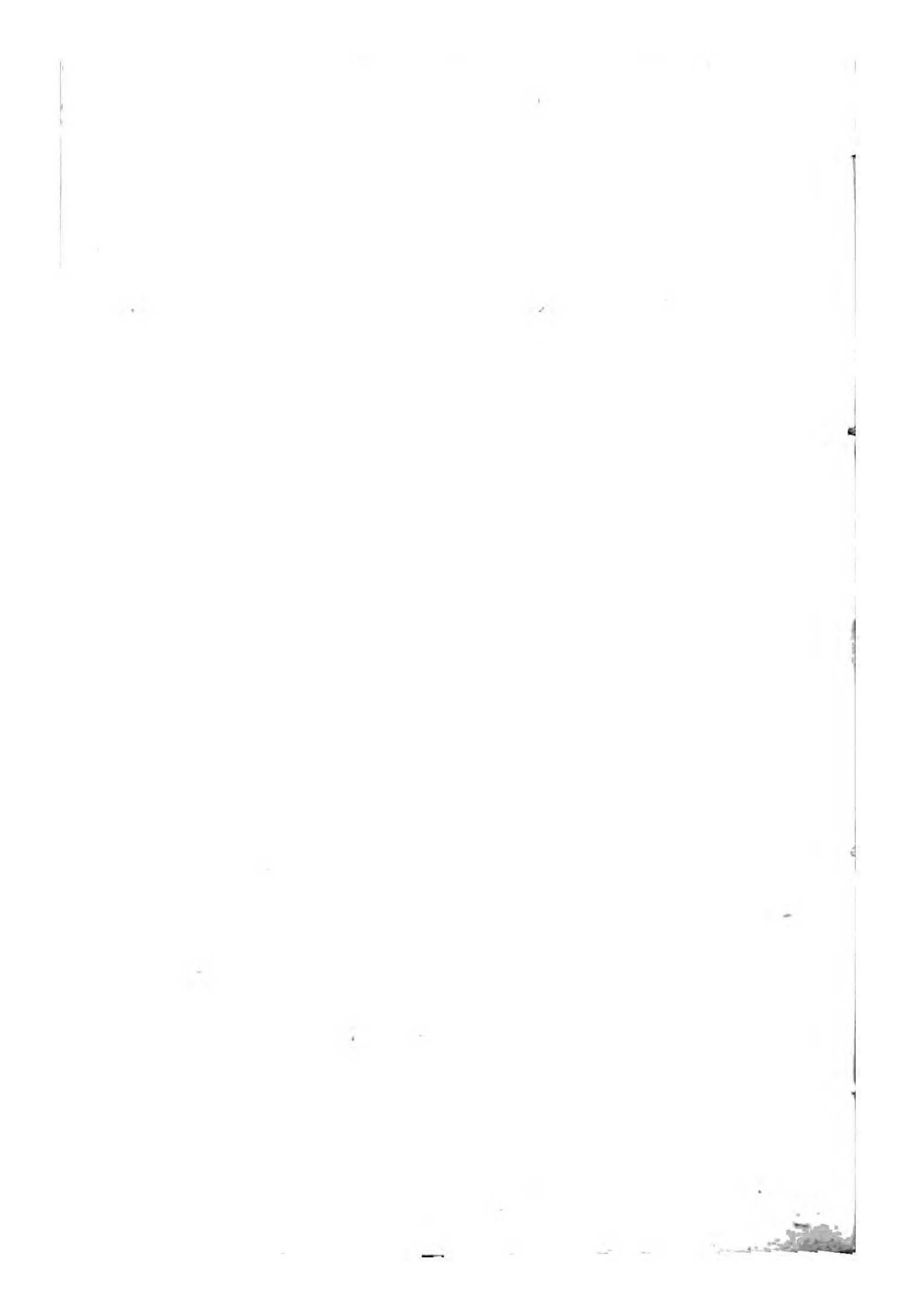
Não ha hoje um espirito superior, creio eu, que não inveje a mediocridade e a serena inconsciencia que só ella dá.

Decididamente esta herança de dois mil seculos, que a sciencia moderna, com a sua ambição desmedida, e o seu perigoso orgulho, atira aos hombros do pensador contemporaneo, é de mais para elle.

Nem Atlas, *ce marseillais de la mythologie*, segundo Coquelin, poderia com o mundo de theorias, de descobrimentos, de idéas, de contradicções, de sonhos, e de desenganos, com que presentemente se acham sobre-carregados os que pretendem saber tudo que sabe o nosso tempo. Tolstoï atirou voluntariamente fóra com o horrivel fardo!

Abençoado elle seja n'umas poucas de gerações . . . de ignorantes e de pobres de espirito.







NA RUSSIA

O CRIME E O CASTIGO

DOSTOIEVSKY

A moda está decididamente virada para o lado das viagens! Quem não transpoz os estreitos limites d'este pequeno paiz não tem mesmo o direito de manifestar opiniões a respeito de qualquer coisa! Quem não tiver viagem que contar, que se calle! É o unico meio de não perder o seu precioso tempo!

Mas senhores, que ha de fazer quem nunca viajou, e não póde estar callado? É uma conjunctura delicadissima, que não tinha sido ainda prevista. . .

Ah! occorre-me n'este momento um alvitre salvador!

Vou viajar tambem!

Mas viajar atravez dos livros da minha bibliotheca. Contarei as minhas impressões de capitulos, como outros contam as suas impressões de paizagem. Trasladarei para o papel o que sentir ao percorrer as paginas d'um romance, como outros trasladam o que sentem ao percorrerem as ruas d'uma cidade extranha.

Se Xavier de Maistre viajou em torno do seu quarto de dormir, não poderei eu lançar-me em aventuras mais accidentadas que as d'elle, adoptando este modo facil de transportar-me d'um para outro lado?

E, visto que o *exotismo* é parte obrigada n'este momento, será para a Russia que eu hoje leve commigo o leitor indulgente.

Na litteratura latina deu-se, ha já annos a esta parte, uma verdadeira invasão da raça slava.

A Russia esteve, durante muitissimo tem-

po, na ordem do dia e da noite; decoraram-se os nomes de todos os litteratos russos; traduziu-se Tourguenieff, Tolstoi e Dostoievsky, e o mercado bibliographico da França achou-se de repente inundado de milhares de versões, mais ou menos felizes, de todos os modernos romances moscovitas.

Tal exagero houve n'este entusiasmo repentino, tão poucas affinidades existiam entre o cerebro da Russia e o nosso cerebro de latinos, que muitas pessoas perguntam, ainda com pasmo a estas horas, o que motivou tamanha loucura pelos livros d'estes escriptores, e que particular encanto se pode achar n'esta extranha litteratura!

Eu fui das pessoas que me deixei ir um pouco atraz da seducção geral.

Li muitos livros de Tolstoï, muitos livros de Dostoievsky; e muita vez, depois de os haver acabado, perguntei a mim mesma como é que elles me tinham prendido tanto, a mim, que tão incompletamente os percebera!

O conde Melchior Voguë consagrou um estudo magnifico ao *Romance russo*, e foi elle, por assim dizer, quem, explicando-me aquella raça, d'um nervosismo tão intenso, e d'uma psychologia tão especial, me fez lêr mais correntemente n'essa alma russa, a mais complicada, a mais mysteriosa, a mais estranha, a mais indifinivel das almas modernas!

O *realismo*, não como o entende a escola, que a si propria arrogou o dogmatismo d'este qualificativo, mas o realismo sincero, o que nota com toda a exactidão e toda a minucia aquillo que escolheu para campo da sua observação mais ampla ou mais restricta, é o que principalmente inspira n'este momento a litteratura russa.

Mas é mesmo porque ella é realista, que nem sempre consegue interessar-nos pela vida dos seus personagens, tão diversa da nossa vida, pelos seus *estados de alma*, tão novos para nós.

O que ella conta com mais persistencia,

essa litteratura profundamente nacional, é o tormento da vontade que não consegue exercer-se, é a incerteza do espirito que desaproveita todas as energias naturaes, porque não está em harmonia com o meio em que tem de actuar, é a tentativa vã do individuo desequilibrado, para organizar o seu proprio destino, para dar á sua existencia um fim positivo e util.

Mal saída das trevas chaoticas do barbarismo feudal, a Russia, inexperiente, juvenil, embebeu-se em theorias subversivas de toda a ordem, em doutrinas excessivamente revolucionarias, e, mal podendo andar, quiz lançar-se na aventureosa carreira das innovações mais extravagantes.

D'aqui o seu excesso de vida cerebral, mas tambem a exaltação doentia do seu sentir, o desequilibrio e a mobilidade do seu desejar.

Entre os escriptores que symbolisam e representam essa raça estranha, em que imperam desordenadamente os contrastes mais

frisantes, que vê no czar um Deus e lhe faz da vida um martyrio constante; que sonha o nihilismo, sendo tão moça, tão viva e tão ardente; que se inspira nas utopias da liberdade mais illimitada e se curva submissa ao jugo mais ferozmente barbaro; — entre os escriptores que explicam melhor essa raça que nós mal podemos comprehender — destaca-se Dostoievsky, o mais slavo de todos os russos, o mais popular de todos os romancistas, porque é aquelle que melhor traduz a alma da sua nação e a alma do seu tempo.

E' d'este escriptor que eu acabo de ler n'este momento a obra prima que se intitula o *Crime e o Castigo*.

Dizia não sei que critico, que os personagens de Dostoievsky lembram, pelo nervosismo e pela exaltação morbida que os move, gatos hydrophobos em liberdade.

Assim será, mas o que é verdade é que n'esses *gatos hydrophobos* palpita uma intensidade de vida moral, hoje desconhecida

á nossa raça prosaica, namorada em demasia dos interesses praticos da vida.

Crime e Castigo é a historia d'um estudante que a miseria, o falso socialismo, os jejuns forçados, o temperamento nervoso, exaltam até á meia loucura, e que na ideia de enriquecer, medita e realisa um assassinio.

Não o aproveita, porém, porque, depois de roubar, repugna-lhe atrozmente o gosar os resultados do seu roubo, e por uma lenta acção do remorso, que acaba de desorganisar n'elle a energia e a força interior, já contaminada pela miseria, deixa advinhar á justiça quem foi o auctor do crime, e se entrega, por fim, vencido por um poder interior, mais forte do que a sua razão, e ao qual elle não pôde impôr silencio, pelo qual elle se deixa vencer, depois de uma resistencia intima desesperada, em que toda a sua força se esgota e a sua vontade se aniquilla.

O drama interior travado no espirito d'este homem, que nasceu para o bem, e no

qual a preversão de funestas theorias exerce a influencia corrosiva e dissolvente de uma lepra moral, desenrola-se durante dois longos volumes sem accidentes, que não sejam determinados pelas agonias e pelos combates d'esta alma violenta e desgraçada, em plena tempestade e em pleno cahos!

E no emtanto, por um processo extranho em que Dostoievsky é mestre, elle poucas vezes nos faz penetrar no *mundo interior* d'esse infeliz que o seu crime agita e convulsiona. É pelos sonhos que elle tem, e que tão tragicamente vivos são, que communicam ao leitor a impressão do *cauchemar*; é pelos actos que elle pratica e aos quaes o raciocinio parece não presidir; é pelas suas palavras; é pelas suas coleras subitas; pelas suas sinistras gargalhadas; pelos seus sobresaltos de hysterico; por mil movimentos inexplicados, semelhantes áquelles que tão extranhamente illogica, e tão viva, ao mesmo tempo, tornam a figura do *Hamlet*, — que a gente consegue advinhar o que lhe

vae na alma, relacionando com o seu crime essa successão de aspectos extravagantes.

Dostoievsky, com um perfeito desdem pelo leitor, não se dá ao trabalho de o elucidar; elle que se arranje como podér n'aquelle labyrintho escuro em que um ser humano se debate angustiosamente.

Mas que penetração psychologica, que advinhação genial, que intuições de vidente, em cada uma das observações arrancadas pelo grande escriptor russo á alma do seu criminoso heroe!

E que alta justiça n'esta comprehensão das coisas moraes da vida. O crime, apresentado a esta luz, estudado n'este ponto de vista, torna-se o algoz do criminoso!

Para elle dispensa-se o castigo da Providencia ou o castigo da sociedade.

É a ideia do mal que fez, do seu attentado contra as leis da eterna harmonia e do eterno bem, que o inquieta e afflige, que o persegue e tortura, que lhe faz da existen-

cia uma agonia sem treguas, e da luz do sol uma ironia amaldiçoada!

Para fugir a este supplicio não ha senão um remedio : entregar-se ao supplicio que a sociedade, offendida na sua integridade e na sua segurança, reserva aos que peccam contra as suas leis.

E a divida paga assim, rehabilita o homem que a pagou.

A esperança ainda é possível, o renascimento ainda póde milagrosamente operar-se em quem aceita a expiação, em quem a cumpre humildemente, conscio de que só ella, lhe pode restituir tudo que o crime lhe fizera perder!

Este livro, escripto ha uns poucos de annos, apresenta documentos sobre o estado de espirito em que fica o criminoso depois de ter commettido o crime, que os modernos annaes judiarios confirmam completamente.

O que pode o genio de um homem quando é applicado a sondar os eternos abysmos da consciencia humana!

N'este romance, de tão alto alcance moral, e que, apesar do modo violento, impetuoso e febril com que está escripto, penetra a alma de quem o lê d'uma uncção religiosa tão profunda e tão dôce, ha uma figura de mulher verdadeiramente deliciosa.

Dostoievsky foi buscal-a ao barathro mais profundo em que pode perder-se uma existencia feminina, ao abysmo da perdição, em cujas fauces se poderia bem inscrever o lema famoso do Dante, — tanta era a necessidade que elle tinha de affirmar, que em toda a alma humana, por mais perdida que ella pareça, existe a virtualidade do bem, e pode reaccender-se, em chammas divinas, a scentelha occulta que as miserias do mundo cobriram de cinzas, de lodo e de podridão!

Sonia, a pobre e polluida creança, é quem primeiro suggere ao criminoso do romance russo, a idéa da expiação salvadora, da redempção pelo soffrimento, da humilhação que lava de todas as culpas, das lagrimas em que se depura toda a alma manchada!

Foi da bocca d'uma humilde e perdida creaturinha, que o assassino ouviu, pela primeira vez, a palavra santa que pacifica e que redime.

E d'este contraste o autor, sem uma phrase só que o sublinhe, sem uma declamação que lhe altere a simplicidade austera, tira os effeitos mais patheticos, as scenas mais bellas e mais geniaes do seu romance admiravel.

Nunca se sondou até tão fundo o abysmo d'um coração de homem!

É na Siberia, annos depois de ter começado a longa e dolorosa penitencia, que por ser voluntaria, mais ennobrece o que a acciou, que a alegria renasce pela primeira vez na alma do homem que succumbira ás tentações da sua vaidade e da sua miseria.

E *Sonia* que o seguira sem ser amada por elle, que o acompanhara, humilde e silenciosa, em todas as estações do seu doloroso Calvario, a pobre *Sonia*, que vendera o corpo quasi infantil á depravação legali-

sada das grandes cidades, para que não tivessem fome nem frio os seus pequeninos irmãos abandonados, recebe ali da boca do criminoso rehabilitado e redimido — com a confissão d'um immenso amor que perdôa — a remissão das suas próprias culpas, a recompensa da sua abnegação ignobile sublime.

Que livro este tão diverso dos livros que por ahí andam nas mãos de toda a gente moça, de toda a gente impressionavel, e accessivel ás emoções que lhe proveem da litteratura!

Que livro este d'uma moral tão forte e tão evangelica, d'uma philosophia tão sã e tão austera, d'uma sensibilidade tão delicada e captivante!

Mas este livro que eu contei rapidamente tem setecentas paginas, que só com difficuldade serão lidas por quem esteja habituado á litteratura franceza dos nossos dias.

O autor não explica nada, não facilita a comprehensão de estado algum da consciencia!

Para o leitor, é que é todo o trabalho da decifração.

Por bem pagos porem nos devemos dar no fim da longa iniciação.

É uma bella e robusta alma de homem, a alma d'este escriptor russo! Com ella aprende-se a piedade, o amor, a abnegação e a misericordia sem fim, a misericordia sem condições!

E que melhor viatico do que este para atravessarmos as miserias e as tristezas da Vida?





NA INGLATERRA

A VIDA E A CORRESPONDENCIA DE DARWIN

Entre os livros ultimamente publicados na Inglaterra, um dos mais importantes e magistraes é a *Vida e a Correspondencia* de Charles Darwin, publicadas pelo seu filho Francis Darwin.

São dois grossos volumes, preenchidos pelas cartas de Darwin, por uma autobiographia, bastante incompleta e rapida, do grande naturalista, pelas notas interessantissimas ministradas por alguns dos amigos mais intimos ou dos collegas mais celebres de Darwin e pelas noções minuciosas e im-

portantes com que Francis Darwin completa as lacunas que necessariamente se abrem entre estas diversas materias.

A primeira impressão, que o espirito recebe d'esta leitura, é a d'um contraste verdadeiramente assombroso, entre o ruido euorme que o nome de Darwin tem despertado no mundo inteiro, e a paz profunda, tranquilla, ineffavel, da vida d'este homem de familia, de trabalho, de sciencia e de bondade!

Nos primeiros tempos vemol-o, inconsciente das suas poderosas faculdades mentaes, ignorante do seu proprio merecimento, sem o minimo presentimento do seu glorioso futuro, levar na Universidade de Cambridge a vida usual de todos os rapazes abastados e livres. Do seu tirocinio universitario Darwin parece ter aproveitado muito pouco.

Nas suas referencias posteriores á universidade de Cambridge elle repete constantemente a mesma nota:

Tem saudades d'esse tempo de alegria, de actividade sã, de expansão despreoccupada, de prazer juvenil; lembra-se com amor dos affectos que ali conquistou, dos amigos com quem se relacionou, do convívio jovial de que n'esses grande centros se goza; mas como meio de disciplina mental, como processo de desenvolvimento interno, a vida de Cambridge inspira-lhe um desdem profundo.

Ficou sempre com a mesma antipathia pela educação classica, que lhe parece inteiramente inadequada ás necessidades mais positivas do homem moderno.

Tres annos apenas se demorou Darwin em Cambridge, e esses tres annos são principalmente preenchidos pelos prazeres naturaes da idade, pelo estudo forçado, e por grandes passeios, em que pela primeira vez se manifestam claramente as manias e as aptidões do colleccionador, do naturalista futuro. A caça aos insectos era o maior prazer de Darwin durante a sua vida de estu-

dante. O seu conhecimento com o professor de Botanica Henslow tambem lhe proporciona os primeiros gosos, e talvez que as primeiras revelações da sua espontanea e apaixonada vocação.

O pae de Darwin contára ao principio fazel-o medico; desejava por fim educal-o para *clergyman*; mas a todos estes projectos teve de renunciar, em face de repugnancia instinctiva, manifestada por Carlos Darwin, de se cingir a qualquer modo de vida definitivo e restricto.



A viagem á roda do mundo a bordo do *Beagle* foi, porem, o grande e decisivo acontecimento da vida do celebre naturalista.

Foi essa viagem de geologo, de botanico e de zoologo ao mesmo tempo, que determinou positivamente o seu destino, que

o entregou, completamente seduzido, ás investigações da sciencia, para as quaes era tão proprio.

Voltando a Londres, as suas collecções de fosseis, de plantas, de moluscos, attra-hem a attenção de toda a mestrança; as suas observações engenhosas e profundas fornecem subsidios riquissimos ao estudo dos diversos ramos da historia natural do globo; a sua *Viagem de um naturalista em volta do mundo*, tornou conhecido, entre os sabios de todos os paizes, o seu nome ha pouco ainda obscuro; e a quantidade enorme de factos de observações de *aperçus*, de phenomenos, de ideias, que elle trazia armazenados, da sua viagem de cinco annos, exigiu imperiosamente que elle se consagrasse á classificação, á coordenação, ao desenvolvimento, ao estudo de todo esse mundo extraordinario e novo que lhe fora revelado, e que carecia de ser traduzido em formas. . .

Darwin conquistara em cinco annos, de trabalho herculeo, a gloria do seu nome,

mas perdera ao mesmo tempo e para sempre, a saúde e o vigor da sua mocidade.

Muitas das cartas publicadas n'esta obra estão datadas da Bahia, do Rio de Janeiro, de Botafogo. Cito ao acaso algumas observações feitas por elle durante a sua permanencia no Brazil.

«Nada póde imaginar-se mais bello do que a antiga cidade da Bahia, cercada por uma floresta enorme de arvores luxuriantes, de cujo declive rapido se dominam as tranquillias aguas da Bahia de Todos os Santos. São altas e brancas as casas, e as janellas estreitas e longas imprimem-lhe um aspecto de ligeireza e de elegancia. Os conventos, os porticos, os monumentos publicos variam a uniformidade da casaria; está coalhado de navios o porto; e póde realmente dizer-se que esta paizagem é uma das mais bellas do Brazil.

«O prazer delicioso de divagar no meio de tão lindas flores, de arvores tão bellas, não pode ser comprehendido senão por quem

o experimentou já. O clima convem-me immenso e faz-me sentir o desejo de viver tranquillamente e durante algum tempo n'este bello paiz.»

. . . «Em terra, quando percorro estas florestas sublimes, cercado de vistas maravilhosas, sinto um prazer que poucas pessoas poderão comprehender completamente. . . »

. . . «Vi agora pela primeira vez uma floresta tropical em toda a sua magestade sublime. Só a realidade póde dar uma idéa da magnificencia prodigiosa d'esta paizagem. . . »

Como se vê, Darwin apreciou profundamente as bellezas e os encantamentos maravilhosos da flora e da paizagem brasileira. A sublime grandeza d'esses aspectos naturaes, gravou-se-lhe de tal forma no espirito, que o tornou insensivel quasi ás bellezas rurales da nossa velha e desbotada e extenuada Europa.



Pouco depois do regresso á patria, Darwin casa-se, como todo o inglez legitimo, para quem, depois da variedade das viagens, *o home* é o que de mais delicioso póde encerrar a terra.

É tocante este lado da existencia do grande sabio. O amor que soube inspirar á companheira dedicada e fiel da sua vida, deixa-se adivinhar, deixa-se ler discretamente, nas entrelinhas d'este livro escripto por seu filho. E á perfeita bondade de sua esposa, é á terna vigilancia com que ella o resguarda de todos os incommodos, de todas as contrariedades, de todas as mesquinhas preoccupações da vida quotidiana; é ao perseverante cuidado com que lhe submete a saude perdida a um regimen de calma regularidade monastica, é á abnegação com que o acompanha para uma aldeia isolada, sem distracções, sem visitas, sem a mais pequena diversão que quebrasse a uniformidade dos dias e das horas — que o mundo deve a duração da vida de

Darwin, que a sciencia deve a grande obra monumental d'este Revolucionario da biologia.

A vida em Down, pequenina parochia rural afastada vinte milhas de Londres, e longe de qualquer estação de caminho de ferro, é o perfeito modelo da vida de familia; modesta, laboriosa, retirada, genuinamente *ingleza!* E a este modo especial de entender a vida domestica, que a raça saxonia deve as suas grandes qualidades caracteristicas, o seu vigor, a sua integridade, a sua vitalidade extraordinaria.

O patriarcha moderno da raça anglo-saxonia—eis o que foi Darwin n'esse retiro, campestre, onde lhe nasceram sete filhos, e d'onde elle conseguiu encher este seculo com a fama do seu nome e com as applicações da sua theoria naturalista.

Quem lê as cartas d'este homem eminente, precisa de fazer um esforço mental para identificar quem as escreve, com o homem celeberrimo, cujo nome nós ouvimos hoje

constantemente invocado pelos que vão na vanguarda das sciencias naturaes.

Modesto até á humildade, sem deixar de ser convicto; perseverante e tenaz, até ao heroismo; simples, affectuoso, docemente accessivel a todas as impressões boas; resignado christãmente ás agruras de uma doença, que lhe não deixa senão algumas horas de trabalho util em cada dia; desconfiando sempre de si, suppondo sempre que é favor e exagerado favor, a consideração com que o mundo o tracta e com que os primeiros sabios do seu tempo, o saudam e o attendem; extremoso pelos seus; meigo e carinhoso para os amigos;—elle apresenta-se aos meus olhos como um modelo de virtudes encantadoras e de despretenciosas seducções.

Os que — sem certeza alguma — applicam á sociologia as hypotheses provaveis que a sua theoria evolucionista estabeleceu, associam cruelmente o nome de Darwin a um retrocesso brutal das sociedades ao antigo *direito do mais forte*.

A sua theoria *da selecção natural pela lucta pela existencia* affirma, é certo, que na concurrencia das differente variedades de uma especie ou das differentes especies, é a mais forte que vinga e que progride.

Mas isto, que tem applicação á vida biologica, não tem a mesma significação na vida social, em que a força póde traduzir-se por intelligencia e por virtude, e não sómente por vigor, por manha e por habilidade astuta.

Se na lucta da existencia são os individuos mais vigorosos que vivem, não é por isso absolutamente necessario, que no conflicto social mais complexo, e no qual intervêm elementos de varias ordens, seja o mais forte que domine e que deite em terra o mais fraco.



Como quer que seja, a verdade é que não ha contraste mais absoluto do que o contraste que offerece a vida intima d'este homem e a applicação que se faz modernamente das suas theorias biologicas.

Elle, que physicamente é *um fraco*, pois que a doença não cessa de o torturar em longos annos de vida, *vence* á força de genio, de perseverança, de trabalho, de intuição extraordinaria dos mais mysteriosos phenomenos da Natureza, todos os seus concurrentes nas lutas renhidas e apaixonadas da sciencia.

Não me resigno a deixar as leitoras, de certo interessadas, sem mais algumas informações ácerca d'este livro admiravel, e d'esta vida, que é mesmo tempo uma lição fecunda, um exemplo adoravel, um espectaculo de alta e consoladora moralidade.

Emquanto a triste litteratura de hoje se deleita principalmente em penetrar o homem da consciencia da sua mesquinhez, da sua miseria, da sua perversidade innata e

irreductivel, é bom, é santamente consolador que se levantem diante dos nossos olhos estas nobres vidas consagradas ao estudo, ao dever, ao trabalho, ao culto da sciencia e da virtude, como que para servir de antidoto poderoso, de antidoto efficacissimo, ao veneno que lentamente se infiltra nos filhos d'este melancholico e nublado fim do seculo!

Contra a terrivel e falsa e pessimista applicação sociologica e *humana* das theorias naturalistas de Darwin, levanta-se triumphante, deslumbradora, persuasiva, a vida do proprio Darwin—um santo da sciencia, da familia, da paternidade e de todas as nobres e bellas virtudes humanas que são a nossa honra eterna, e a nossa eterna desforra contra o Mal.



II

No capitulo antecedente o qual teve por fim levar a leitora a travar mais intimo conhecimento com um homem, em quem ella tem de certo ouvido fallar muito, sem contudo haver nunca entrado na intimidade do seu espirito e da sua obra scientifica,—eu puz principalmente em relevo o *homem*, o grande coração affectuoso e bom, a pessoa moral de Darwin.

Agora quero accentuar mais uma feição d'esta preciosa natureza, citando algumas paginas escriptas por elle quando a morte lhe arrancou uma filhinha de dez annos, estremecida pelos paes.

Depois falar-lhes-hei então do *sabio*, do escriptor, do naturalista revolucionario, pa-

ra que fiquem conhecendo, embora superficialmente, o duplo homem que foi Darwin.

«A nossa pobre filha Anna, nascida a 2 de março de 1841, expirou em Malvern a 23 de abril de 1851, ao meio dia.

«...» Seja qual fôr o lado do seu caracterzinho que eu examine, a feição que logo se me offerece é a sua alegria cheia de vitalidade e temperada pela mais fina sensibilidade de coração. Esta alegria, esta vida interior, irradiavam de todo o seu ser, dando-lhe aos movimentos uma elasticidade, uma graça incomparaveis. Era delicioso e fazia bem ao espirito olhar para ella.

«Lembro-me da sua querida figurinha descendo as escadas a correr, trazendo uma pitada para mim, e radiante de me prestar um pequeno serviço. Até quando brincava, com os primos, um simples olhar meu,—não de desagrado (dou graças a Deus de a não ter nunca olhado d'esse modo), mas de menos sympathia, alterava-lhe durante alguns minutos a expressão do seu rostinho.

« . . . Ultimamente, já muito mal, passava um tempo infinito a acariciar um braço da mãe. O contacto d'esta, deitada ao pé d'ella no mesmo leito, aliviava prodigiosamente o soffrer dos ultimos dias, mais do que o faria de certo a qualquer outro dos nossos filhos.

« O seu gosto era passar todos os dias meia hora a arranjar os meus cabellos, a *fazel-os bonitos*, como ella dizia, a minha querida joia ! e a endireitar-me os punhos e os colarinhos, emfim, a fazer-me festas !

« . . . Sempre pensei que a conservariamos para a nossa velhice, como um amparo moral, um delicioso sêr, que nada seria capaz de transformar !

« . . . Tinha ás vezes comigo attitudes encantadoras, levemente garridas, cuja saudade me delicia ! Empregava frequentemente expressões um pouco exageradas, e como eu a escarnecesse, exagerando ainda mais, de brincadeira, a sua linguagem, estou ainda a ver o lindo gesto da sua cabecinha e

ouço-lhe a exclamação: «*Oh papá, que feio que isso é da sua parte!*...

«...Perdemos a alegria do nosso lar e a consolação da nossa velhice.

«Ella conheceu de certo a ternura com que a amámos; prouvera a Deus que soubesse agora tambem o profundo amor, a meiguice infinita, com que nos havemos de lembrar sempre da sua alegre e linda figurinha desaparecida. Que as nossas bênçãos a acompanhem...»

Leitora, quando, diante de ti, os espiritos intolerantes e as intelligencias mesquinhas, acompanharem o nome de Darwin com os mil commentarios injuriosos e falsos que são uso entre os ignorantes, quando se fala d'este sabio, lembra-te da doce criança que elle amava com tão ideal ternura, e da maneira ineffavelmente enternecida com que elle a evoca viva, e a abençôa já morta...



A bagagem scientifica de Darwin é enorme, e a bibliographia do Darwinismo é tão extraordinariamente importante, e tão vasta e profunda é no mundo moderno a influencia d'este grande homem, que a simples enumeração das publicações, relativas á sua theoria, occupa n'uma obra, publicada na Allemanha ha poucos annos, 30 paginas em 8.º

Chega a parecer impossivel como, sendo tão doente, elle pode trabalhar tanto, attendendo á consciencia com que sempre trabalhou, á quantidade incalculavel, verdadeiramente colossal de factos, que accumulou para comprovar cada uma das ousadas asserções com que, em contradicção com os principaes naturalistas do seu tempo, revolucionou as sciencias da natureza e conseguiu ver triumphantes as suas doutrinas.

Só na sua obra sobre os crustaceos chamados *Cirripedes* gastou elle oito annos de trabalho, e no entanto esta grande obra em dous grossos volumes, em que desen-

vloveu tantos milagres de energia e de força, de paciente curiosidade, de observação minuciosa e extraordinaria, sómente interessa os especialistas.

Dizia elle porém, mais tarde que todo o trabalho alli empregado e todas as aptidões ali desenvolvidas e disciplinadas lhe foram muito uteis, quando, a proposito da *Origem das especies*, teve de discutir os principios de uma classificação natural.

Falei na *Origem das especies*; disse o nome da obra que, mais do que nenhuma outra, concorreu para que a fama do nome de Darwin se espalhasse no mundo inteiro e para que, até entre os mais profanos e os mais ignorantes, as applicações da sua theoria sejam tão discutidas e até mesmo tão erroneamente interpretadas.

Na sua *auto-biographia*, que apezar de incompleta e de pouco extensa para o nosso gosto, é de um grande valor psychologico e historico, elle proprio faz a genese da sua mais celebre theoria.

« Depois do meu regresso á Inglaterra, diz elle, pareceu-me que, seguindo o exemplo de Lyell na geologia, quer dizer, reunindo *todos os factos* que se relacionam de qualquer modo com as variações dos animaes e das plantas em liberdade, eu podia fazer sobre este assumpto alguma luz. O meu primeiro livro de notas começou em julho de 1837. Inspirei-me para este trabalho dos principios de Bacon; sem theoria preconcebida puz-me a colleccionar os factos em grande, e mais especialmente, os que diziam respeito ás especies domesticas, fiz circular questionarios impressos, conversei com creadores e jardineiros habéis e li enormemente.

« Quando vejo hoje a lista de livros, de todo o genero, que li e resumi por escripto, comprehendendo as series completas de jornaes e de *comptes rendus* de sociedades scientificas, espanta-me realmente o meu trabalho. Percebi depressa que a selecção representa a chave do exito que o homem

encontrou na criação das raças uteis de animaes e de plantas.

«Mas como é que esta selecção podia applicar-se a organismos que vivem no estado selvagem? Eis o que foi durante algum tempo um mysterio para mim.

«Em Outubro de 1838, quer dizer quinze mezes depois de haver começado o meu inquerito systematico, succedeu-me ler para me distrahir o livro de Malthus sobre a a população. Estava excellentemente preparado, por uma observação prolongada e continua dos costumes dos animaes e das plantas para apreciar a *lucta pela existencia*, que em toda a parte se encontra, e acudiu-me a ideia de que, n'estas circumstancias, as variações favoraveis tendiam a vingar, e as outras menos privilegiadas seriam necessariamente destruidas.

«O resultado seria, pois, a formação de novas especies.»

Tendo emfim conseguido formular uma theoria sobre a qual lhe era possivel basear

os seus trabalhos, Darwin não se atreveu, ainda assim, a traçar o mais ligeiro plano do seu edificio mental, que, aos olhos d'elle, não tinha por então adquirido a necessaria firmeza de linhas e solidez de architectura.

Foi tempo depois, que se concedeu a si proprio a satisfação de fazer por escripto um succinto resumo da sua theoria, successivamente ampliada das primitivas 35 paginas até 230.

«N'essa epoca, acrescenta elle, eu não tinha ainda podido perceber um problema de grande alcance e espanto-me, excepto quando penso no ovo de Colombo, da negligencia que tive em procurar-lhe a solução. Este problema é a tendencia que tem os seres organisados, provenientes da mesma origem mãe, a mudar de character á maneira que se vão modificando.

«É evidente que divergiam fortemente: convencemo-nos d'isto pela maneira, em virtude da qual, as especies de toda a nature-

za podem ser classificadas em generos, os generos em familias, etc., etc.

«Lembro-me do sitio exacto, em que, indo eu de carruagem, esta solução com grande alegria minha, se impoz ao meu espirito. A solução como a penso é esta : os descendentes e em via de desenvolvimento, tendem a adaptar-se ás numerosas e diferentes localidades, ná economia da natureza.»

Citei todo este trecho, porque me parece um curioso documento do modo porque os raciocinios e as observações se iam condensando harmonicamente no espirito de Darwin. É agradável, parece-me, assistir ao desenvolvimento de uma theoria tão decisiva e tão prodiga em resultados extraordinarios de todas as ordens.

N'isto e quando Darwin, aconselhado por Lyell, estava desenvolvendo largamente n'um livro as suas theorias perfeitamente novas, eis que Wallace, um distincto naturalista inglez, muito conhecido hoje, e que então an-

dava viajando pelo Archipelago Malaio, lhe envia um ensaio com este titulo caracteristico *On the tendency of varieties to depart indefinitely from de original type!* (Da tendencia das variedades para se afastarem indefinitamente do typo primitivo) Este ensaio por uma coincidencia muito rara, pois que se dava principalmente entre descobridores de leis desconhecidas, continha exactamente as ideias de Darwin sobre a materia.

N'este momento a nobreza d'alma ingenua e a delicadeza extrema e superior do coração de Darwin manifestaram-se de um modo evidente e que honra inquestionavelmente a especie humana.

A lucta que foi preciso empregar para que Darwin publicasse, juntamente com o *Ensaio* de Wallace, os seus trabalhos antecedentes sobre a mesma ordem de assumptos; o conflicto que se passou, na consciencia d'este homem, entre o amor que tinha ás suas descobertas, ás suas theorias, aos seus traba-

lhos, e o melindre de poder escurecer com o apparecimento d'elles o merito e a originalidade de Wallace, tudo isto tem um interesse dramático moral de ordem muito superior para ser por todos comprehendido o sentido.

O proprio Wallace concorreu nobremente para destruir os exagerados escrupulos de Darwin, e finalmente em 1859 sahia a publico o livro *Origem das especies*, muito menos desenvolvido do que, no primitivo plano o autor tencionava fazel-o, mas por isso mesmo mais proprio para ser lido e apreciado por uma quantidade muito maior de leitores e mais accessivel ao mundo dos profanos da sciencia.

O successo foi desde logo enormissimo.

A primeira edição foi vendida no proprio dia em que os livreiros a apresentaram ao publico; a segunda seguiu-se-lhe immediatamente. Em 1876 60:000 exemplares tinham sido vendidos na Inglaterra, e o livro fôra já traduzido em todas as linguas euro-

péas (menos na nossa creio eu.) O numero das criticas de certa importancia feitas ao volume elevava-se na mesma epoca a 265, sem comprehender n'este numero os artigos de jornaes diarios.

Em 1871 Darwin publicava como complemento da sua *Origem das especies* o livro *Descendencia do homem*, que lhe custara tres annos de trabalho fóra as notas preparatorias adquiridas desde muito. O seu nome estava definitivamente consagrado. O mundo scientifico acclamava-o como a um dos seus reis.



São immensas as outras obras escriptas pelo grande naturalista. Em qualquer catalogo as póde a leitora facilmente encontrar.

Chega a parecer assombroso que uma vida de homem possa produzir tanto, e se metter-mos em conta a doença chronica

que torturou ~~toda~~ a longa existencia de Darwin, este assombro sobe ainda de ponto.

O grande naturalista revela-nos o segredo d'esta producção enorme, colossal.

Deve-se em primeiro logar á energia estranha da sua organisação saxonica, tão apta para o trabalho perseverante, tão inacessivel ás variações de humor, aos ataques invenciveis de tédio que inutilizam e que prostam as organisações meridionaes; em segundo logar á sua arte de *não perder um minuto aproveitavel*.

O methodo, a preciosa avareza de tempo, a regularidade de habitos e de trabalho, cooperaram largamente, com as faculdades superiores do homem, para produzirem este milagre.

Paciencia infatigavel para accumular immensas quantidades dos mais diversos factos: admiravel talento deductivo para os aproveitar; conhecimentos physiologicos exactos e extensissimos; finura especial para inventar experiencias que lograssem effeito; es-

tylo admiravel, claro, persuasivo e preciso : — eis os predicados que os seus contemporaneos mais competentes attribuem a Darwin.

Elle morreu sem ter percebido que escrevia perfeitamente. Lamenta-se com frequencia, nas cartas que escreve, da sua dificuldade invencivel e medonha de formular os pensamentos que lhe acodem e as leis que julga descobrir, e do muito que tem de tactear e de hesitar antes de encontrar a expressão definitiva da sua idéa.

Sabe porém que tem imaginação, imaginação talvez excessiva, de que desconfia um pouco, mas sem a qual, segundo tão bem observa Buckle na sua *Historia da Civilização* da Inglaterra, a verdadeira sciencia, as altas generalisações, as syntheses sublimes, e os grandes descobrimentos são totalmente impossiveis!

Essa imaginação porém applica-a elle tão sómente ás materias scientificas que mais vivamente o interessam. Pouco a pouco, á

proporção que foi vivendo, perdeu todas as faculdades estheticas que na mocidade o tinham acompanhado.

A proposito d'isso, e lamentando essa eliminação gradual que se fez no seu espirito, elle diz com a sua completa inconsciencia do que vale e do grande genio que recebeu da Natureza.

«Parece que o meu espirito se torna uma especie de machina, só propria para extrahir leis geraes de uma grande multidão de factos especiaes; mas não posso conceber porque foi que esta faculdade causou a atrophia da parte do cerebro de que dependem os prazeres e os gosos de arte e de poesia.»

Não me permite o espaço continuar e no emtanto, se ha cousa que me interesse o entendimento, que me prenda e captive a imaginação, é o estudo de um d'estes organismos superiores tão complexos e tão ricos, de aspectos tão extraordinarios e suggestivos.

Disse o bastante, creio, para interessar

os meus leitores e para lhes despertar o desejo de lerem o livro admiravel de que tentei dar-lhes rapidamente uma idéa aproximada, embora infelizmente incompleta a muitos respeito.

Os que se ~~enfastiaram~~ com o assumpto que me perdoem; tenho a certeza que Darwin lhes perdoaria a elles, com a sua larga bondade e com a sua humildade encantadora e genial.





A VIDA
E AS
CARTAS DE G. ELIOT

Aqui está uma d'estas leituras reconfortantes e calmas, de que a gente sae bem comsigo e bem com os outros. Aconselho estes quatro volumes da edição *Tauchnitz* a quem sentir profundamente e dolorosamente o *écoeurement* de alguns livros modernos.

A acção dissolvente e desmoralisadora, que um livro póde exercer, tem de se combater por este genero de hygiene mental.

Para nos consolarmos de que certos escriptores existam, é necessario ter bem pre-

sente que outros ha que exercem uma influencia nobre e profundamente sã no espirito que os estude e os comprehenda.

George Eliot, como sabem, não passa de uma simples mulher!

E comtudo os criticos de Inglaterra compararam essa mulher a Shakespeare, e affirmam que desde o grande *creador de almas*, que foi o auctor do *Hamlet*, ninguem conseguiu insuflar nas figuras da sua imaginação um tão grande poder de vida, uma tal energia de acção e de sentimento, uma virtualidade de amor e de bondade tão intensa! . . .

Herbert Spencer escrevia-lhe dizendo que *nunca lia os seus livros que se não sentisse melhor depois de os haver lido.*

Carlyle abrindo uma excepção nos seus habitos de *urso philosophico* lia-lhe os romances. Dickens interessava-se, como por pessoas vivas, pelas creações d'aquella imaginação tão vivamente impressionada pelo aspecto das coisas. Tackeray, o velho satyri-

co, amava-lhe os livros tão bons e tão poderosamente sentidos...

E os primeiros homens da Inglaterra saudaram e admiraram com devoção e com interesse apaixonado essa escriptora de genio que não passava d'uma mulher!

Se na vida de Mary Ann Evans houve um erro, nobremente purificado em trinta annos de dedicação e de amor, na vida de George Eliot não ha senão as grandes e bellas acções, que foram os seus livros.

As cinsas de George Eliot não descansam hoje n'um mausoleu de Westminster, porque a mulher que se abriga sob este nome litterario teve um affecto, que a lei não podia legitimar, e immolou a esse affecto, perdoavel pelos altos sacrificios que o redimiram, as glorias e os triumphos que, sem a sombra que elle projecta na sua fama, a puritana Inglaterra lhe teria prodigamente concedido.

Mas o erro da sua vida, como a sua obra o resalvou dignamente!

Se a mulher, sensivel em excesso, sedenta de affeição, e isolada na terra, mal interpretada pelos que a cercavam, inteiramente fóra do seu logar, no meio acanhado e rude em que nasceu, entregue ás suas proprias impressões femininas, feia e ignorada de todos, cedeu ás sollicitações de uma grande affeição, que só era culpada porque não podia ser legitima, a escriptora, essa — separada da mulher, e não tendo sequer com ella a communiidade do nome e a cumplicidade das acções praticadas — a escriptora, foi um grande exemplo e uma figura immaculada: e a sua alma, abrindo-se em impetuosos mananciaes de vida, de piedade, de amor, de sympathia, legou-nos n'uma d'estas obras que honram a especie humana, e que honram a Arte a Litteratura.



Porque, emfim, ha momentos, na actual confusão dos espiritos, na actual anarchia dos modos de ver e de pensar, em que a gente quasi que se envergonha de proclamar esta verdade que parecia d'antes eterna: que a litteratura deve ter um fim alto e moral!

Quando digo que a litteratura precisa de ser moral, não me refiro aos romances de Madame de Ségur, nem ás pastoraes candidas e imbecis de Florian, ou ás adocicadas locubrações romanticas das velhas *misses* de caracoos e de oculos azues!

A moral não é, no fim de contas, a coisa piégas e réles que a nova escola triumphante deseja ridiculisar com o seu desdem!

Eu sou dos que não acreditam na *transcendente* immoralidade de Shakespeare. Nunca a sua leitura me enojou da especie humana, nunca deixei de amar a Vida, por ter lido os dramas em que elle a desenha tão soberbamente.

Se a força dos seus monstros me apavo-

ra, não me produz o tédio ou a vergonha, e nada me seduz como o encanto das suas bellas figuras de graça e de amor, de humildade e de sacrificio! Nem Shakespeare, nem Balsac, e parece-me que são ambos dos primeiros, me deram a impressão de nojo e de horror, de melancolia esterilizador e de desdem supremo, que hoje me dão os que, para me pintarem ou me affirmarem a decadencia e a corrupção d'uma sociedade ou d'uma raça, atiram com montões de lôdo para cima d'essa decadencia, a fim de a fazerem *fermentar* melhor!

Não acho, é claro, que a *moral* seja o *castigo do erro* e o *premio da virtude*, mesmo por esta razão muito simples: é que não ha nada mais immoral do que a affirmação de que a virtude tem premio!

Mas o que desejo, n'um escriptor, é que depois de o ler elle me não deixe,—teimosa, e impregnando tudo que me cerca, como um perfume violento e mau,—a sensação de que o homem é nojento, de que a vida é

nojenta, de que a alma humana é nojenta, e de que o Universo é uma coisa vil! . . .

Sei que na vida actuum irresistivelmente forças, que são paixões, e que desequilibram e que perdem. Sei que o mal existe, e que é necessario e fatal; e sei que ha circumstancias talvez irreductiveis, que produzem essas aberrações da intelligensia, essas quebras violentas de harmonia, que se chamam vicios e que se chamam crimes.

Na alma do homem, complexa e tenebrosa, sei que rastejam reptis, mas sei tambem que vicejam lyrios!

É tão immoral, porque é egualmente falso, o que me affirmar que alli só medram viboras, como o que tente provar-me que alli só nascem flôres!

Não preciso de que o escriptor conclua; de que elle ame o que fôr bom e odeie o que fôr mau; acceito-lhe a impersonalidade e a indifferença; mas não quero que elle corrompa a minha alma dizendo-me que tudo é baixo, que tudo é vil, que a honra é um

dilettantismo, que a virtude é um luxo, e que o bruto impulso da carne leva o homem, sem resistencia, sem reacção possível, a mergulhar no chiqueiro como os cerdos da fabulosa Circe!

Quando eu acabar um livro, desconsolada, profundamente desconsolada, da hora do tempo em que nasci; quando nas paginas lidas, eu não encontrar um esforço de espirito para se libertar das vis prisões de um materialismo grosseiro; quando ellas me não desvendarem um recanto de paizagem, que não seja mediocre, ou um *estado d'alma*, que não seja asqueroso, esse livro é considerado por mim uma *pessima acção*!

Quem escreve um livro d'esses, talvez obedeça aos preceitos do novo código artistico, que obriga, primeiramente a ser grosseiro, depois, a não retratar uma unica pessoa que a gente gostasse de ter para sua amiga ou conhecida, depois a não dar da Vida senão uma idéia falsa, rhetoricamente pessimista, acanhada, nauseadôra e

brutal—mas esse livro affigura-se-me mais perigoso de que uma facada dada á traição, ou de que um roubo feito á luz do sol, porque vae assassinar e roubar moralmente muito espirito virgem e muita alma candida e forte!



Georges Eliot tinha da Arte uma idéia differente. É provavel que isso mereça muito desdem e muita *blague*, mas a Allemanha que a traduziu e a leu, a França, a Inglaterra, que a acclamam entre as primeiras, e a grande fortuna que a sua obra lhe alcançou, provam que, se ha muito melhor, nem por isso essas pequenas cousas insignificantes, são dignas de absoluto desprezo.

São de G. Eliot estas palavras decisivas para se julgar, através d'ellas, a indole do seu grande talento feminino e bom :

«Se a arte não serve para ampliar e desenvolver no homem o *poder de sympathia* então não tem valor moral de especie alguma!

«O unico effeito que eu desejo produzir, com o que escrevo, é este: fazer com que os que me lêrem fiquem mais aptos para *imaginares* e para *sentirem* as alegrias e as dôres, até d'aquelles mesmos com quem nada mais tenham de commum, senão a condição de creaturas humanas, sujeitas ao erro, sujeitas á dôr, e sujeitas á lucta cruel da vida! »

E depois de publicado esse *Adam Bede*, cuja leitura *fez epocha* na vida de Dickens, segundo elle proprio dizia, George Eliot escrevia pouco mais ou menos:

«Sim, hoje sinto que valeu a pena viver tanto, soffrer tanto, passar tantos dias de indizivel e longa amargura, para escrever este livro, visto que ha tantas almas a quem este livro fez bem! »

Não se imagine que a moral de Eliot é

uma moral alambicada, uma moral para uso de meninas de 15 annos, ou de jovens estudantes de lyceu! Uma moral de *coterie* ou de seita, formalista e burgueza, acanhada, e sem horisontes.

É uma larga moral tolerante e ampla, em que todas as formulas de crença ou de philosophia cabem á vontade, em que os mais graves e arduos problemas da vida e da morte são encarados com o criterio lucido e profundo, em que uma cultura vastissima, e uma indulgencia inexgottavel de coração põem toques de ineffavel sympathia e *apertus* d'uma elevação genial!



A instrucção de Eliot, adquirida em longos annos de solidão, é vastissima. Conhece toda a litteratura e toda a philosophia, desde Homero e Eschylo até Goethe, Byron

e Musset; desde Platão até Comte e Darwin. Traduziu Spinoza, traduziu Strauss. Passou annos na Allemanha, viajou na Italia, em Hespanha, em França; frequentou, sem intimidade, porque detestava o *mundo*, os maiores espiritos do seu tempo; e sendo tudo isto, tinha a louca aberração de imaginar que a gente, quando escreve romances,—se não tem o fim de melhorar os homens, commovendo-os, explicando-lhes os sagrados e ineffaveis mysterios da Dôr humana,—essa coisa complexa, essa coisa eternamente enigmatica eternamente subjugadora,—amollecendo-lhes a alma, desenvolvendo n'elles os bons germens occultos de sympathia, de tolerancia, de piedade—faria então muito melhor em se calar, visto como o mundo pode perfeitamente passar sem romances, que o corrompam e que lhe produzam o asco da humanidade, e a terrivel e desmoralisadora idéa de que o homem não passa de um animal muito peor do que os outros, pois que tem a consciencia da sua

torpeza e a voluptuosa satisfação do seu Vício!

Não acabarei este artigo sem citar uma cousa, adoravelmente feminina, com que ella explicava ao editor, a quem deu uma fortuna, o seu methodo de trabalho:

«Não posso dizer-lhe como este livro, que estou fazendo, acabará. As historias, que eu escrevo, *crescem em mim como plantas!* »

Plantas salutaes, que espalham de si a força e a doçura, o fresco perfume agreste e rural, ou a graça suggestiva e melancholica!

Plantas que se fizeram arvores soberbas, a cuja sombra amiga e boa, cariciosa e hospitaleira, podem abrigar-se as honestas mulheres, que queiram saber como a Vida póde ser um nobre combate, e como a Morte pode ser um repouso divino e virilmente conquistado ...







A MULHER DE CARLYLE



Cm dos modernos escriptores da Inglaterra, mais citados e menos lidos, é positivamente Carlyle; no emtanto, é facto incontestavel que, n'estes ultimos tempos, a litteratura ingleza se tem divulgado e diffundido extraordinariamente pelos paizes latinos, aos quaes ella traz uma *nota* nova, de uma attrahente e suggestiva singularidade.

Carlyle excita a attenção e o interesse dos que pensam, não sómente como escriptor, mas como homem. Não se podia ter

aquelle genio doloroso e allucinado, cheio de sobresaltos, convulsões, visões phantasticamente horriveis, em que o ignobil se confunde com o sublime e o bello toca de perto o grotesco, sem que a imaginação, a sensibilidade e a intelligencia, que produziram esta obra extraordinaria e desconforme, sejam de uma raridade monstruosa, e, portanto, feita para irritar violentamente a curiosidade.

Carlyle, que morreu em 1881, deixou ao seu amigo James Anthony Froude, historiador inglez muito distincto, todos os seus papeis intimos. D'esses papeis, Froude extrahiu um livro de *notas e fragmentos*, de onde a personalidade de Carlyle resalta com exactidão e relevo, mas que sobretudo se recommenda pelo interessante conhecimento, que alli travamos, com a desgraçada e nobre creatura, que exerceu n'este mundo a ingrata missão de esposa do grande escriptor inglez.

Que doce physionomia feminina, tão de-

dicada e encantadora, a de Mistress Carlyle! . . . O seu unico erro consistiu na ambição de partilhar as glorias e as alegrias de uma vida de *grande homem*; e essa ambição que é, no fim de contas, a mais bella, a mais generosa, que póde caber n'um coração de mulher, como a pobre gentil escoceza a expiou rudemente, e como soube aceitar-lhe as consequencias com resignação heroica e paciencia quasi inverosimil! . . .

A obra de Carlyle não é o producto artificial de uma imaginação excentrica de artista. Não. Elle é perfeitamente o homem dos seus livros.

Violento, desordenado; ora insupportavel, ora deslumbrante; com os pezadellos de Macbeth e os vôos de Ariel; tendo a par de uma elevação e de um encanto, que ultrapassam os limites da graça terrestre, phases de uma ferocidade e de um azedume de hypocondriaco, em que chegava a cançar a dedicação mais angelica — elle poude, ao mesmo tempo, em virtude do poder extra-

nho e malefico que tinha dentro de si, prender e martyrisar atrozmente a pobre mulher que uniu ao seu destino.



Thomaz Carlyle era plebeu de origem, plebeu de apparencia e de maneiras, rude de palavras e de tracto, como o pedreiro de quem era filho, e os camponezes saxonios de quem era neto, sobrinho e primo. Jane Welsh, a mulher d'elle, pertencia a uma nobre e velha familia da pittoresca Escocia. Essa familia tinha, entre os seus membros, muitos heroes e muitos caracteres originaes; *muitos patifes, mas nem um só imbecil*,—dizia com orgulho a sua gentil descendente.

Entre os seus avoengos mais distinctos ella contava, do lado paterno, John Knox, o mais fanatico dos chefes da Reforma na Escocia — aquelle prégador celebre pela

guerra implacavel e vencedora, movida contra Maria Stuart, e que tão admiravelmente nos é contada pelo historiador Mignet no seu volume sobre a adoravel e leviana rainha — e, pelo lado materno, Wallace, o popular chefe dos bandos escocezes, na revolta contra Eduardo I, rei de Inglaterra.

Se não mentem as leis scientificas da hereditariedade, a mulher que tinha nas veias particulas vivas do sangue d'estes homens não podia, de modo nenhum, ser insignificante e ser vulgar. E não era. Foi isso que a perdeu.

Vulgar, ella teria amado, na sua classe, na sua terra e no seu meio,—um honesto *gentleman*, que a fizesse muito feliz e que a tornasse mãe de uma ninhada chilreadora e inquieta de *babies* louros, côr de leite e de rosas. . .

Extranha como era, impetuosa, sonhadora, superior em todo o caso, ella achava que o homem, que não tem um *sello* qualquer de grandeza moral ou intellectual, que o distin-

ga e differenceie dos outros homens, não é digno de attrahir nem um olhar, nem a frivola condescendencia d'um momento de attenção, quanto mais o dedicado amor d'uma vida inteira.

Logo que a mulher, ao sahir da infancia tem esta elevada comprehensão de seu destino, tem este sonho ardente e singular, e este desdem absoluto, incombatiavel, fatal como uma força, pelos homens vulgares que por esse mundo se pavoneiam felicissimos —essa mulher está, só por este facto, condemnada a um futuro de transcendente e orgulhoso martyrio!

Muitas encontram, mesmo n'essa agonia quintessenciada e rara, gosos que lhes transverberam deliciosamente o coração! A essas não as lamentamos. É de uma voluptuosidade ineffavel e sagrada a sua missão de consoladoras e de amantes! . . .

Jane Carlyle não foi d'essas.

Parece não ter havido compensações de especie alguma no amor d'esse *urso* genial,

que soffria como um condemnado do inferno, e a tratava como um lapuz mal humorado.

Mas se apesar d'isso, Jane soube ler as linhas cabalisticas, com que o Genio marcou indelevelmente a fronte do seu insupportavel marido, imagino, ainda assim, que ella preferiu a sua longa *via-sacra* aos prazeres d'uma contradança banal, *passada* ao lado d'um mediocre.

As opiniões de Carlyle sobre a mulher são de uma simplicidade primitiva. Tinha elle para si, como um codigo muito natural, e ingenuamente formulado, — que a mulher, animal inferior e *indispensavel*, foi feito de proposito para tratar do homem; velar pela satisfação das necessidades materiaes a que esse *rei* da criação está infelizmente sujeito; concertar-lhe as meias e até as botas (!); cozer-lhe o pão, sempre que o seu delicado estomago lhe não permitta comer o pão fabricado por padeiros poucos aptos; encommendar-lhe, nos alfaiates, as respecti-

vas *farpellas*, quando a alta intelligencia do sobredito *rei* tenha uma antipathia innata por este genero de encommendas maçadoras; lavar as taboas do sobrado, ou o ladrilho de tijolo, quando ao esposo assista a dôce mania de observar gostosamente este genero de trabalho caseiro, fumando pachorrentamente o seu cachimbo, e meditando em varios problemas philosophicos de alcance ponderoso e belleza immortal; viver no deserto, quando o seu senhor—*her lord*, se permitta esses gostos de anachoreta e de selvagem; ficar em casa, ao *borralho*, quando o mesmo philosopho, subitamente convertido aos prazeres do convivio social, se digne ir aspirar o incenso delicado que, nas salas aristocraticas, lhe é offerecido, em thuribulo d'ouro e perolas, por finas mãos patricias de *ladies* mundanas;—e soffrer tudo isto com um eterno sorriso alegre e carinhoso, com um gorgueio de *cotovia* matinal na voz, que responde ás raras saudações de seu soberano e orgulhoso companheiro,

amando-o sempre, querendo-o sempre sobre todos os seres da terra, muito feliz com uma palavra menos rude, e com uma atenção menos grosseira que lhe sejam concedidas, em horas de generosa feição. . . .

Foi isto tudo o que Carlyle, decerto em harmonia com os seus principios, praticou conscienciosamente na vida conjugal.



Jane Welsh era intelligente, instruida, escrevia adoravelmente, e as cartas e o *Diario* que ella deixou provam até á saciedade o talento gracioso, a aerea elegancia, o perfume delicado e raro, d'este espirito de mulher, que o destino esmagou implacavelmente.

Porque soffreu ella tudo que acabamos de dizer, e muito, muito mais ainda, que não temos espaço para indicar sequer? Porque se

deixou humilhar cruelmente, maltratar, desdenhar? Porque acceitou sorrindo os trabalhos mais servis, as tarefas, mais repugnantes, a solidão mais brava, o isolamento de alma e corpo mais completo e doloroso, as mais degradantes e crueis provações?

Porque amava !

O homem que ella acceitára mais por aspiração de orgulho intellectual que por outra coisa, apparecêra-lhe, mais tarde, sob o aspecto, que o homem precisa de revestir para ter todo o coração, toda a ternura exclusiva e ardente d'uma mulher superior — ao mesmo tempo infernalmente desgraçado e singularmente grande!

O seu genio era uma agonia! Uma nevrose hallucinante, que visões inflamadas e aparições extranhas povoavam e alimentavam insaciavelmente!

Para que *elle* soffresse um pouco menos a aspereza das coisas, o acre azedume da vida, o contacto hostile das creaturas, era

necessario, era indispensavel que ella—ignorada, esquecida, humilhada mil vezes, torturada outras mil—se interpozesse continuamente entre a dôr e a alma d'esse louco sublime!

Só quando Jane morreu é que o homem acordou em Carlyle.

Lembrou-se então de tudo, e soffreu a angustia dos remorsos, como soffria tudo, de um modo extra-humano, archi-phrenetico.

Para expiar as culpas inexpiaveis d'uma tortura de trinta annos, imposta à sua valente e sublime companheira, elle proprio colleccionou as cartas e fragmentos do *Diario* de Jane, que constituem, sem ella o ter pensado nem querido, a condemnação eterna d'elle perante o mundo. Elle proprio contou, sem reticencias e sem covardia, toda a extensão do crime que inconscientemente fôra o seu!

Pensou então em tudo que ella fôra, em tudo que elle não soubera nem apreciar nem adivinhar se quer! . . .

E, com o seu talento sublime de escriptor, contando as ultimas crises da doença que a matára, dizia :

«Era um diluvio de dôres intoleraveis, de dôres indescriptiveis, taes como eu nunca imaginára nem vira. . . Dir-se-hia que eram feitos de dôres cada musculo, cada nervo do corpo d'ella; nem um momento de somno, quer de dia quer de noite, nunca uma trégua no soffrimento e na lucta desesperada! Não conheci nunca ninguem que supportasse a dôr mais corajosamente e silenciosamente; mas aqui, pela primeira vez, vi-a vencida, abandonando-se. . . *Parecia que os olhos d'ella mergulhavam n'um cahos immenso de desolação sem fim,*—tendo no horizonte alguma coisa de peor ainda que a morte.

«Vi, n'esses bellos olhos queridos, expressões que vencem todas as tragedias!»



Era o fim d'uma lucta heroica que Jane, a dôce creatura intrepida e valente, feita de alegria, de intelligencia e de generosa ambição intellectual, travára com o colossal egoismo inconsciente, duro e cego, d'um homem de genio!

Sim, soffreu muito, mas se soffreu amando-o, vendo-o crescer na admiração do mundo, e na sua propria, sabendo que, sem o amor e a maternal vigilancia em que o envolveu, elle não teria nunca .chegado a ser tão grande, e que haveria sido cem mil vezes mais desgraçado, não ousou, apesar da sua agonia longa e do seu martyrio requintado, lamental-a absolutamente!... Paraphraseando um celebre dicto de Heloise, Jane Carlyle muitas vezes pensou decerto : *«que antes escrava d'um genio, que rainha d'um tolo!»*







PIERRE LOTI



Os livros consolam quem os faz e quem os lê! É por amor d'elles que tantas almas tempestuosas se pacificam, que tantos corações tristes encontram a doçura e a paz; é escrevendo-os, que os grandes entendimentos se resignam ao mal de viver, é percorrendo-lhes as paginas tão varias, que muita gente se esquece das amarguras da realidade.

Ha muitas mulheres que acham, nos romances que lêem, as paginas dispersas do romance que ellas gostariam de ter vivido. . . .

Depois, ha escriptores privilegiados, cuja intimidade tem para certas almas uma doçura tão grande! . . . Não são os maiores ás vezes, mas são sempre os mais sinceros! Não são os que melhor pensam, mas são os que sentem, com mais profunda e suave melancolia, a irremediavel tristeza que se evola das cousas . . .

Dizia eu isto, no outro dia, relendo um livro de Loti, porque eu sou d'aquellas felizes pessoas que sabem *relêr* os livros, que á primeira leitura, lhes foram gratos.

Chama-se *Pêcheur d'Islande* o idylio d'esse adoravel bretão, que descobriu o segredo de ferir, na velha lyra chamada a alma humana, uma corda ainda nova; nova ou renovada, o que vem a dar na mesma.

O encanto delicioso e incomparavel que Pierre Loti tem aos meus olhos, é não ser um *litterato*. A preocupação do publico não transluz, nem de leve, nas paginas desartificiosas d'esse phantasista melancholico, que parece contar a meia voz, para seu de-

leite proprio, egoista e voluptuoso, o sonho da sua vida, accidentado e encantador Vê-se, na maneira porque elle sente, e porque a vida o emballa, sem o fazer sahir do vago somnambulismo, em que as cousas lhe apparecem, como que atravez d'um véo translucido e tenue,—que elle pertence, por mil affinidades mysteriosas, a essa raça concentrada, cogitadora e mystica, cuja *poesia* a palavra ondulante e harmoniosa de Renan contou d'um modo inolvidavel ás prosaicas gentes d'este seculo.

Em parte alguma *a eterna illusão se esmaltou de mais seductoras côres*, do que na alma da raça celtica!

«Rematam como elegias os seus hymnos de jubilo, e nada eguala a deliciosa tristeza dos seus cantos nacionaes; lembram emanações d'um mundo superior, que, resvalando n'alma gotta a gotta, a penetram como a reminiscencia de regiões extranhas Ninguem como elles saboreou já-mais, tão longamente, essas voluptias solita-

rias da consciencia, onde se entrecruzam todas as sensações da Vida, tão vagas, tão penetrantes, tão profundas, que a prolongarem-se fariam morrer, sem que pudesse alguém dizer se a morte era feita de gozo ou de amargura. . . . »

É assim que Renan exprime, em vagas tintas d'um esbatido ineffavel, o encanto da alma celtica; é assim que elle diz as delicias d'essa raça, que o tumulto da vida externa, em toda a parte desesperadamente uniforme, não logra arrancar ás delicias do seu mysticismo, á poesia dos seus sonhos, á maneira profundamente original que ella tem de comprehender e de sentir a Vida!

Em quanto a moderna civilisação nivela, disciplina, banalisa tudo, destruindo as diferenças locais, subordinando exteriormente as diversidades de temperamento, matando a originalidade, o pittoresco, o imprevisto, o *romance* da vida,—esta raça, inviolavel, ás invasões do estrangeiro, altiva na sua isolação, invencivel no seu sonho de selvatica in-

dependencia, conserva, através dos tempos, o mesmo genio, que primitivamente a distinguuiu e individualisou.

Foi ella quem impôz ao mundo quasi todos os *motivos* das suas lendas poeticas, é ella ainda hoje na pessoa d'alguns admiraveis representantes seus, que põe na litteratura as notas penetrantes da sua voz, entre todas deliciosamente modulada, finalmente melancholica, d'uma poesia mysteriosa e indefinivel. . . .

Era uma celta Lammenais, é celta Renan, é finalmente Loti, de todos elles talvez, o celta mais sem mistura.

O *Pescador da Islandia* é, incontestavelmente, uma pagina solta d'essa *poesia das raças celticas*, de que Renan formulou a lei superior, e sondou a origem ethnica.

Já em remotas eras, a lenda de S. Brandan, que Renan classifica como «o producto mais singular da combinação entre o naturalismo celtico e o espiritalismo christão» contando com extranho vigor, e com sur-

prehendente sentimento de verdade e de pittoresco, a navegação feita por uns frades aventureiros através dos mares polares, pinta a transparencia do oceano; o aspecto das ilhas de gêlo derretendo, ao calor do sol; os phenomenos vulcanicos da Islandia; a physionomia caracteristica e singular dos *fiords* da Noruega; as neblinas subitas; o mar que, de repente, se faz calmo e branco como leite; todos os aspectos phantasticos d'essa natureza magicamente deslumbradôra, que tem um quê de ficção e de miragem, que um raio de sol modifica, em que um raio de sol accende Niagaras de chamma . . .

Pois a lenda de S. Brandan *refeita* á moderna, e entrelaçada n'um idylio casto, immaculado como as neves islandicas,—eis esse livro, que não tem similhaça com nenhum outro, mas em cujas paginas deliciosas a alma bretã se espelha poeticamente e naturalistamente ao mesmo tempo



Como posso eu fixar aqui a trama vaporosa, transparente d'esse idyllo quasi biblico?

Ella é tão fina e tão subtil, tecida de fios tão frageis, d'uma delicadeza ideal tão difficil de *notar* em palavras!

Yann, o robusto e bello, o orgulhoso e athletico marinheiro bretão, dos que navegam todos os annos nos perigosos mares da Islandia, encontrou no *Perdão dos Islandezes*, que se celebra a 8 de Dezembro, Gaud, a doce rapariga do Paimpol, de olhos côr da flôr parda do linho, e cabellos côr do ouro fulvo em fusão.

Mais educada do que as suas companheiras e amigas, sabendo lêr e escrever, falar correctamente e vestir-se bem, não é, d'estes predicados adquiridos que vem a Gaud, a aristocratica distincção nativa da sua pessoa, a graça esquiva, extranha e singular do seu porte de rainha.

È que ella é neta dos rudes navegadores da Islandia, dos ousados marinheiros de que,

todos os annos, o mar polar colhe em flôr tantas das bellas vidas desbordantes de seiva e de energia. . . .

É dos seus avós heroicamente temerarios, que vem á filha do burgo de Paimpol aquella expressão altiva e grave, obstinada e doce, que é antiga e que parece juvenil

A primeira vez que ella vê Yann, o gigante cujos olhos escuros muito vivos e movediços teem uma expressão soberba e selvagem, cujos dentes brancos e pequenos apparecem no sorriso felino dos seus labios, que uma pennugem loura ensombra, — a primeira vez que ella o vê, Gaud sente que o ama, e que nunca mais mais amará outro, nem ouvirá as phrases de cubiçoso enlevo, com que, no outono, quando as charnecas da Bretanha, sempre tristes, se despem da ultima flôr dos seus tojeiros, as moças de Paimpol se deixam prender, rendidas e languidas, pelos moços marinheiros que voltam, sedentos de amor e de caricias, das longi-

quas navegações polares, tão cheias de perigos. . . .

Durante dois annos, Gaud sente que o ama, e Yann esquiva-se extranho e indecifrável, sempre que lhe falam d'ella os amigos e companheiros.

Ninguem, nem elle proprio, sabe por que procede assim. . .

Talvez porque, um dia, prometteu casamento a esse mar phantastico de que elle conhece as caricias embaladoras e enlanguescidas, a furia selvagem, insaciavel e ardente, os magicos aspectos de calma leitora, o encanto mysterioso, durante as noites da Islandia, em que o sol, que não desaparece do horisonte, tem a claridade branca e triste de um luar de inverno, e parece um sol morto, illuminando espectralmente, com o seu disco luminoso e sem calor, um mundo amortalhado em gêlo, um mundo feito de coisas mortas tambem. . . .

O livro de Loti conta o amor de Gaud e as esquivaças de Yann; mas conta sobre-

tudo o poema do mar e o poema da Bretanha; das charnecas desertas, dos afloramentos graníticos d'esse solo ingrato, das tristezas ineffaveis, que as coisas respiram sob aquelle céo plumbeo, perto d'aquelle oceano solu-cante, que á noite ulula com uma tristeza de morte, acompanhando os gemidos de saudade de tanta viuva, de tanta mãe, que chama em vão pelo filho ausente, de tanta apaixonada que se lamenta porque o eleito do seu coração não pode mais voltar

E foi o mar que os levou a todos, que a todos devorou, sinistro, implacavel, inconsciente, cantando ao vento a sua eterna canção desolada e soturna, a sua canção de morte, em que dirieis gemer o *adeus* supremo de tanta voz humana!



Um dia Gaud e Yann approximaram-se, sem que possa dizer-se qual foi a influencia inexplicavel que os juntou.

E seis semanas antes do marinheiro islandez partir para a viagem annual das grandes pescas, eil-os que se namoram pela voz e pela vontade, como se tinham namorado pelo pensamento e pelo instincto, e que se casam, e que celebram o seu noivado, em que a paixão mais ardente e mais pura resume e amplifica os seus extasis divinos, na cabana secular dos pescadores bretões, cheirosa ás algas, cercada de armarios de carvalho encravados nas paredes de granito e servindo de leitos onde tem dormido, amado, nascido, gerações e gerações de heroicos pescadores, que a morte depois colheu lá fóra, luctando com as ondas revoltas, nas tempestades terriveis do mar alto e profundo

Na noite em Yann e Gaud se casam, o mar está bravo, bravo, como se tivesse ciu-me d'aquella felicidade paradisiaca, e raiva

da velha promessa esquecida e quebrada !

E, toda a noite, a grande e invisível orchestra tocou selvaticamente as suas symphonias tempestuosas, enquanto elles se beijavam, esquecidos de tudo, na ephemera delicia, que os amantes tem a loucura de julga eterna !

O vento tinha uivos de raiva, lamentos de sinistra melancholia, invocações de morte, soluços desesperados, em que a alma das coisas chorava a sua tristeza sem fim, a ineluctavel miseria das suas dôres O phrenesi d'aquella orchestração infernal tinha ribombos fulminantes e trovões cavernosos

Mas elles amavam-se, sem ouvirem outra voz que não fosse a palpitação fremente e procellosa dos seus dois corações, batendo unisonos

Sentem-se fortes, sentem-se invenciveis, Yann porque a virgem do Paimpol lhe dêra a colher a flôr immaculada dos seus bei-

jos, Gaud, porque Yann era d'ella emfim, e ninguem ousaria roubar-lhe o amor da sua alma, quando ella o tinha enlaçado nos seus braços robustos e brancos, que tão bem sabiam prender o unico ser que na terra desejavam ter preso

O mar pode lamentar-se á vontade, os noivos não o escutam. No extasi em que elles mergulhavam absortos, não se sabe, felizmente, que a Morte e o Amor são irmãos!



Quando, seis mezes depois, as moças bretãs, enlanguecidas e frementes, esperavam a volta dos navios da Islandia e dos seus robustos tripulantes, Gaud esperava mais ardentemente do que as outras, ella que vivera suspensa da delicia inultrapassavel d'essa hora

Mas Yann não voltou!

O mar, a que elle promettera ser fiel, vingou-se da promessa trahida, e um dia, ao longe, nas costas sombrias da mysteriosa Islandia, as nupcias monstruosas do homem com as ondas celebraram-se n'uma violencia de tempestade Viril e soberbo Yann luctou, pensando na mulher da sua carne, no alvo corpo virginal que, n'uma noite inolvidavel, havia apertado ao seio valente, e no qual a sua alma rude de homem tinha, sem consciencia determinada de que o sentia, encontrado o resumo delicioso e a amplificação adoravel de *tudo* Luctou, mas foi o mar que venceu!

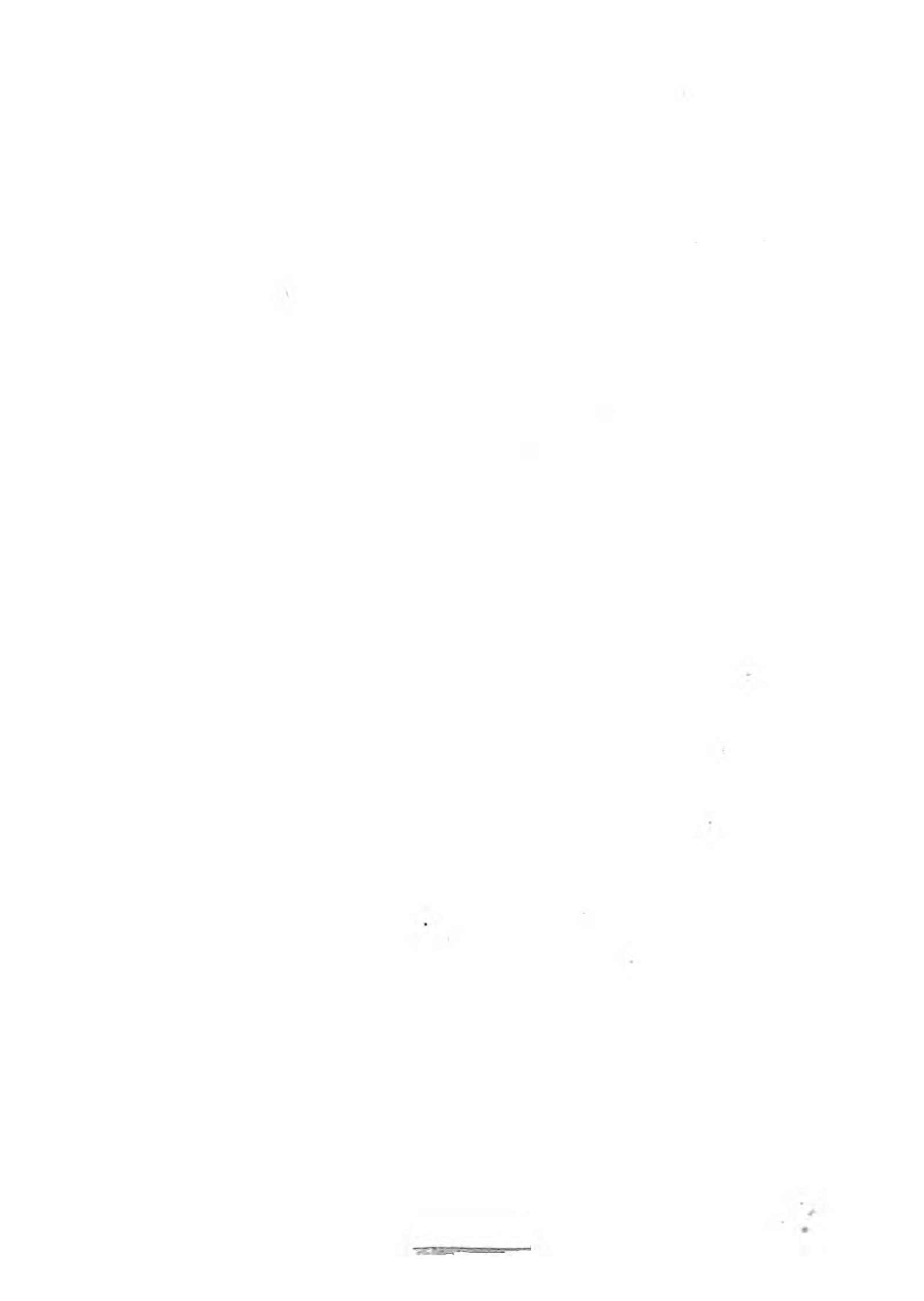
E Yann nunca mais voltou, e Gaud nunca mais soube sorrir! . . .

Eis a historia que Loti nos conta mas santo Deus! com que poder de evocação real, com que poezia intensa, amorosa e suggestiva elle nol-a conta!

Que fremitos de carne, em cada um dos pequenos periodos simples e harmoniosos, que a penna do artista bretão parece invo-

luntariamente deixar cair, como caem pedras d'um colar cuja fita se quebrou Bastava o *Pescador da Islandia* para provar ao mundo, que o século XIX sabe sentir, amar, sofrer, e distillar das coisas eternamente verdadeiras do coração humano, uma quinta-essência subtil, de que os nossos avós, mais sãos e equilibrados, não souberam conhecer o sabor voluptuoso e agradável







A PRINCEZA MATHILDE

NO

JORNAL DOS GONCOURTS

G' a unica figura que destaca, interessante e verdadeiramente original, d'estas paginas em que a vida nos apparece tão chata e tão mesquinha, com uma coisa unica a refulgir vivamente no seu fundo grisalho: os livros, sempre os livros, sómente os livros!

Não ha temperamento de homem de letras mais completo do que o temperamento dos Goncourts. Elles julgam, creio eu, que a vida se fez unicamente para que elles a contassem, observassem, analysassem, dis-

tillassem, dissecassem; para que elles extrahissem d'ella a quinta essencia subtil do seu estylo atormentado, cheio de imagens, de sons, de aromas, de notas cuidadosamente colligidas, de documentos reunidos n'um labor extenuador á força de absorvente.

A gente lê os dois volumes do *Jornal*, e não percebe nas suas setecentas paginas — além do já lendario affecto que unia e identificava mutuamente os dois irmãos — nem o mais rapido vestigio, nem a mais passageira referencia a um amor que fosse grande e profundo, a uma amizade que fosse virilmente consoladora, a uma admiração que fosse inspiradora e sentida, a uma confiança em alguem ou em alguma coisa que fôsse suggestiva de nobres esforços! . . . É sempre a observação, sempre a *notação* exacta e subtil de todas as verrugas, de todos os defeitos, de todas as disformidades humanas; sempre a dissecação pouco benevola e pouco piedosa; sempre a ambição egoista e exclusiva de colleccionar factos, do-

cumentos, dados psycho-physiologicos, que sirvam para os livros que se estão fazendo ou que se vão fazer!



Esta preocupação predominante, este *parti pris* em que ha o que quer que seja de mania; este desejo allucinador de encontrar sempre, na juxtaposição de pequenos symptomas, o diagnostico caracterisco da doença mental que se estuda, que se procura avidamente em cada cerebro; este induzir dos desleixos explicaveis da conversação, das imprudencias fataes d'uma palestra rapida, alguma coisa de definitivo ácerca de cada um; — são coisas verdadeiramente terriveis! Isto deprava nos dois irmãos a faculdade de *ver*.

A' força de fixarem teimosa e incançavel-

mente os pequenos pontos quasi imperceptiveis que, para elles, são os importantes, a visão altera-se, a vista incandeia-se e vacilla, e um *tic* nervoso e insupportavel substitue o olhar claro e penetrante dos bons observadores da especie humana.

Era aos Goncourts que o bom Gauthier devia ter dicto :

Pour savoir comme on vit, n'oubliez pas de vivre.

A ninguem este conselho pratico caberia mais de molde.

Lendo o jornal e as *Cartas* dos dois Siamезes litterarios, chega quasi a imaginar-se que elles nunca *viveram*.

Foram os espectadoresmeticulosos de todos os pequenos incidentes da vida contemporanea; mas não amaram ardentemente, não conheceram a voluptuosa agonia das dôres; não souberam o que é o desespero, com que nos apunhala o coração a traição d'aquelles que eram a nossa Fé; não conheceram a embriaguez, as sollicitações arden-

tes da ambição e da lucta; não commungaram, com os seus companheiros de miseria, do amargo pão embebido em lagrimas, de que se alimentam os que soffrem, os que amam, os que *vivem* emfim!



Não foi todavia meu intento fallar hoje dos Goncourts á parte feminina dos leitores com a qual estou encarregada de entender-me directamente. É outro o meu intento, e não quero afastar-me d'elle.

Das paginas do *Jornal* salva-se apenas, incolume da ironia desdenhosa com que todas as demais são tratadas, uma illustre personalidade de mulher. É d'ella que eu venho falar aqui.

Não farei a sua biographia; contentar-me-hei de vel-a atravez da lente por que a viram os Goncourts.

Por uma vez que elles são amaveis no seu criterio, quasi entusiastas na sua admiração, não serei eu que tente contrarial-os.

Foi sob o segundo imperio, em França, que V. Hugo e Quinet foram exilados, que Michelet foi perseguido, que muitos pensadores tiveram de procurar no silencio um refugio, na desdenhosa abstenção, a denuncia indirecta das revoltas que os agitavam interiormente.

Basta isso para que a sociedade official do segundo imperio seja antipathica para os que amam, acima de todas as liberdades, a liberdade sagrada do pensamento e da palavra.

Saint Gratien porém, a pequena côrte da princeza Mathilde, era como que um protesto contra a maneira de pensar das Tuileries. É possivel que Napoleão III quizesse ter aquelle ponto de ligação com alguns dos grandes escriptores e dos grandes artistas do seu tempo, como que para amaciar, sem que elles dessem por isso, as ares-

tas demasiadamente agudas e asperas da opposição que elles faziam á sua politica e á sua dynastia ; é possivel tambem que o temperamento pessoal da princeza a predispozesse para a agradavel e gloriosa missão de Mecenas feminino, que ella tão largamente e nobremente exerceu. A verdade é que o palacio da princeza Mathilde, em Paris, e o seu elegante *chateau* de Saint Gratien, eram o centro onde se reunia o que Paris tinha então de mais distincto na litteratura, na sciencia, e na arte.

É dos jantares da princeza, e da sua gentil e fidalga hospedagem, que os Goncourts se não cançam de fallar em paginas e paginas, que são incontestavelmente das mais interessantes do *Jornal*.



O retrato da princeza, esboçado logo á primeira vista, depois retocado successivamente em frequentes encontros, a diversas luzes, sob aspectos differentissimos, é talvez o mais lindo retrato, dos muitos que os Goncourts nos deixam na sua obra tão notavel.

A princeza tem o encanto d'uma belleza forte, accentuada, italiana; mas tem sobretudo o encanto incomparavel da naturalidade mais expontanea, da vivacidade mais indisciplinavel.

No primeiro jantar para que os convida, põe-nos immediatamente á vontade. Nada, — a não ser o luxo principesco, a correcção majestosa dos numerosos lacaios, as armas do Imperio gravadas na baixella symptuosa — revela aos finos e delicados artistas de uma vibratilidade de impressões tão excessiva e doentia, que se acham no salão d'uma alteza imperial.

A princeza tem, como só tem as princezas e as mulheres do povo, a liberdade de dizer tudo que lhe passa pela cabeça e do

modo por que lhe passa pela cabeça. Ora o modo nem sempre é impeccavelmente classico, mas os termos pittotescos de *argot* que ella usa ás vezes, adquirem un encanto de imprevisto delicioso, ao passar pelos rubros labios espessos tão italianos, d'essa moderna Margarida de Navarra, d'essa patricia da renascença, sem o pedantismo de Victoria Collona, sem a crueldade de Bianca Capello.

A princeza queixa-se da nullidade das mulheres, da impossibilidade que ha de interessal-as em assumptos de arte, ou de litteratura, da falta de *curiosidade* espiritual, que existe no cerebro feminino, e declara que receberia com muito prazer Rachel, e que está prompta a acolher com entusiasmo Georges Sand. . .

Os Goncourts ficam perfeitamente *sous le charme*, e esse encanto subtil da primeira hora, não torna a quebrar-se mais.

Vêem-na então muitas vezes. A' meza d'ella assentam-se, alternadamente, Renan, Sainte Beuve, Taine, Méry, o pae Dumas,

Pasteur (*un savant du nom de Pasteur* — dizem os Goncourts) Nieuwerkerke, Flaubert, Girardin, Merimée, Baudry, Arago, Hebert, Fromentin, etc., etc.

E de cada vez um novo traço, uma pincelada rápida, vem accrescentar relevo e vida ao retrato da intelligente mulher, que preside ao cenaculo glorioso, admirada, amada por todos estes terriveis manejadores da penna, por todos estes artistas fastientos, scepticos uns, desdenhosos outros, saciados quasi todos dos prazeres do espirito e da conversação, *surmenés* pelas voluptuosidades agudas do pensamento e da critica.



A princeza porém não podia nunca enfastial-os; tal era a variedade de aspectos sob os quaes os deslumbrava e espantava continuamente.

Na sua physionomia mobil e animadissima, verdadeira physionomia de mulher intelligente, as impressões succedem-se rapidas, vertiginosas, imprevistas. Quando menos se espera, os seus olhos *indefiniveis* dardejам flammас, atravessando de lado a lado, penetrando com a ironia aguda o seu ou os seus interlocutores. O espirito é como o olhar. Tem scentelhas, tem impetos, tem achados subitos. Pinta á maneira de Saint Simon, á *l'emporte pièce*, com uma phrase . . .

N'aquella mesa, servida por lacaios silenciosos e discrectos, que parecem automatos de libré, discute-se tudo, fala-se em tudo . . .

Reina a liberdade mais absoluta, de opinião e de criterio. Litteratura, arte, moral, sentimento . . . não ha tecla que se não toque.

Ha debates subtis sobre o amor, como nas côrtes italianas da Renascença, e na côrte *florentina* dos Valois. E cada um diz o que pensa e o que sente d'esse thema velho

como o mundo, e moço, moço eternamente. . .

Quando Sainte Beuve põe no assumpto a sua grossa nota sensual, são para ouvir-se as bellas e pittorescas descomposturas que a princeza lhe pespega!

Elle curva-se e sorri, lambendo os beiços libidinosos. Contradictorio com a sua obra escripta, confessa alli abertamente o seu desprezo pelos prazeres do espirito e a sua predilecção absoluta pelos. . . outros.



Uma nota que me torna a princeza Mathilde especialmente sympathica: Quando falla com um imbecil soffre tanto, que a pelle toma n'ella tons plumbeos, lembra, como dizem os Goncourts, uma pintura de Guerchino! Ha uma noite em que ella ap-

parece assim, com esta physionomia de crucificada aos dois irmãos. Está fallando em ninharias, fastidiosas com duas senhoras, enquanto a poucos passos, os Goncourts conversam com o grande *seductor*, homem de sciencia chamado Claude Bernard!

Os dias de Saint-Gratien, passados no *atelier*, enquanto a princeza pinta, rodeada pela sua côrte de artistas e de escriptores, são verdadeiramente adoraveis de graça artistica, de goso requintado e intelligente, e a gente, ao lêr a notação rapida que os Goncourts fazem d'elles, parece-lhe estar em pleno seculo XVI, no tempo das galantes princezas eruditas, das formosas mulheres que inspiravam o genio de Angelo, e que acariciavam a pallida fronte de Raphael.



Do *Journal* a figura que fica de pé, é decididamente a da princeza Mathilde. Os outros *desapontam-nos* todos.

Mery, por exemplo, é «um velho horriavelmente feio, com grossas feições de operario, olhos doentes de cego, uma barba inculta. Tem a ironia *aflautada*, malicias paradoxaes, ditos de macaco da Cannebière, um fogo de palha molhada, com scentelhas e clarões rapidos.»

Não valerá mais lèr a *Guerre du Nizam*, os *Damnés de l'Inde*, toda a obra phantastica, imaginosa e divertida do brilhante marselhez?

Dumas, pae, é para elles «uma especie de gigante, com os cabellos de um negro que se tornou em *sal e pimenta*, olhinho de hipopotamo, claro, finorio, e que mesmo velado, está de vigia; tendo, n'uma cara enorme, feições parecidas com as feições vagamente hemisphericas que os caricaturistas prestam ás figurações humanas da-lua. Tem um não sei quê d'um homem que anda pelas feiras a mostrar prodigios, combinado

com alguma coisa d'um *caixeiro viajante* das *Mil e uma noites*. A palavra é abundante sem ter grande brilho, sem espirito mordente, sem a *côr* do verbo; é tecida de factos, factos curiosos, paradoxaes, *épatants*, que tira, com voz rouca, no fundo de uma memoria enorme. E sempre, sempre, sempre a falar de si, mas com uma vaidade de creança grande, que não irrita.»

Aonde está aqui o *contista* de uma riqueza oriental de imaginação e de palavra, de invenção e de *verve*? Onde está o athleta da vida imaginaria, a quem um critico chamou *uma das forças da Natureza*? Onde está a inexgottavel, a collossal, a prodigiosa phantasia, que inundou o mundo com a multidão infinita das suas visões, com a maravilhosa florescencia dos seus sonhos?

E Georges Sand, a mulher-prodigio, o Proteu-feminino que se transformou milhares de vezes, e que aos setenta annos valia mais que aos trinta, pela mocidade irradiante do seu coração genial?!...

Não ha nenhum, entre aquelles que nos habituámos a admirar de longe, que nos não appareça amesquinhado e diminuido, visto através do oculo dos Goncourts.

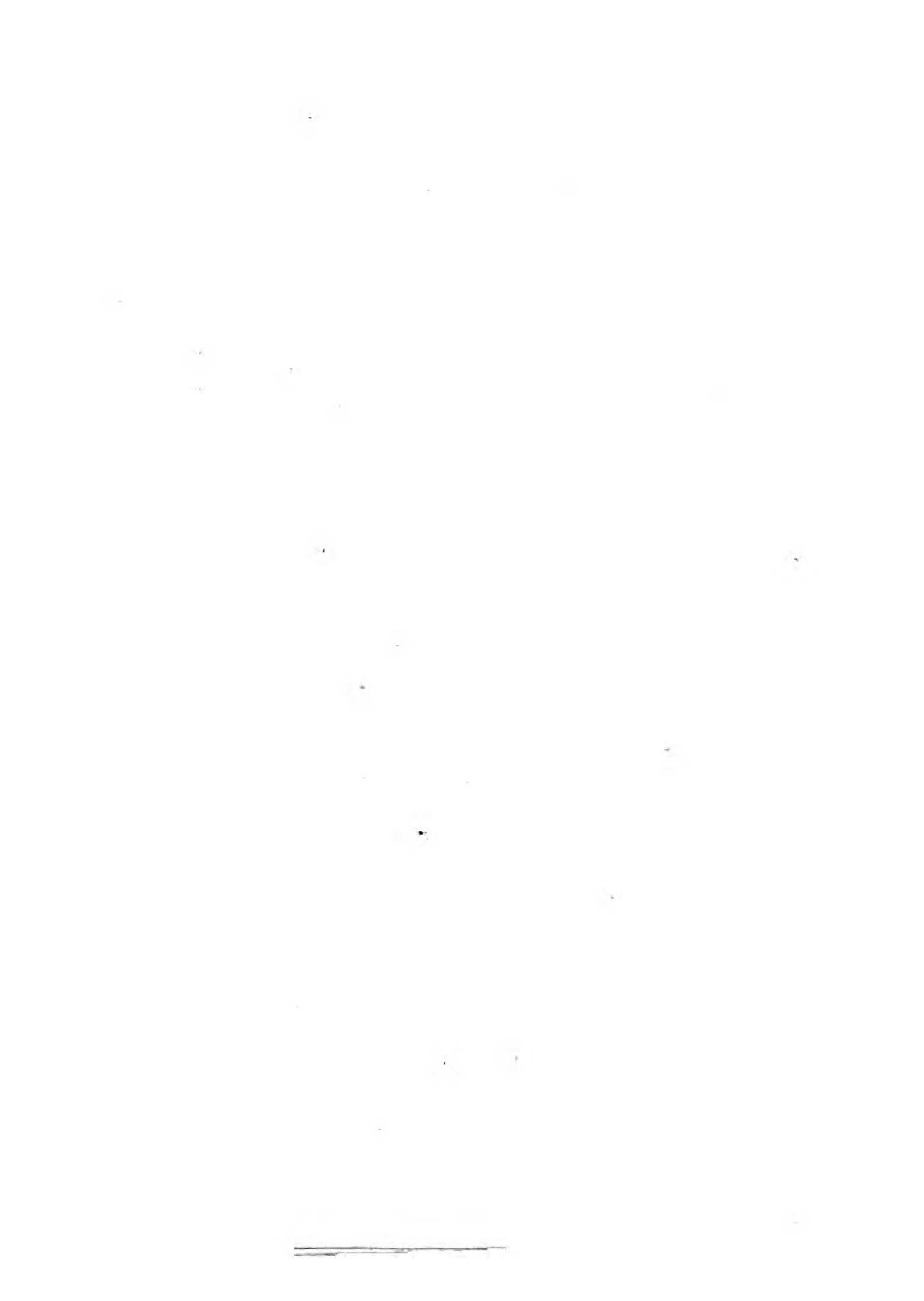
Só a princeza Mathilde escapa a esta execução geral. Só ella fica, elegante, e graciosa, viva e singular; cheia de encanto pessoal, de espontanea e poderosa naturalidade; moderna pelo genero do seu talento vibrante, nervoso, apaixonado; antiga, pelo patrocínio principesco dado ás artes, ás letras, ás sciencias, ao espirito, á aristocracia do pensamento, tão superior a todas as outras, e tão desdenhada pela mediocridade do nosso tempo.

Italiana de raça e de formosura, a princeza Mathilde representa, em pleno seculo XIX, mercantil, industrial e utilitario, uma d'aquellas illustres damas de Roma ou de Florença, de que ainda ha pouco um escriptor francez traçava os retratos, encantadores e enigmaticos.

Como recompensa á sua intelligente com-

prehensão das coisas bellas, ella é a unica princesa da casa Bonaparte, que sobrevive a todas as glorias da familia, na palavra fais-cante, flexivel e subtil dos mais notaveis pro-sadores do seu tempo. É assim que elles lhe pagam, com opulenta prodigalidade, os pra-zeres de espirito, tão intensos e tão delicados, que ella lhes proporcionou e a dedicação carinhosa e terna com que os acompanhou e applaudiu nos seus dias de amargura e nas suas horas de triumpho !







HENRI MARTIN

EM PORTUGAL

No outro dia, percorrendo com infinito interesse a bella *noticia historica* sobre a vida e a obra de Henri Martin, que Jules Simon leu na sessão publica annual da Academia Franceza, celebrada a 2 d'este mez, vi surgir deante dos meus olhos, evocada pela palavra eloquente, elegantissima do eminente academico, a figura singular de Henri Martin.

Tive a felicidade de conhecer este historiador quando elle, ha já muitos annos, talvez oito ou nove, passou por Portugal,

fazendo parte do congresso anthropologico, que aqui celebrou uma das suas reuniões.

Nunca mais se me desluziu da memoria aquella physionomia tão intelligente e tão estranha, que emergia da espessa matta branca dos cabellos e das barbas, com um brilho docemente infantil nos olhos, com uma candidez e uma bonhomia angelica na expressão.

Na minha velha adoração pelo talento, adoração que é em mim defeito de nascença, que não se cura, nem se curará já agora, espero em Deus,—conhecer um homem como Henri Martin, d'uma fama européa, d'um nome universalmente reconhecido entre os gloriosos nomes da França, foi um vivo e agudo prazer de intelligencia.

Convidada, com *alguem* que me acompanhava, pelo distincto archeologo Martins Sarmiento para subir ao alto da Citania, onde os anthropologistas tinham de reunir-se, lembro-me que saboreei deliciosamente esse dia de festa intellectual.

Não imitarei um velho e respeitavel estadista nosso, já fallecido, que, convidado a fazer parte d'um congresso, e referindo-se, mais tarde, ás reuniões que celebrava com os collegas, repetia orgulhosamente:

—*Eramos mais de cem sabios.*

Não! eu não o imitarei n'este ponto!

Os sabios lá estavam, é verdade; o illustre e duro Virchow; o insinuante Henri Martin, que me parecia um sacerdote druidico—talvez de ter passado parte da sua vida a pensar nos druidas; — Quatrefages, extremamente amavel e de uma modestia de aspecto encantador; um polaco, cujo nome não sei, mas que era de uma galanteria requintada na conversa. Eis os unicos de quem eu me lembro bem. É claro que só estava de longe a observar-lhe as evoluções...

O dia era lindo; as estradas que de Braga vão dar a Guimarães são de uma belleza surpreendente.

De um e de outro lado os campos de

milho, de um e outro lado, a darem sombra e frescura idyllica ao caminho, as grandes carvalheiras enramadas no luxo dos rendilhados pampanos... Não ha paysagem mais monotona, mas não a ha tambem mais calmante, mais emballadora, mais serena e doce...

N'aquelle tempo, o outomno tinha-lhe desmaiado as tintas verde-cruas, mas substituiu-as pelos adoraveis cambiantes com que elle lhe varia os tons e lhe enriquece os aspectos...

Além d'esse colorido outoniço, que é tudo que ha de mais bello e de mais variavel, havia ainda as linhas tranquillias, a doçura do ar adormecido, o silencio, a graça humilde de toda aquella bonhomia rural que tão singelamente impregna o nosso Minho.

Almoçámos nas Caldas das Taipas, depois fomos de carruagem até ao sopé da Citania.

Raparigas vestidas á lindissima moda das

lavradeiras minhotas,—todas ellas côres vivas nos lenços e nas saias, corpetes deliciosamente bordados, arrecadas e contas de ouro nas orelhas e no collo,—escolhidas de certo entre as mais bonitas do sitio, esperavam alli, em grupos artisticamente matizados, os *felizes* sabios, para os encherem de flores desfolhadas, e para lhes darem as boas vindas em nome do hospitaleiro amphytrião que os convidára.

No alto da Citania um *lunch* magnificamente servido ao ar livre, e todos os *achados* archeologicos, dispostos de modo a serem rapidamente admirados pelos que vinham estudal-os, ou antes contemplal-os de relance. . . .

Eu, convidada com mais uma ou duas pessoas profanas, por Martins Sarmiento, gozei de todo aquelle espectaculo verdadeiramente inolvidavel.

No erudito archeologo de Guimarães dois sentimentos contrarios disputavam entre si o alternado triumpho. Se o regozijava ver

que homens d'aquelles, illustres entre os mais illustres da especialidade, tinham tido a curiosidade de estudar os mysteriosos vestigios d'uma civilisação morta, — que elle á custa de tantos sacrificios, de tempo e de fortuna, tem conseguido arrancar lentamente ás entranhas do seu extranho monte, — pungia-o a rapidez que absolutamente a inutilizava para um fim scientifico ou para uma investigação positiva.

Se os *sabios* colheram algum fructo da visita não sei eu; que elles aproveitaram largamente o *lunch* que lhes era offerecido, isso percebia-se á simples vista. . . .

Era um comer e beber que mettia espanto!

Dir-se-ia que as *sandwichs* e as fatias de *foie gras* regadas de champagne e de xerez eram muito mais gratas e doces ás suas almas de sabios que os infinitos destroços de varios barros e os objectos mais ou menos enygmaticos, que em grandes e compridas mezes se espriavam aos seus olhos. . . . Elles

perderiam talvez, — as noites em eruditas investigações anthropologicas, geologicas, archeologicas, e mais cousas em *ogicas*, mas lá o dia ganhavam-n'o a devorar como verdadeiros carnivoros, descendentes em linha recta do *homem das cavernas* e do *troglo-dyta* de que se propunham estudar as ossadas, comtanto que tivessem licença para as estudar mais tarde, em occasiões de fastio . . .



Não sei quem teve a amavel lembrança de me apresentar Henri Martin.

Modesto, despretencioso, velhinho adoravel, de que eu nunca mais me esqueci, elle, como homem superior que era, poz logo á vontade a minha pobre e pequenina e ignorada pessoa.

Depois de meia hora de conversação ani-

mada, foi elle quem pediu para voltar a Braga, na carruagem em que eu vinha tambem com outro companheiro.

E foram tres horas deliciosas em que elle fallou, fallou, e em que nós nos não fartavamos de o ouvir. . .

Que geração aquella, e que differença entre a estatura d'esses homens e a dos homens d'hoje! Henri Martin fizera parte d'essa pleiade illustre em que entravam Quinet, Michelet, Cousin, Thierry, Laménais, e em que Hugo e Lamartine, na aurora do seculo, agitavam a palma da Poesia nas suas mãos de ephebos; em que a seiva intellectual, entumecendo o cerebro dos moços, os fazia desentranharem-se em primores de litteratura, de arte, de philosophia e de historia!

Foi um bello tempo esse, de gloria, de entusiasmo e de paixão.

E como na terra, *nada se obtem de graça*, como este axioma economico tem tanta applicação á sociedade como á natureza, a

França está hoje pagando os excessos de vida que então desperdiçava, perdularia e feliz! . . .



A grande obra monumental de Henri Martin é a sua *Historia de França*, a única historia completa dos acontecimentos, factos, instituições, modificações ethenicas, que a França talvez possua.

Michelet é o commentador fogoso e lyrico da vida e da evolução d'uma raça; poeta e sonhador sublime, evocador maravilhoso dos homens mortos e dos acontecimentos passados, Michelet arrasta-nos na sua desgrenhada eloquencia, nervosa e vibrante, até ao paroxismo e até á visão hallucinante, mas não pensa sequer em nos ministrar noções exactas das cousas que queremos saber.

Guizot fez um curso de philosophia da historia de França, mas tão pouco aspirava elle a ser o narrador exacto dos seus fastos, que o primeiro conselho que dava aos que tinham de seguir-lhe as lições, era que se preparassem para ellas com a leitura da *Historia de Sismondi*.

Henri Martin é que deu definitivamente á França a sua Historia, *desde os mais remotos tempos até á Revolução*.

Uma grande influencia se fez sentir na vida d'este homem, que foi um patriota exaltado e um deista convencido, sendo ao mesmo tempo um democrata d'aquella velha raça idealista e sentimental, que tem acabado pouco a pouco, na crescente invasão do materialismo e do racionalismo positivo.

Essa influencia foi a de Jean Reynaud, aquelle pensador que passou pelo *san simonismo*, escreveu depois o livro *Terre et Ciel* e teve a ardente e ousada aspiração, em plena corrente scientifica do seculo, de recon-

ciliar a religião com a philosophia, a crença no absoluto com a sciencia experimental.

As chymeras illuminadas que povoaram a mente de Jean Reynaud, e que inspiraram esse livro que, na opinião de Taine «prova uma vasta curiosidade e uma instrucção abundante: em que se respira um grande e pacifico amor da humanidade, uma firme confiança no futuro, um sentimento de generosidade sincera»; essas chimeras em nome das quaes elle proclamava a migração das almas, de planeta em planeta, aperfeiçãoando-se sempre mais, até chegarem á belleza ideal e suprema—tiveram uma força suggestiva de primeira ordem no espirito de Henri Martin.

A sua theoria sobre os *Druidas* de que tanto mofaram os adversarios, foi tambem Jean Reynaud que lh'a communicou.

Henri Martin chegou a vêr em tudo vestigios da passagem ou da dominação druidica.

Das ruinas da Citania lembro-me, por

exemplo, que elle, não se atrevendo a classificar-as por uma inspecção simples, disse ainda assim que lhe parecia vêr claramente n'ellas vestígios da passagem temporaria dos Celtas, que ali tinham habitado, erguido monumentos seus, etc.

Jules Simon affirma que no fim da sua vida, Henri Martin tinha abandonado o excesso da preocupação a respeito dos Celtas, a quem attribuia uma influencia sobre a França, muito superior á dos romanos e sobretudo á do christianismo.

E acrescenta que d'esse exagero de theoria lhe ficára apenas uma idéa, que é verdadeira e que o honra muito. A idéa de que o elemento gaulez persistiu no seio das populações ruraes da França, sem que nunca lograssem suffocal-o a conquista dos romanos ou a conquista dos Frankos.

Lembram-se que é a essa idéa que Eugenio Sue romancista democrata e revolucionario de *parti pris*, foi buscar a sua inspiração para os seus *Dramas do Povo*?

Que as preocupações de partido, de seita philosophica, de jacobinismo sentimental influissem bastante no pensamento e na alma de Henri Martin, e por tanto na sua obra historica; que elle visse sempre a França do passado, com olhos de quem se havia alimentado ardentemente e avidamente com as doutrinas do seu tempo, em que obsta isto, no fim de contas, a que o admiremos sinceramente?

Elle era um d'estes caracteres fortemente temperados, que um ideal, que já não é o nosso, affeiçoou! . . .

Não era um escriptor encerrado na sua obra esthetica, como um monge na sua cella escura; viveu a historia que fez; amou as grandes personalidades que fizeram tão gloriosa e tão incomparavel essa França querida, de que elle foi um dos filhos mais apaixonadamente amantes! . . .

E quando uma voz como a de Jules Simon revive por momentos, deante de nós, uma physionomia tão sympathica e tão caracte-

risticamente identificada com o periodo historico em que viveu, a gente consola-se de ler esse bello trecho de philosophia e de arte, e saúda enternecidamente, e confundindo-os na mesma veneração, o morto adoravel, que é celebrado, e o vivo illustre que tão nobremente o resuscita, o evoca, o faz amar . . .





A ETERNA QUESTÃO DO AMOR



Deus, quando no Paraiso fez Eva d'uma só cóstella de Adão, entendeu provavelmente que, homem e mulher associados e completados um pelo outro, caminhariam unidos por essa vida fóra amando-se, amparando-se, identificando-se cada vez mais, até attingirem a completa e absoluta *unidade* de que a formação d'ambos é o perfeito symbolo.

O mundo, porém, é que julgou em sua sabedoria altissima modificar, corrigir, transformar a obra de Deus, e dos dois associa-

dos, fez dois adversarios, e da vida estreitamente enlaçada de ambos, fez um conflicto e uma lucta perenne, umas vezes comica, tragica outras vezes, accidentada e *movimentada* sempre.

São os actos variadissimos d'esse drama, que a litteratura se apraz em nos contar em todas as fórmulas multiplas de que ella dispõe.

O combate medonho da mulher com o homem, n'esta arena ensanguentada e vasta da Vida, eis o assumpto de tudo que lemos no Romance, na Poesia e no Drama, eis o que vemos na sociedade, esse palco tão artificial como o outro, e na scena, essa cópia do *mundo*, movida pelas mesmas *fi-celles* e pelas mesmas mentiras, que as que movem o theatro social.

A gente pega n'um livro para fugir por instantes á preocupação do seu proprio destino, e o que é que lhe dá o autor d'esse livro? Um fragmento, uma scena recordada, um trecho avulso, do mesmo eterno

conflicto. A gente vae ao theatro para se distrahir uma ou duas horas de si mesmo, e o que é que lhe dá a comedia ou o drama, a tragedia ou a farça, a opereta ou o poema lyrico? Um aspecto triste ou risivel, ridiculo ou doloroso, da mesma incançavel lucta sem treguas? . . .

E nas salas que frequentamos, o que é que principalmente attrae as nossas vistas e o nosso interesse? Um ou outro segredo surprehendido, ou supposto; um ou outro transe advinhado; uma ou outra suggestão falsa ou verdadeira, mas colhida no campo, em que desabrocham as rosas côm de sangue da Paixão, os altos lyrios brancos e orvalhados do amor juvenil, as frias camelias opulentas, ou as artificiaes e luxuosas tulipas sem perfume e sem alma da feminina *coquetterie*?

Dois sêres encontram-se, e sem que se possa explicar o *como* e o *porquê* d'esse mysterio, antigo como a Vida e como a Vida indecifavel, o olhar que trocam entre si,

basta para arrastal-os juntos á região de fogo onde a Dôr tem requintes de ineffavel doçura, e onde o Prazer tem torturas de inultrapassavel agonia! . . .

O mundo odeia-os instinctivamente, porque presente n'elles o *inimigo*; isto é o sêr completo, que não precisa d'elle, que lhe não pede nada, que o não vê, que o não quer, que está fóra do alcance d'esse dardo envenenado, que elle atira a todo o ponto accessivel que lhe offerece a couraça diamantina dos que são fortes, ou a desarmada fraqueza dos que são vaidosos e frivolos. . . .

A Natureza impassivel e illacrimavel para todos, tem para *elles* que são os iniciados na sua linguagem divina, segredos de carinho verdadeiramente deliciosos. Só elles sabem onde abre as pétalas mysteriosas a flôr viva que canta ao luar, e onde paira a *ave azul* que os profanos teem por fabulosa e por chymerica. . . .

Elles vêem o que ninguem mais vê, elles

ouvem a musica das estrellas, e o soturno lamento subterraneo das raizes tenebrosas, que jámais viram a luz, e que anceiam por ella. . . .

Tudo que á mulidão que passa parece absurdo, impossivel, ou hypothetico, é para elles a realidade mais correntia, a certeza mais banal. . . . Elles teem por certo que só a felicidade e o bem existem; que Deus é misericordioso e bom; que a terra se fez de proposito para que elles podessem passar, atirando aos quatro ventos, a musica das suas duas almas, de que fizeram uma só lyra, as perolas da sua alegria matinal, de que possuem um thesouro sem fim, os hymnos sublimes da sua esperança, de que formaram uma religião immortal. . . .

Soffrem, mas adoram o seu martyrio; gozam, mas choram nos extasis da sua bemaventurança.

Se lhes disserem que a hora em que estão, hora em que se resumem seculos, ha de passar, riem-se soberbamente e pie-

dosamente a um tempo. Soberba de se sentirem tão superiores a tudo que os cerca; piedade para os tristes cegos que os não percebem e os não compreendem... Se lhes affirmarem ser possível que elles proprios, voluntariamente, sem que ninguem os impilla, senão a propria vontade, saiam separados d'esse Eden, onde vagueam unidos, alheios a tudo que não seja as visões deslumbradoras do seu mundo interior—a piedade transforma-se no pavor que nos inspira a palavra d'um louco, d'um louco que o proprio allucinamento póde fazer perigoso...

Para muitos, para quasi todos, chega porém um dia, no qual,—sem que ninguem saiba porque foi a separação, assim como ninguem soube porque foi o resplandecente periodo de felicidade paradisiaca, — os dois sêres que só vivem um do outro, deixam de viver um para o outro, em que as duas almas que pareciam uma só, se separam, eternamente nostalgicas do bem perdido...

Porquê? porquê? porque? pergunta ha não sei quantos mil annos a humanidade inteira, assombrada de tamanha perversão do seu proprio entendimento, de tamanha aberração do seu proprio sentir, de tamanho absurdo do seu proprio coração!

E é d'essa pergunta, eternamente repetida, que se faz toda a enorme, a colossal, a incontavel bibliographia do Amor!

A Antiguidade que não dava a este sentimento a exclusiva importancia que a alma moderna lhe tem dado, julgava, simplesmente que elle era, como tudo mais, a inspiração directa e ineluctavel dos deuses, que tinham na sua mão arbitraria e caprichosa todo o destino humano.

É Venus que inflama no seu fogo calcinante a alma impetuosa de Phedra, a alma criminosa de Clytemnestra, e a *alma serena como a calmaria dos mares* de Helena, a formosa namorada de Paris. . .

Nas mudanças, nas contradicções, nos illogismos, nos contrastes absurdos d'essa

paixão devastadora e terrível, elles não procuravam outra coisa além do capricho—religiosamente respeitado—das Divindades do seu culto.

Não tinham merito, como em absoluto não tinham crime, as tragicas apaixonadas da antiguidade! . . .

A Edade Média achou a possessão demoniaca, como facil explicação dos desvarios sentimentaes que a assignalaram extranhamente. E as grandes tragedias da Paixão, mais forte do que a morte, mais devastadora do que o incendio, mais terrível do que a loucura, encarregava-se a theocracia omnipotente de as indicar ao sagrado horror dos povos, como obra do inimigo incançavel em tenebrosos ardis, do anjo revoltado, eternamente entregue á elaboração de uma vingança inextinguivelmente tragica! . . .

A sciencia, a inquieta curiosidade, o desejo de perscrutar e de compre' ender tudo, apossou-se porém do homem, e esse problema entre todos inexplicavel, o problema

do seu proprio coração que vive do requintado goso de dilacerar-se a si mesmo, começou então de o preocupar principalmente...



Porque se ama, porque se deixa de amar, porque se soffre? Quaes são as condições em que o homem pode achar a felicidade duradoira e a paz definitiva? Com que leis deve obstar-se ao desabrochar venenoso e terrível da egoista e destruidora paixão do amor? Como canalisar e dominar esse oceano, cujas inundações destroem as mais bem construidas dunas, lançam por terra os diques mais colossaes e mais grandiosos, assolando tudo, devastando tudo, matando tudo que tenta oppôr-se ao impeto desordenado das suas ondas?

Como é possível fazer com que a familia,

com as suas leis positivas, com as suas restricções necessarias, com os seus preceitos rigorosos, com as suas legitimas aspirações de regularidade e de harmonia, subsista, tendo a minar-lhe perpetuamente os fundamentos, essa inimiga secular, essa inimiga invencivel, que leva por onde passa a desordem, a desgraça, a dôr e a destruição de tudo que a contraria e tenta restringil-a? . . .

A cada perigo que a paixão individual oppõe á segurança da ordem collectiva, respondeu a sociedade com uma lei restrictiva, com uma medida organisadora, com uma prevenção de força.

O homem, achou que tudo que fizesse para se salvaguardar dos perigos, que em si proprio encontrára, era ainda pouco. E quanto mais rigor empregou nas medidas de segurança adoptadas, mais força de reacção levantou em volta de si, dentro de si mesmo.

Na complicação crescente da vida social,

os conflictos avultaram em vez de diminuírem, e a *eterna questão* apresenta-se hoje com uma dupla face, igualmente característica aos olhos do observador e do moralista.



Ha o conflicto do homem com a mulher, quer dizer, ha o drama eterno travado no mundo interior de que só elles teem o segredo; e ha o conflicto travado entre os dois e a sociedade.

Os psychologos muito delicados e muito subtis, desdenham os transes d'este ultimo conflicto, por lhes parecer facil de mais o estudal-os e descrevel-os.

É o primeiro que principalmente os atrae e os captiva, é no primeiro que elles encontram a infinita variedade de *nuances* que os satisfaz e que os interessa.

Emquanto que é possivel a qualquer de

nós formular *á priori*, a serie de casos particulares em que o amor de dois seres póde estar em opposição com a lei social, é absolutamente impossivel, ainda ao mais engenhoso observador do organismo humano, prevêr, imaginar, figurar a quantidade incalculavel de contradicções e de luctas dramaticas, que podem dar-se entre dois destinos que se aproximaram para se amarem, para se dilacerarem, para exgottarem juntos o que a vida tem de mais acre e de mais delicioso . . .

Esta região psychologica é tão incomensuravel, que se pode dizer que é a unica que ainda não foi completamente explorada. Por isso tudo que a litteratura nos dá dia a dia, versando sobre o mesmo thema, traz sempre uma coisa nova, um novo ponto de vista, um aspecto diverso, uma impressão inedita, uma palavra que não fôra dicta antes!



A que vem estas reflexões todas? Veem muito a proposito porque m-as suggeriu *Francillon*, a ultima comedia em que Dumas exercita mal os dotes extraordinarios, que elle possui de moralista satyrico e de espirituoso e subtil observador.

Alexandre Dumas tem-se preocupado exclusivamente e absolutamente d'uma das faces d'esse conflicto terrivel de que acima falei,—o conflicto aberto pelos costumes e pelas leis entre o homem e a mulher unidos pelo casamento.

O conde de Rivolles depois de perverter o espirito de Francine, depois de lhe fazer perder, na convivencia dos seus amigos, *viveurs* como elle, e da mais perigosa especie, aquella delicadeza de pudor, que é para a alma da mulher o que a poeira doirada e subtil é para as azas da borboleta, o que a pennugem impalpavel é para as petalas da flôr, depois de a desarmar de todas as forças que constituem a suprema força da alma feminina, abandona-a, desampara-a sósinha,

entregue ao absurdo d'um capricho que a lisonja das salas alimentou, ao *détraquement* d'uns nervos, que uma vida de dissipação *mundana* sobreexcitou perigosamente, aos conselhos d'um ciúme illogico e temível como todas as paixões que desequilibram.

A resolução de *Francillon* é que me parece tão absurda, que pertence mais aos dominios da opera comica do que aos da comedia de costumes.

Não era aquillo que *Francillon*, segundo a logica do seu temperamento, podia fazer. . . Era peor!

Se mais tarde, perdida pela illusão d'um amor que lhe apparecesse na hora da crise em que o marido a despenha, morta a dignidade, derrotado e vencido o orgulho, despedaçada inteiramente uma vida que podia ser tão bella e tão feliz, ella accusasse o marido como o auctor *unico* d'esse crime, que só ella expiava, *Francillon* tinha razão, e a comedia de Dumas seria um ensinamento doloroso mas util! . . .

Assim, que pretende concluir d'alli, aquelle mestre em dissertações philosophico-sentimentaes, aquelle auctor de comedias-demonstrações, e de theses litterarias?

Pela primeira vez na sua vida, Dumas que gosta sempre de provar alguma cousa, determinou não provar absolutamente nada, visto que ninguem pode metter-me na cabeça que a gente deva concluir d'aquella comedia deliciosamente dialogada, mas tendo apenas um acto de observação verdadeira e dois de phantasia falsissima, que todo o homem que vae cear em má companhia depois de casado, esteja exposto ao perigo inverosimil e absurdo da mulher lhe seguir o exemplo, procurando para companheiro um escrevente de tabellião que ella nunca viu nem tenciona tornar a vêr!

A mulher que se vinga é menos pueril e menos inoffensiva; a mulher que se respeita ou se resigna é mais delicada e mais pudica!

Explica-se um desvairamento de paixão

não se desculpa uma *espieglerie* de rapariga mal creada e extravagante. Um Luciano que fôsse menos tôlo e mais apaixonado, deante do crime, matava-se; mas deante do equivoco de mau gosto, pedia inevitavelmente... o divorcio.





O BEZERRO DE OURO



Velho Idolo, sempre novo, da também velha, e sempre nova Humanidade, permite-me que eu, uma das ultimas e das mais humildes dissidentes da tua religião universal, me approxime emfim vencida e convencida do altar onde ostentas a tua perfeição e a tua opulencia deslumbradora! . . .

Dizem os annaes das mil religiões em que o homem tem desafogado a sua séde insaciavel de Infinito, o seu eterno sonho irrealizado de Absoluto, que os *novos converti-*

dos se distinguiram sempre pela verbosidade palavrosa dos seus hymnos de adoração, pela ostentação cheia de pompas do seu culto e dos seus actos de submissa e orthodoxa fidelidade!

Se, de pequenina, eu tivesse sido uma das feis do teu altar, ser-me-hia permittido o conservar-me muda e queda, amando-te *in petto*, e calando o meu amor, como se cala um mysterio muito intimo. . . Mas visto que houve na minha vida uma hora de cegueira, um periodo de ignorancia vergonhosa e de trevas intellectuaes tão densas e tão profundas, em que eu neguei o teu Poder, a tua Soberania, a tua Grandeza, deixa-me ó Idolo, ante o qual eu me curvo vencida, deixa-me chorar em publico as maguas do meu arrependimento, as vergonhas da minha incredula cegueira, deixa-me proclamar bem alto as delicias do meu renascer á verdadeira luz, e as alegrias sem par da minha miraculosa conversão, sem trocadilho financeiro. . .

Eu bem sei que vens de longe, ó Bezerro bemdicto!

Seria necessaria a sabedoria que eu não tenho, e o espaço de que este jornal ¹ não dispõe, para fazer a historia da tua immemorial soberania.

Vens das longas trevas pre-historicas, vens do fundo mais remoto das tremendas Religiões asiaticas! Tens uma historia de sangue, uma historia de lagrimas, uma historia tenebrosa e tragica, que a musa do folhetim não sabe nem ousaria contar bem...

Com o tempo transformaste-te e amesquinhaste-te como se transformam e amesquinham todas as coisas que foram grandes!

Houve longos periodos em que te negaram, ó Evidencia, em que te amaldiçoaram, ó Perfeição, em que tentaram apagar-te, ó Sol, em que desertaram os teus altares de alabastro, ouro e diamantes, ó Omnipotencia Summa! . . .

¹ O Reporter.

Das bandas de Jerusalem veiu uma voz branda, suave, enternecida e triste, que, falando aos homens de renunciamento, de humildade, de pobreza e de amor, tentou ofuscar a luz prismatica, a luz deslumbrante, iriada, a luz de flammæ purpureas, que tu irradias de cada atomo fulvo do teu corpo!

Houve gente, desvairada por absurdas superstições idiotas, que condemnou as ceremonias sangrentas do teu culto, os mysterios terriveis da tua lithurgia, os sacrificios humanos de que a tua fome de idolo se nutre insaciavelmente, e que disse em palavras unctuosas, d'uma graça indefinivel e mentirosa, d'um encanto enganador e castissimo, d'uma ineffavel e illusoria delicia, que havia voluptuosidades sem conta na abnegação, nas privações, nos soffrimentos supportados em nome d'um sonho, por amor d'um principio ideal! . . .

E novos templos, e novos altares se patentearam á adoração das gentes! E houve almas que acharam que a maior das doçuras

da vida, era dizer adeus a tudo que a vida póde ter de mais saboroso e de melhor . . .

Foi o peor tempo da tua historia, ó Bezzerro augusto! . . .

Só em segredo te iam levar offrendas os teus antigos sacerdotes; os que te amavam no intimo da sua alma, continuaram a amar-te negando-te affrontosamente! . . . Tu reinavas, porque reinaste sempre, mas não imaginas que artimanhas hypocritas, que fingimentos complicados, que geniaes sophismas, empregavam os teus fanaticos para disfarçarem a adoração que tinham por ti! . . .

As dalmaticas de ouro, as mitras de pedrarias, os baculos de marfim e de diamantes, as cruces de esmeraldas, os calices preciosamente cinzelados, com que então se adornavam os que se proclamavam teus inimigos, vinham de ti, é certo, eram objectos sagrados do teu ceremonial, tu os tinhas abençoado e consagrado antes de partirem para o alto destino que se lhes dava . . .

mas não havia ninguém que ostensivamente o confessasse . . .

Tu reinavas, sim, mas fingidamente, a mêdo, negado por uns, escarnecido por outros, occulto como se occulta um vicio, tratado em segredo como se trata uma chaga a que se tem horror! . . .



Tu, porém, na tua hieratica immobilidade de *deus*, sabias que essa hora havia de passar, e que outra vez o teu reino chegaria, e que outra vez os teus devotos se agachariam nos degraus cravejados de saphyras do teu templo de marmore e porphyro, de lapis-lazuli e de ágatha, de alabastro e de madreperola! . . .

Chegou a hora, soou nos seculos o momento prophetisado da tua desforra divina.

Bezerro de ouro, diante de ti prostram-se os povos, e não dirás que são sómente elles que se prostram . . .



Tu és a grandeza, és a formosura, és a força e és a virtude. Os que tu amas tudo possuem e tudo valem, e não se negará que lhes pertença o reino d'este mundo! o unico reino em que acreditam os homens do nosso tempo sem fé . . . Não estás resolvido hoje, como em remotos seculos, a ser destornado por um pobre visionario que venha de longe, — das mesmas regiões plenas de prodigios d'onde tu vieste tambem, — acompanhado por um troço de mendigos sublimes, de descalços heroicos, de miseraveis ebrios do licor capitoso do Ideal! . . .

Já não tens medo que te neguem, que te desprezem, que te proscrevam em nome de

nenhuma d'essas divinas loucuras, que antigamente desabrochavam, n'um luxo de côres e de aromas paradisiacos, enchendo a terra de flores e enchendo de estrellas o céu . . . Já não tens medo que o mundo, educado pela civilisação que tu bafejas, afieçoado pelas licções que tu lhe dás, prefira aos gosos reaes e positivos, de que tu o tens povoado intensamente, os sonhos alados, as abstracções sublimes, as maravilhosas visões poeticas, que d'antes bastavam á alma humana, para ser crente, para ser forte, para ser digna, para ser fecunda, para ser feliz! . . .

Fortaleceu-te e aproveitou-te o ensinamento de passados erros! Julgaste possivel continuar como eras, immovel, mudo, terrivel, indeciframente silencioso, como as *esphinges* invioladas, e os deuses monstruosos da tua primeira patria!

Mas a licção d'outros tempos corrigiu-te e modificou-te. Para seres contemporaneo eterno das gerações, que eternamente se

sucedem, acceitaste de cada uma, a fôrma que mais se coaduna aos seus gostos, aos seus instinctos e á sua comprehensão esthetica e moral da Vida!

Se és ainda o *bezerro* symbolico, não tens de *bezerro* senão o nome. É por uma necessidade rhetorica que o mundo assim te chama!

És um *deus* á imagem dos homens que governas, e como no velho Olympo grego os deuses partilhavam os vicios, as miserias, as paixões, as loucuras, e até os crimes da humanidade que os acclamava, tu tens os nossos costumes, as nossas tinêtas, as nossas pequenas ambições, os nossos egoismos réles . . . Para te harmonisares com o tempo actual fizeste-te como elle, tudo que ha de mais mediocre e de menos bello. Não é o *elemento divino* o que abunda em ti, ó transfigurado *Bezerro de ouro!* . . .



Mas quando, para nos illudires, tomas a forma do usurario judeu, ou do sceptico jogador de bolsa, que se diz christão, quando emprestas a altos juros, e quando compras na baixa acções de caminhos de ferro, quando agitas a *badine* do elegante, ou quando fixas n'um dos olhos o monoculo desdenhoso do critico, quando te mascáras, quando te disfarças, quando te submettes á quantidade extraordinaria de imaginarios *avatares*, em que surprehendes a nossa espectativa, e sacias a nossa curiosidade,—conservas sempre, por um estranho poder, aos olhos dos que te respeitam, admiram e se sentem como eu vencidos pela tua grandeza estranha, a tua velha forma monstruosa de idolo metallico, de idolo terrivel, d'uma implacabilidade inexoravel, d'um poder illogico e tremendo, d'uma ancia sanguinaria de sacrificios humanos, d'uma crueldade esmagadora para tudo que se oppõe ao caminhar da tua medonha e inflexivel Vontade!

E como as mós e os engenhos moem o

trigo que nos alimenta, tu, quando queres, por um capricho bestial da tua natureza de animal-deus, moes nos teus dentes metallicos, a flor da dignidade d'uma nação, os ultimos vestigios do delicado brio d'um paiz! Quando te passa pela cabeça, cravejada de rubis sanguineos, dar-te a ti mesmo o espectaculo degradante do impudor social, ninguem tem a imaginação que tu sabes ter para inventar cousas ineditas, factos imprevisitos, comedias que á força de fazerem rir, acabam fazendo chorar os que ainda sabem conhecer o que é bom, e bello, e edificante e digno e são! . . .



Bezerro de ouro, eu saudo-te, ajoelhada! Não tenho nada que te offereça, para te provar como me tens aqui rendida, espantada da tua força dominadora, crente do

teu poder olympico, humilde deante da tua incontestada omnipotencia !

Sou tão pouco! . . . valho tão pouco! . . . passo tão despercebida no mundo, que a minha homenagem, por sincera que seja, não tem significação para ti! . . .

Deixa-me, porém, pôr nos degraus do teu altar este hymno de adoração e de fé! Tu és capaz de tudo, *Bezerro de Ouro*; até és capaz de ter lido os Evangelhos. Se os lês, lembra-te do *obulo da viuva*, que aos olhos do Senhor valeu tanto como o maior thesouro do mundo, pois que era tudo que ella podia dar!

Bem sei que o mundo moderno te acclama com unanime ternura; bem sei que ninguém ousa respirar deante da tua aterradora grandeza; bem sei que és tu que dominas, que, para terem o direito de te servirem, te vendem a sua alma todos aquelles a quem tu a queres acceitar; bem sei que todas as dôces chimeras que faziam a nossa consolação de outro tempo, que eram a

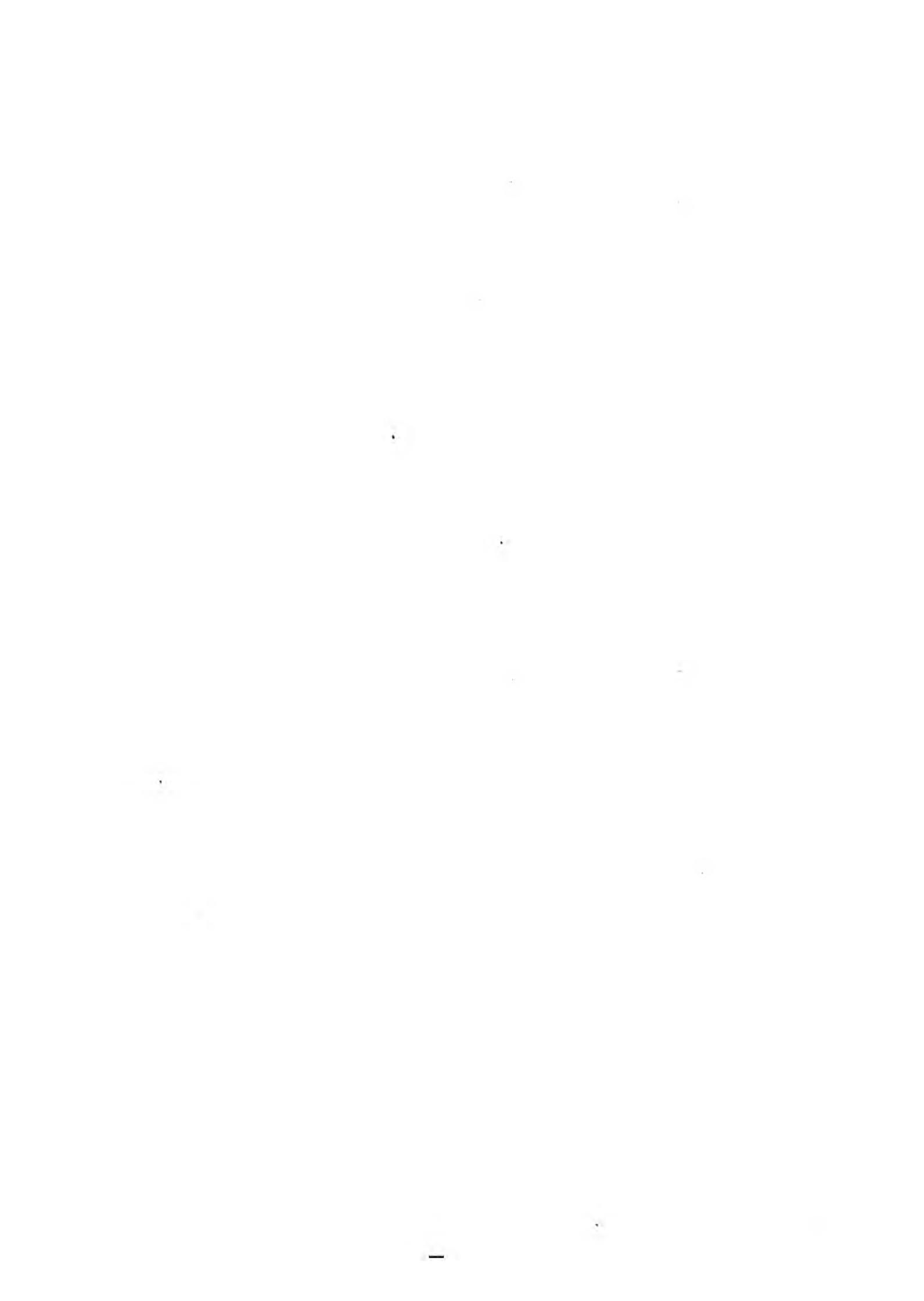
somma de mil sacrificios accumulados, o resumo de mil esforços heroicos, o reflexo de mil pensamentos luminosos e justos, foram hoje substituidos por creações da tua lavra, por invenções da tua phantasia,— é por isso tudo que emfim me converteste, e que d'aqui em diante me terás como a mais humilde e activa thuriferaria das tuas ceremonias pomposas . . .

Dir-me-has que não tem opportunidade este meu hymno, eu dir-te-hei em resposta, que é sempre tempo para confessarmos os nossos erros, e para proclamarmos bem alto a nossa conversão á verdade.

Como S. Paulo, achei o meu caminho de Damasco! Como Santo Agostinho, determinei confessar a minha heresia d'outro tempo e renegal-a em lettra redonda!

A gente apanha onde pode as occasiões e quando as não encontra . . . inventa-as. É precisamente o que eu fiz hoje!







CARO, PRANZINI E FLAUBERT



Qobre Caro! . . . Decididamente, a época não corre favorável aos philosophos . . . espiritualistas!

Não podem nem viver nem morrer, n'este seculo de vapor, em que se atravessa a existencia com tamanha e tão vertiginosa pressa, em que os passageiros tomam bilhete no expresso que conduz á Fortuna, sem se lembrarem sequer dos frequentes descarrilamentos que os atiram ao . . . hospital, e em que, todas as especulações, a não serem as financeiras, deixaram de fazer parte do programma moral de cada um!

Pobre Caro! . . . A sua *tinêta* — sympathica e rara *tinêta* — era combater o materialismo e provar que havia Deus!

Deus não se prova. Sente-se! As épocas que o não *sentem* no mais intimo e mysterioso da sua consciencia, são as épocas amaldiçoadas, os grandes *Saharas* da Historia, em que os sedentos e os sonhadores do ideal, os crentes incondicionaes do eterno *au de lá* morrem calcinados pela sua devoradora agonia, clamando-a debalde á face dos céos tenebrosos e implacaveis!

Deus, para uns, reveste uma fórma concreta e um symbolismo tangivel, e tem então os mil nomes que as religiões lhe teem dado; para outros é a synthese de todo o bem, de toda a perfeição, de toda a belleza! Uns veem n'elle o Absoluto de que a sua alma tem sêde perpetua e insaciavel; outros encontram-no, identificado com o infinito Universo que o representa e o contem!

Mas para cada um dos espiritos e para cada uma das épocas, que o comprehendem

ou sonham, d'este ou d'aquelle modo, elle é a fonte sublime de todo o ideal, de toda a força e de todo o generoso e grande amor! Quando elle desaparece da alma dos povos e da vida moral dos individuos, individuos e povos, caem n'um marasmo intellectual, que os esterillisa, ou n'um revoltante cynismo, que os corrompe, atirando-os á posse exclusiva da felicidade material e do prazer dissolvente e bestialisador!

Como é que o pobre Caro havia de ser ouvido, se elle prérgava no peor dos desertos, no deserto feito de homens, em que a alma se extinguiu e apagou como a lampa-da sem olêo? . . .

Ouviam-no as suas graciosas admiradoras, porque elle *fallava bem*, e era ainda um goso, um goso puramente sensual, o escutar-lhe a harmonia cadenciada dos periodos e a graça mais ou menos requintada da expressão! Modelos de *l'art du bien dire*, chamou a critica ás suas dissertações metaphysicas, não muito profundas, valha a ver-

dade, mas muito bem intencionadas em todo o caso!

As mulheres amavam-n'o! Era um director das consciencias, ás quaes a devoção ultramontana, a mais elegante mas tambem a mais intransigente, não tinha subjugado completamente.

As gentis pensadoras que não se sujeitavam com a docilidade da pragmatica ás prescripções dos confesores de mais fama, viam em Caro um amavel confessor, que perdoava todos os scismas, contando que elles não degenerassem n'uma aberta herezia, e que tinha absolvição para todos os peccadinhos veniaes da consciencia mais ou menos emancipada! . . .

A *blague* parisiense tomou conta d'esta amoravel tendencia do philosopho querido das mulheres, e castigou-o severamente, expondo-o ao riso cruel, ao riso verdadeiramente criminoso das mesmas que o tinham seduzido . . . espiritualmente fallando.

O publico portuguez apreciou infinita-

mente o Bellac do *monde où l'on s'ennuie*. Imagine-se pois o que seria o publico de Paris, possuidor de todas aquellas *chaves*, que escapam á nossa curiosidade, conhecedor de todos aquelles incidentes comicos, que não se poderam acclimar bem no nosso espirito de estrangeiros!

Caro foi punido por onde peccára.

Amou as mulheres, com um amor todo espiritual, todo litterario, d'um platonismo impecavel, e as mulheres modernas de Paris, e talvez que infelizmente do mundo inteiro, já pela maior parte, não comprehendem o requinte ideal d'esses amores, a graça religiosa d'esse culto!

E ellas que tanto choravam Musset que as despresou amando-as, nem deram pela morte de Caro, que ás adorava, cheio de ingenuo respeito!...



De resto havia tanta coisa importante a attrair n'este momento a attenção do publico parisiense, feminino e masculino!

Sem fallar d'esse desgraçado general Boulanger,—que para uns é um X cuja decifração o futuro nos reserva, que para outros é um *fantoché* vazio e balofo, a quem invenção da epistolagraphia ha de conduzir á sepultura, porque é das cartas que elle escreve e das cartas que elle recebe que derivam todos os acontecimentos dramaticos ou comicos da sua vida; e que para a maior parte é simplesmente um cabide em que o *chauvinismo* francez pendura a sua rethorica;—sem fallar-mos d'elle, havia os *faits et gestes* de Pranzini, esse rufião com ares donjuanescos, esse composto hydrido de sentimentalidade reles e de malvadez covarde, cuja odysseia amorosa tem enchido columnas de jornaes, e desdobrando-se do assumpto Pranzini havia ainda—oh! caso espantoso e unico—havia ainda a questão Sabatier que ultimamente fez gemer os prelos

de todos, ou quasi todos, os jornaes de Paris.

Fallou-se mesmo em *côrte de amor!* a proposito d'esta nefanda historia! *Caliban* o chronista paradoxal do *Figaro* não tremeu de que os phantasmas dos trovadores medievaes e das bellas castellãs altas e esguias, que em tão finos e requintados dizeres illuminavam os mil problemas *da sciencia do amor*, lhe viessem á noite derriçar os cabellos!

Uma *côrte de amor* para decedir se Sabatier amava Pranzini, e se Pranzini devia ou não ser denunciado por Sabatier! . . .

É pena que Offenbach, o destruidor dos *deuses*, não possa pôr em musica essa *côrte de amor*. A elle que poz na lyra de Orpheu as cançonetas de Gavroche, e que deu a Helena, a grega homerica, d'uma belleza religiosa e classica, o gesto desmanchado d'uma cocotte do *boulevard*, a elle cabia agora o dirigir com a sua batuta de *maestrino* iconoclasta as controversias galante d'esta *cor-*

te de amor . . . pesada a moedas de cobre!

Em todo o caso, porém, e embora Henry Fouquier, Bergerat e *tutti-quantum*, se tenham pronunciado com toda a sua auctoridade n'este deploravel assumpto, eu não deixarei de confessar que aos meus olhos, a Sabatier que denuncia vale pouco mais que o Pranzini que mata! Uma mulher póde desprezar o homem que um dia amou, póde matal-o mesmo se a tanto a arrastar a sua furiosa paixão. O que ella não póde fazer, sob pena de não ser mais mulher, é denuncial-o á justiça, é entregal-o á guilhotina.

Se o ficar a tremer o resto da vida, de ter o destino pouco agradavel de Maria Rognault, era um supplicio grande e incomportavel, elle seria nem mais nem menos do que a expiação necessaria de ter amado um Pranzini!



O que parece impossivel é que este problema de psychologia para uso dos malvados e de suas consortes, tenha attraído por tanto tempo a attenção do jornalismo francez.

Mas se a curiosidade é o peccado principal da nossa epoca! . . .

Somos d'uma curiosidade aguda e irritante, que toca os limites da preversão. Essa curiosidade arrasta-nos ás maximas indiscripções que podem commetter-se n'este mundo.

Exemplo: a publicação das cartas de amor do pobre Gustave Flaubert — de que já no outro dia lhes prometti aqui mesmo fallar.

Não se póde pregar a um morto, uma peça mais cruel! Gustave Flaubert era um grande artista, como provou com a *Bovary*; era um grande reconstituído de epocas extinctas, como o demonstra a sua *Salambó*, era um satyrico, como se verifica pelo seu livro de *Buvar d et Pecuchet*; era um poeta de grande folego, que fez da *Tentação de*

Santo Antônio um famoso poema, de opulento colorido e de pompa oriental; mas o que elle não era com certeza é um namorado verosimil; isso não era.

As suas cartas a madame X provam até á evidencia que elle não tinha o sexto sentido do amor, o dom doloroso e divino da paixão, assim como as suas cartas a George Sand tinham já provado que a arte epistolar não seria nunca positivamente o seu forte! Pois a curiosidade moderna, depois de ter desencantado as cartas deploraveis que elle escreveu á sua immortal amiga,—como para fazer brilhar ainda mais pelo contraste a superioridade genial que uma mulher pôde ás vezes ter sobre um homem,—lembrou-se agora de desenterrar, não sei aonde, as cartas verdadeiramente extraordinarias em que elle exprime a sua ternura a madame X.

E a gente, a lê-las, não sabe quem mais deva lamentar, se Flaubert, cujo fiasco como artista e cujo supplicio de homem pouco dado á ternura se manifestam tão clara-

mente n'essas epistolas afflictivas, se madame X., a musa em disponibilidade, que se afadigou debalde em conquistar a complacencia que tão comicamente lhe recusava o grande escriptor naturalista.

Debalde ella lhe fazia, em verso e prosa, o programma opulentemente asiatico d'esse amor. Nada movia o bom e sceptico normando!

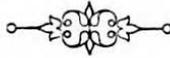
Não queria ser D. Juan nem sequer Rodolpho! Nem Antony nem Francisco 1.º A respeito de luctas dramaticas bastavam-lhe as que tinha com os adjectivos! Excellente situação de comedia, mas profanissima indiscripção que apresenta sob um aspecto levemente comico um morto, que a França tem obrigação de respeitar como um dos seus illustres.







A IMPRENSA PARA O SR. DE BISMARCH



No outro dia o meu querido amigo, conde de Sabugosa, fazia uma accusação vaga, e graciosamente disfarçada, á faculdade, que descobrira em mim, de entrar alternativamente nos sentimentos mais oppostos, de vibrar ao contacto das impressões intellectuaes mais diversas, de ter deixado que a contradicção feminina se aggravasse e complicasse no meu espirito com a contradicção litteraria mais absoluta e mais flagrante.

Oxalá que eu tivesse, no grau e com a intensidade que elle amavelmente me attri-

buç, no seu gentil artigo, esse dom raro e feliz de transformar-me, e de receber e transmittir subtilmente a influencia de todas as idéas que em torno de mim se enredam e entrecruzam infinitamente!

Nem eu teria decerto, na minha modesta esphera, uma organização de jornalista, se não tentasse com mais ou menos felicidade de expressão—e movida talvez por uma força inconsciente—traduzir em cada um dos seus momentos, reflectir em cada uma das suas modalidades rapidas, a alma tumultuosa e vária, inconstante e mudavel, incoherente e illogica, da anonyma multidão silenciosa que me lê, e se reconhece a si na multiplicidade das sensações que experimento, na contradicção dos pensamentos que as coisas me inspiram, no fluxo e refluxo de idéas que a Vida, com os seus aspectos tão diversos, me suggere a cada instante.

Escreveu algures Montaigne que nós não podemos ter conhecimento algum fixo, pois

que nada ha na terra que seja immutavel. Nem as coisas o são, nem tão pouco o póde ser a intelligencia. Arrastados nós mesmos pelo eterno movimento em que não temos mão, que outra coisa podemos fazer que não seja contemplar, no meio da incessante rotação do nosso entendimento, um mundo que incessantemente se transforma. sem nunca se cançar de transformar-se?!

A riqueza da vida provém da variedade dos seus aspectos, assim como a fecundidade inexgottavel do nosso pensamento provém das transfigurações perpetuas que o rejuvenescem sem cessar!

E mesmo quando um objecto se immobilisa n'uma forma fixa, porventura se immobilisa com elle o espirito que o julga, que o estuda e que o vê?

Se todos os homens, no fim de contas, podem apenas dispôr na impressão de cada momento, como não ha de submetter-se ainda com mais docilidade a essa lei geral, o espirito especial que o jornalismo attrahiu

e que, já predisposto n'esse sentido, adquirio no seu mister de *impressionista* uma vibratibilidade de sensação tão delicada, um instrumento de *receptividade* e de *transmissão* tão melindroso e tão subtil?!

Tenho eu para mim, em que pese a muita gente conspicua e amiga da coherencia, que as organizações mais felizes são aquellas que tudo podem sentir, e que percorrem sem fadiga nem difficuldade a vasta gamma das impressões mais contradictorias e oppostas.

O mesmo espirito e o mesmo coração são capazes de desalentos morbidos e de impetos de brava heroicidade; de ironias ruidosas e de lagrimas occultas; de angustias desoladoras e de exuberantes e sensuaes alegrias; de affirmações entusiastas e de duvidas estereis!

Basta para isso que este espirito e que este coração estejam em contacto *vivido* e permanente com a alma universal, em que cabem e em que tumultuam todos esses *mo-*

dos da mesma energia virtual de sensibilidade e de pensamento.

A faculdade de comprehender tudo, a aspiração, mentida ou realisada, de tudo traduzir—eis o melhor goso que tem a existencia para certas almas. São ellas que fizeram dizer a um grande espirito esta palavra tão profunda e suggestiva:

On se lasse de tout, excepté de comprendre...



Um dos meus maiores prazeres é portanto este: tentar comprehender os organismos que são mais contradictorios com o meu, os espiritos com os quaes o meu tem menos pontos de contacto.

E, n'este desejo supremo de penetrar n'outras almas, de comprehender outros caracteres, de me assenhorear pelo pensamento das causas que dão os mais diversos

productos, tenho eu encontrado algumas das raras alegrias da minha vida intellectual.

Hoje, por exemplo, ao lêr no *Temps* o artigo semanal de Anatole France, um dos delicados espiritos da moderna *élite* europeia, fui por um pendor irresistivel levada a pensar nos quatro *chronistas* que, na imprensa de Paris,—quer dizer na imprensa que *litterariamente* mais vale em todo o mundo,—representam superiormente quatro phases distinctas do pensamento d'este seculo.

Fouquier, o equilibrio, a razão, o bom senso latino.

Lemaitre, o pessimismo contemporaneo — não o pessimismo pesado e *metaphysico*, incapaz de ser assimilado pela nossa raça, que Schopenhauer distillou da sua phrase laboriosa, emmaranhada e profunda — mas o pessimismo de sentimento e de instincto que todos, ainda os mais humildes, extrahimos fatalmente das violencias e das triste-

zas interiores da vida de todos os dias, o pessimismo delicado, que é a *nevrose* dos artistas, das mulheres inteligentes, dos cerebros extenuados, dos grandes desiludidos da politica, da arte, da religião e do amor!

Rocheftort, o paradoxo terrível, a logica levada até ao absurdo, a *blague* mortifera, implacavel e glacial, que fazem d'esse homem que lucta ha mais de trinta annos, sem a gente bem saber porquê e para quê, um *condottiere* da penna, tão temido quanto odeado!

Anatole France, emfim, o mais delicado de todos elles, o menos accessivel ao *grosso* publico, a doce ironia resignada e levemente desdenhosa, ante o problema insolavel do nosso misero destino, o entendimento em que se reflectem mais vivamente as curiosidades extranhas do momento actual e os estados mais recentes da nossa consciencia e da nossa phantasia; a *resultante* requintada e complexa da cultura intellectual extrema e *surchauffée*, a que chegou por um

declive insensível, o nosso infeliz tempo tão sombriamente melancólico, tão eruditamente enfastiado.



Eis quatro generos de espiritos absolutamente oppostos entre si, aos quaes, decerto, cada questão de esthetica ou de moral, de philosophia ou de critica, se apresenta sob um aspecto absolutamente differente, e que me captivam egualmente d'um modo dominador e poderoso. É que, além d'elles, eu vejo ao lado de cada um d'estes typos diversissimos de escriptor e de artista, uma legião de pensadores, de que elles procedem, que os inspira, que os acompanha ou que os vae seguindo.

O critico que escrevesse a historia minuciosa, documentada e lucida d'estes quatro grandes jornalistas, e que conseguisse des-

tacar bem a lei, em virtude da qual, cada um d'elles medrou, se desenvolveu, floriu, fructificou e chegou a commungar em espirito com a geração que o applaude; o critico que descriminasse, com alta imparcialidade, as correntes intellectuaes, ás quaes cada um d'elles obedece, as influencias superiores onde cada um d'elles foi colher a sua faculdade predominante e as ramificações secundarias que a complicam e enriquecem; o critico que fizesse a analyse das leituras, das impressões dadas pelo mundo externo, das acquisições mentaes, dos filões escondidos e encontrados, das curiosidades de intelligencia, das sympathias de coração, dos conhecimentos variados, que fizeram d'estes quatro jornaleiros da penna, os grandes manejadores de idéas, que todos são, teria feito, pouco mais ou menos, a historia politica, litteraria, philosophica, religiosa e social do nosso grande e triste seculo!



Estou vendo d'aqui o riso de desdem com que me acolhem a pretensão estulta de dar tamanha importancia e tamanho alcance á obra passageira e ephemera, improvisada e dolorosamente rapida, de quatro jornalistas, demais a mais, francezes! . .

Pois meus caros senhores, nas nações onde a imprensa é uma enorme influencia militante e energica,—em que pese ao poderoso chancellor, tão desprezador das eternas coisas do espirito, d'aquellas que não passam como elle ha de passar,—os grandes jornalistas, apesar da rapidez febril com que exercem a sua tarefa ingrata, são homens que condensam no espirito a sabedoria da velha humanidade. Antes de escreverem, ou, para me expressar mais justamente, á proporção que vão escrevendo, estudam tudo que o passado nos legou, e tudo que o presente tem adquirido.

Note-se que é dos *grandes* que eu fallo, d'aquelles que vão na frente, agitando este vivo facho, que precisa de ser de primeira

qualidade, para não espalhar fumo em vez de diffundir luz, para não expellir de si um vapor resinoso e denso, em vez da pura chama que allumia e tranquillisa.



São d'entre esses os quatro de que tenho fallado.

Anatole France, que é tambem um poeta e um delicadissimo philosopho, colheu na velha Grecia radiosa o mel das mesmas colmeias d'ouro, em que Renan dessendentou os labios avidos de graça e de poesia, de atticismo e de puro encanto. Como ao seu velho mestre adoravel, o christianismo ensinou-lhe a piedade, a sympathia, a doce tolerancia universal, atravez da qual, se a vida nos apparece ineffavelmente triste, nos apparece ao mesmo tempo bem digna de indulgencia e de amor.

As miragens coloridas da philosophia, os diversos sonhos que o Homem tem sonhado para enganar a sua inquieta curiosidade insaciada e dolorosa, tornaram-n'o apto para amar a verdade de cada momento, atravez das illusões de cada grande sonhador!

Percebem pois como elle vem de longe, e de quantas reminiscencias altas se fez o ideal que soberanamente o inspira.

Fouquier, tem por avós, a grande série de espiritos ponderados e fortes, sadios e robustamente sensuaes, que reclamaram desde as trevas escolasticas da idade média os direitos sagrados da velha Natureza ultrajada. Tem tambem longiquos avós na Grecia e em Roma, é Lucrecio um d'elles, Aristophanes é outro.

Possue a ironia sã, a força equilibrada, a harmonia e a graça.

Desde Rabelais até Voltaire, passando por Montaigne e por Molière, todos os bons organismos completos que nunca pediram á vida senão o que n'ella cabe e o que ella

tem para dar de saboroso e bom, de substancial e succulento, tem com elle remoto ou estreito parentesco.

Não é um materialista, longe d'isso; é um delicado, sem ser um doente, é um epicurista sem ser grosseiro; é um sensato, sem ser um satisfeito. Gosta de ver o fundo ás questões mais complexas; mas á escuridão dos subterraneos prefere a luz fecunda e quente do sol, e nunca o verão passar horas longas e estereis a *dividir em quatro* um fino cabello de mulher!

Amante da forma, amante da luz, amante da razão, é um bello exemplar d'aquella ponderação e d'aquella graça latina, que a nebulosa influencia do Norte tem pervertido e transformado quasi por toda a parte.

Lemaitre é um *charmeur*, um voluptuoso da critica, um dilettante da litteratura, um *moderno* pela vibração aguda dos seus nervos de artista, pela comprehensão larga e sympathica de todos os productos do espirito, de todas as actividades do pensamen-

to, de todas as aberrações do capricho, de todos os symptomas morbidos da curiosidade actual.

Muito influenciado pela litteratura do Norte, sabe explicar Shakespeare, e sabe traduzir Schopenhauer! Litterato perfeito, a vida apparece-lhe através dos livros, reverberada e reflectida n'elles. . . A sua critica penetrante e luminosa, não julga, comprehende, define, e explica. Procurar a força, em virtude da qual uma determinada planta litteraria afflorou, cresceu, bracejou pujante e livre: eis a voluptuosidade suprema d'este espirito de fino homem de letras.

Dos quatro o que moralmente menos avulta é Rochefort, e no emtanto, como instrumento de combate, como arma offensiva, como destruidora catapulta, quanto não tem valido aquelle engenho de Gavroche genial, a quem Napoleão III deveu horas amarissimas, que fez empallidecer de raiva o correcto e fastiento Morny, que desesperou Thiers, que demoliu o pobre Grévy, que

inspirou os desvarios da Communa, que amarrou a um pelourinho de eterna infamia a geração corrupta e brilhante que applaudiu e que fez o segundo imperio! . . .

Rochefort trata as idéas como os garotos tratam a neve. Faz d'ellas bollas que atira ao alto espaço e que recebe depois nas mãos, achatadas e desfeitas, farrapos que brilham ao sol em scintillações deslumbadoras, edificios complicados e ephemeros, que desfaz com um piparote irreverente . . . Salta de assumpto em assumpto com a ligeireza d'um sagui saltando de ramo em ramo; serve-se da ironia como d'um punhal; põe á Razão os guizos carnavalescos da Folia; inspira uma especie de pavor supersticioso, — tanto n'elle se percebe o desprezo de toda a auctoridade, o odio de toda a disciplina.



Este ultimo seria capaz, se escrevesse em allemão, de destruir, pela troça omnipotente, o prestigio que Bismarck exerce no imperio poderoso que a sua mão creou. Os tres primeiros são capazes de comprehender até aos ultimos refolhos, de sondar pela analyse penetrante, de reconstituir, pela critica lucida e fria, o espirito ferreo e medieval do grande chancellor.

Bismarck, esse é que apesar de toda a sua enorme grandeza, e do seu cruel e altivo desdem pela Idéa e pelo jornalismo que a diffunde e propaga, não seria capaz nem de comprehender as delicadas engrenagens do talento dos tres primeiros, nem de subjugar a desfaçatez epica do ultimo.

Que isto os console, e á sua classe inteira, do desprezo com que foi ha dias tratada pelo neto civilizado dos ferozes e hypocritas dominadores, que tambem *falavam em Deus* opprimindo o Direito e glorificando a Força . . .





UM INFANTEGIDIO



Foi julgada na quinta feira d'esta semana, e condemnada a seis annos de prisão, uma mulher de vinte e tres annos de idade, cuja odyssea criminosa consta dos seguintes factos:

No anno passado dera á luz uma creança sobre os *rails* do caminho de ferro, perto da estação de Pombal, e alli a abandonara para que, em poucos momentos, o comboio que passava a esmagasse. Tendo-lhe sido descoberto o criminoso intento, antes de realisado, foi recolhida ao hospital com a creança, milagrosamente salva da morte.

D'alli a enviaram, temporariamente, para uma cadeia. Solta mais tarde, agarra de novo na creancinha, que já tinha seis mezes, e atira com ella, de noite, ao rio, de cima da muralha do Aterro, n'aquelle sitio em que a vasa é mais lamacenta, espessa e immunda.

A creança, segunda vez salva por uns pescadores que a sentiram cair e debater-se no asqueroso leito, em que o *carinho* materno a precipitára,—de tal modo estava predestinada para alguma existencia excepcional, que el-rei encarregou-se de a mandar crear e educar; e é hoje, sob a egide do seu regio protector, que esta vida, que se julgava destinada aos desamparos tragicos, a uma herança fatal de abjecções e crimes, se está placidamente e docemente desenvolvendo.

No tribunal deu-se este caso, que o *reportage* assignala sem commentarios:—A mãe, que esteve continuamente chorando, pediu mais d'uma vez para beijar o peque-

nino ser, que á nascença tinha abandonado, e que seis mezes depois, tendo-lhe já colhido os primeiros risos como se colhem os perfumes d'uma flôr, tinha lançado ás aguas do rio, turvas e lodosas. . .

É provavel que este crime se confunda com centenaes de crimes, banalmente ignobéis, que todos os dias se dão e que servem apenas de thema ás melancolicas tiradas da philosophia pessimista, e que estas lagrimas não despertem em ninguem curiosidade ou interesse, vindas de tal fera, tão baixa, tão instinctivamente cruel!

Pois eu, deante do crime da malvada e das lagrimas da mãe, tenho, como deante de muitas coisas extranhas e mysteriosas, que a vida desdobra deante dos meus olhos, uma interrogação demorada e dolorosa. . .



Porque, no fim de contas, aquella mulher não é um individuo isolado, excepcionalmente destinado para a perversidade e para o crime. Tem milhares de companheiras tão perdidas, tão desgraçadas como ella.

Emergem esses monstros da miseria accumulada de umas poucas de gerações embrutecidas, ignorantes, estupidas, *inconscientes* sobretudo — e a inconsciencia, se nada justifica, tudo póde explicar.

A mulher que praticou esse acto, cuja descripção basta para nos pôr os cabellos em pé — a nós que somos mães e que damos a vida aos poucos, pelo bem estar, pela saude, pela perfeição moral dos nossos filhos! — essa miseravel e *cretinizada* mulher, não pertence decididamente á nossa especie, não é feita do estofo de que nós somos feitas, não tem as tremendas responsabilidades moraes que nós temos, não discrimina, como nós, o que é bom do que é mau, não comprehende o seu dever como o compre-

hende o nosso espirito, não sabe amar como ama o nosso coração. . .

Imaginam por ventura que ella conheceu, como nós conhecemos, uma doce figura piedosa, terna e austera, feita de amor, de virtude e de bondade, que se curvasse sobre o berço d'ella, como se curvava sobre o berço em que nós adormeciamos todas as noites, e que lhe segredasse baixinho as coisas doces e alentadoras que hoje, nas horas de provação mais dolorosa, nos ungem, como um viatico sublime, para a lucta e para as amarguras da existencia? . .

Imaginam que essa figura,—ideal como o nosso melhor sonho, verdadeira e real como o amor que lhe tivemos,—guiou a sua infancia; instruiu e salvaguardou de tentações e de perigos, a sua adolescencia em flôr, lhe revelou, dos mysterios e dos problemas da vida quanto é necessario que a mulher saiba, para resistir altiva e corajosa a todas as terribes ciladas, tão complexas, tão traiçoeiras do seu destino?!

Pensam que esta mulher teve familia, teve lar, teve berço, teve mãe? . . Pensam que ella sabe o que é sentir, o que é sacrificar-se, o que é amar, o que é ter entranhas?

Acreditem que não.

Ainda ella provavelmente não sabia o que éra o mal, já o mal o tinha penetrado e contaminado por todos os modos!

A embriaguez, a miseria, a brutal malevolencia, a promiscuidade asquerosa, o vicio, a estupidez—eis os mestres, os perceptores, os guias que ella teve n'este mundo.

Que sabe ella? que comprehende ella d'este mysterio vasto e complexo, em cujos escaninhos se encontrou perdida? . .

Passivamente e estupidamente, obedeceu a um instincto de que não tem responsabilidade. Depois, deante de um ser vivo, que era no seu caminho um obstaculo, que era na sua existencia um aggravamento de miseria e de fome, sentiu em si uma revolta colerica, inexplicada, e matou, ou quiz ma-

tar, como um animal bravo que se sente acossado. . .

A sociedade, é verdade que a não tinha educado, que a não tinha protegido, que nunca dera até ali pela sua miseravel personalidade, eternamente *balotée* entre a fome e o vicio, mas percebeu bem que ella existia para a punir, e puniu-a em nome d'um direito que ella percebe tanto, como percebeu tudo o mais! . .

No tribunal, porém, eil-a que viu uma creança rosada, gordinha, muito acceiada, muito meiga e alegre, com uns olhos que riem e uma boquinha rubra que parece um morango maduro.

Era o filho d'ella.

Saira-lhe das entranhas n'uma hora inolvidavel de maldição e de pavor. . .

Perseguida como uma besta fera, era verdade que o tinha atirado fóra, ao rio, ao monturo, como um animal morto, como um detricto apodrecido. . .

Mas via-o agora e parecia-lhe tão lindo,

tão mimoso, tão diverso d'aquelle ser faminto, accusador e desgraçado, que fôra obrigada a expulsar de si, para que de toda a parte ignominiosamente a não expulsassem a ella, quando ia pedir pão a troco de trabalho, um tecto que a abrigasse, a troco de todas as horas do seu dia. . .

E na mesma irresistivel impulsão do seu instincto omnipotente,—a unica força que ella conhecia porque era a unica a que passivamente se curvara sempre,—desatou a chorar e pediu que lhe dessem aquelle pedacinho de carne tenra e limpa, macia e mimosa, que lhe saira do seio dilacerado, para que ella o beijasse, para que ella sentisse a doçura inefavel, inexplicada e fresca do seu contacto purificador. . .



A lei cumpriu o seu dever punindo o monstro. Mas não será também dever moral de todos nós, os que pensamos, perguntar como é que estas anomalias se produzem e tentando explicar as causas que as determinam, tentar ao mesmo tempo suggerir ao coração dos homens, além da justiça que castiga, aquella commiseração suavissima, aquella piedade redemptora, sem as quaes toda a justiça é incompleta e é inefficaz?

Para que este crime do infanticidio se tenha tornado um dos crimes mais vulgares da sociedade contemporanea, um d'aquelles que os tribunaes teem mais frequentemente de julgar e de punir, é necessario que mais de uma causa fortissima concorra para tão anti-natural e lastimoso resultado.

E desgraçadamente mais de uma causa existe, e qual d'ellas mais triste e mais fatal . . .

Em primeiro logar a infame covardia com que frequentemente o homem abandona,

sem remorso e sem hesitação, a victima do seu ephemero e perverso capricho. São rarissimos, e perfeitamente excepçionaes, os casos em que a mãe abandona o filho, sem que o pae d'este a tenha abandonado a ella. E se taes casos alguma vez se dão, é sempre quando o facto da maternidade implica para a mulher a ameaça do desamparo. Sempre que o homem aceita a responsabilidade do erro que é commum a dois, a mulher sente o divino, instinctivo e redemptor orgulho de ser mãe, a compensar-lhe todas as vergonhas, a contrabalançar todos os despezos do mundo.

Amparada por um braço forte que a proteja, contando com o peito largo e poderoso, onde possa encostar a sua dolorida cabeça, a mulher resiste a todas as tentações que possam sollicital-a para que esconda a sua loucura e o seu erro, e cumpre até ao fim a sua missão de mãe, por mais ardua e triste que ella seja . . .

Mas já algum dos felizes da terra, mas já

alguma das alegres e triumphantes mulheres—que passam, tendo o mundo aos pés da sua virtude orgulhosa e da sua respeitabilidade impolluta,—pensou no que é o destino, desgraçado entre todos, da pobre mulher do povo, muito menos protegida do que a mulher das outras classes, e que por uma fatalidade de paixão ou de outra qualquer especie, se vê com um filho nos braços, no mais absoluto desamparo moral e physico?!

Muitas ha que vão para deante, desprezadas, humilhadas, creando na miseria e no abandono o filho, que mais tarde as amaldiçoará por lhe terem dado a vida, trabalhando heroicamente, mas *evitadas* com toda a prudencia pela *gente de bem*, que teme o contacto peçonhento e contagioso das peccadoras.

A indulgencia social tão branda para outras especies de crime bem mais indesculpaveis, bem mais vis do que este, não tem para estas martyres senão desdem e esquivança.

Não me digam que exagero, não me digam que pinto com côres carregadas um quadro que é bem menos escuro . . .

Haverá muitas mães, haverá muitas donas de casa, que recolham no intimo do seu lar, que protejam com o seu auxilio permanente, uma mulher que venha confessar-lhes uma culpa d'esta ordem, e pedir-lhes para que a recebam, e para que tenham confiança n'ella? Bem sabem que não.

A mãe cujo filho não tem pae, é uma pária no meio das mães, é uma condemnada no meio das mulheres.

Juntem a estas duas circumstancias, que tanto impellem para o crime, a quasi inconsciencia da mulher da baixa classe, a sua ignorancia de toda a moral, a sua ausencia de principios, a ferocidade ingenita que existe no fundo das naturezas ainda incultas, e vejam se a frequencia do infanticido se não explica dolorosamente.

A religião para a mulher do povo, que a tem, é mais uma superstição pagã, mais um

—

fetichismo selvagem que outra cousa. A sua comprehensão das leis moraes é inteiramente falseada, e mesmo o instincto maternal é n'ella, muitas vezes, bem mênos poderoso que em alguns animaes. . . .

É por isso que eu sinto ao mesmo tempo repugnancia e dó ao ler a historia do julgamento de antes d'hontem.

Quanto mais conheço a Vida, mais dolorosa piedade me innunda o coração ante o espectaculo das miserias humanas. . . .

E parece-me que se todos que tem um criterio superior, uma intelligencia cultivada, uma alma aberta á *sympathia* e á elevada comprehensão das cousas, se inspirassem d'esta piedade serena e melancholica, e colhessem n'ella a suggestão superior do seu destino, o mundo talvez melhorasse um pouco, e o crime talvez diminuisse n'uma progressão animadora. . . .

Em face d'este crime, por exemplo, se experimento a repulsão mais profunda, sinto egualmente immensa piedade pelo estado

de animalidade inferior em que vejo submersa uma parte numerosa da minha especie. . .

E esta piedade, que se universalisa ou se concentra, conforme se espalha pela terra inteira ou se applica a um caso particular, entendo eu que todos a deviam sentir e que em nome d'ella todos deviam trabalhar para a emancipação definitiva da alma humana, Psyché escravizada, que chora e se lamenta no limbo tenebroso em que jaz ainda captiva.





ALEXANDRE HERCULANO



E' sempre difficil, para não dizer impossível, trazer alguma coisa que seja nova, ou antes que esteja *esquecida*, mesmo a um assumpto posto de lado desde muito.

Sobe de ponto esta difficuldade, a mais dolorosa que ha para o escriptor, quando se trata d'um nome que está em todas as boccas, d'uma vida que está em todas as memorias, de uma commemoração gloriosa, para a qual concorrem todos os espiritos e quasi todas as pennas d'uma nação!

Esta figura, que tão cedo se tornou lendaria para a alma nacional,—pela razão bem simples de que foi n'ella que brilharam com o derradeiro e vivissimo esplendor as virtudes mais características da nossa raça, — tem tantos aspectos nos quaes pode ser contemplada, é tão complexa na sua unidade, é tão complicada na sua firmeza diamantina e translucida, que abrangel-a n'um só estudo e n'uma só pagina é tarefa grande de mais para o historiador ou para o critico.

E no emtanto seria missão para attrair e demorar um grande espirito, apaixonado do Bello em todas as suas apparencias fugitivas, do Bem em todos os seus lineamentos grandiosos e immutaveis, a de explicar a de Herculano á geração que, vindo logo depois d'elle, está ainda assim mais longe d'elle, do que Herculano o estava das nobres figuras antigas que desenhou, com tão magistral correcção, que pintou com tão brilhante e fulgido colorido!

Historiador, philosopho, archeologo, romancista, politico e poeta, soldado e pamphletario, o que é que elle não foi?... e que maravilhoso conjuncto de aptidões e de forças, de erudição e de genio nativo, não será preciso realisar para cumprir tão multiplices officios!

Que outros, porém, fallem d'esse reformador dos estudos historicos na Peninsula, tão profundo na investigação das origens como um allemão, tão impregnado do genio nacional e dos instinctos da sua raça como o maior dos portuguezes, e que á profundidade de estudo de Mommsen reuniu a evocação ardente e viva de Michelet.

Que outros se enlevem na recordação d'esses tempos de *renascença* tão cedo mallograda, que, despertando do somno secular a nossa terra de classicismo sorna e desadorado pelas imitações de imitações, fez desabrochar do nosso espirito, n'uma floração maravilhosa e deslumbradora, tantas obras primas d'um cunho ao mesmo tempo

genuinamente romantico e genuinamente portuguez!

Dos tres grandes renovadores da litteratura patria foi Herculano o romantico mais puro e sem mescla, o portuguez mais impenetravel á influencia de estrangeirismo. Elle trouxe de fóra a suggestão e a iniciação romantica; mas tão virilmente as *nacionalisou*, que ninguem, na sua obra collossal, encontrará o que póde alcunhar-se de imitação estranha.

A inspiração veiu, é certo, de muitos lados e de muitos diversos horisontes. Hegel, Goethe, Schiller, Shakespeare, recentemente *descoberto* e lido, Byron, Walter Scott, acordando a França, levantaram uma geração entusiasta, exaltada, fremente de paixão e de fé no futuro, e que atroava os ecos com o som bellicoso e provocante da trompa, hoje muda, do *Hernani!*

Mas, se tantos genios e tão differentes e variadas influencias, directas umas, outras indirectas, fecundam sublimemente a ima-

ginação e o talento creador de Herculano, a verdade incontestavel é que a seiva que gira impetuosa e quente por toda a sua obra, é nossa, bem originalmente nossa; o céu que serve de cupula a esse edificio estranho, rendilhado, brincado de laçarias, rasgado de ogivas, irregular, enorme, cheio de recessos mysteriosos e de recantos sombriamente bellos, é o céu de Portugal, azul, claro e festivo! A lingua que alli ostenta a sua opulencia radiosa, a sua pompa florescente, a sua nervosa e mascula eloquencia, mergulha a raiz complicada e tenaz nas entranhas providas do velho torrão patrio.

Que outros celebrem a inspiração biblica ou patriotica d'essa *Harpa do Crente*, que sendo um documento indispensavel para o julgamento critico de Herculano, é, comtudo, a parte mais imperfeita do seu trabalho litterario; que outros relembrem o vigor extraordinario, o pulso athletico, a ardente convicção do grande polemista, do infatigavel luctador que foi Herculano. Cada critico

póde talhar á vontade a porção que mais lhe agrade pôr a luz n'essa personalidade grandiosa, que hoje, aos olhos de todos nós, avulta com tão intenso e alto relevo!



Eu, o que vejo n'este momento em Herculano é alguma coisa, que vale como o genio, e que completa e divinisa o genio.

E o *character* que elle foi!

Que exemplo viril a apontar, que esmagador, que *insupportavel* protesto contra o que foi depois d'elle! Que bella e estoica e immaculada figura a pôr de pé, não para incentivo que é já impossivel, mas para condemnação de todos nós! . . .

Que impressão estranha de força nos não dá este homem, que foi de ferro para todas as vilanias, e que foi de bondade e de caridade para todos os humildes e para todos os

vencidos! Desde o marquez de Pombal, cujos processos de governo são tão discutíveis, cujos sentimentos de coração são tão duros, mas cuja energia de vontade foi tão inquebrantavel e tão tenaz, não conheço em Portugal um homem celebre que dê aos que o contemplam uma impressão de tanta grandeza no *querer*, de tão masculina e bronzada solidez de caracter e de vontade. Não comparo os dois, é claro; noto a qualidade common, que a ambos estes grandes portuguezes caracteriza.

O caracter de Herculano, inteiriço, orgulhoso, feito de tanta força e de tanto desdem, revella-se em ambas as epocas distinctas em que a sua existencia se divide!

O que elle trabalhou, o que elle luctou! como elle foi exemplo e lição, no desprezo de honrarias vãs; no patriotico empenho de engrandecer a terra que era sua pelo trabalho e pelo genio; no protesto contra os desmandos de todos os partidos; na vigilancia que o punha de atalaya junto de todas

as liberdades publicas ou individuaes, que tanto sangue e tantas lagrimas custaram; na lucta soberba e desdenhosa contra a superstição e contra o fanatismo; na protecção dada aos proprios inimigos vencidos da liberdade, que elle amava ainda nos seus desvarios, da consciencia que elle tanto correu para libertar e encher de luz!

Chamavam-lhe orgulhoso quando, conscio da sua superioridade e do seu genio, recusava a gran-cruz e o pariato, que outros disputavam avidamente, e que, afinal de contas, caíram no desprestigio que o seu firme e claro espirito previu antes de mais ninguém.

Abençoado orgulho, de que tantos blasonam, e que é raro, cada vez mais raro, entre os homens! Á proporção que estes julgam querer abolir todos os privilegios e realizar essa aberração impossivel da *egualdade*, mais os vemos arrojarem-se como creanças gulosas atraz das pueris insignias e dos titulos banaes, que deixando de valer pela

maneira por que são distribuidos, desprestigiam os que os aceitam, merecendo-os, e ridiculisam os que os tomam de assalto e de surpresa !

Portuguez de uma só peça, rude lusitano a quem eram irreductivelmente antipathicas todas as innovações, applicadas como enxertias anti-naturaes na brava e rija planta nacional, quando os tempos na sua evolução fatal, lhe foram revelando a inanidade de tanta illusão que o fizera trabalhar, lutar e viver, a grande alma estoica não transigiu, nem succumbiu! Deixou o mundo, certo de que era o mundo que se enganava e não elle! . . .



É rara esta convicção que nenhum exemplo abala, que nenhum conselho modifica que nenhuma censura enfraquece, que nenhuma supplica faz vacillar!

Herculano duvidou de tudo e de todos, mas nunca, feliz d'elle! duvidou de si. . .

O espectaculo das coisas fazia-lhe *vontade de morrer*; os companheiros do exilio, da lucta ingente, do martyrio nobremente supportado, uns morreram puros, outros renegaram torpemente da sua fé e dos principios que elle julgava eternos; o paiz que elle amava acima de tudo, e que durante algum tempo lhe pareceu no caminho da regeneração politica, social e moral, caiu de novo, após o paroxismo do enthusiasmo e a epilepsia da revolução, na lenta e morosa decadencia que o vae levando desde seculos a uma transformação qualquer, que ainda se não pode perceber bem. . . .

Tudo se afigurou sombrio e perdido irremediavelmente a esta alma, em que as melancolias do exilio, os soffrimentos e as cruezas da guerra civil tinham aggravado a nativa disposição para a tristeza, e para um pessimismo sentimental sem formulas philosophicas.

Almas d'estas ou se refugiam na morte, ou no seio impassivel, indifferente, illacrimavel, mas bello, da Natureza. A terra chamou este rural, a solidão attraiu este melancolico, o que havia de mystico e de vagamente e indefinidamente religioso na alma d'este neto dos marinheiros, achou-se bem, docemente, tranquillo e resignado na paz profunda dos campos, deante d'este infinito das noites silenciosas, que é tão mysterioso, impenetravel e suggestivo de visões e de tristezas como o infinito do mar, do immenso mar saudoso e murmurante. . . .

Eu gostava de ouvir o que elle contava nas vigalias da noite velha, ou nas madrugadas claras e frescas da primavera e do verão, ás arvores suas amigas, ás oliveiras cinsentas e prateadas, tão humildes e tão uteis, e a que, por uma ironia suprema do seu espirito desenganado, elle votou os seus cuidados extremos e a sua cultura de todos os dias.

Mas ninguem soube o que o grande De-

silludido sentiu ou pensou, n'esse ermo a que se recolheu por odio ao mundo e desprezo dos vãos esforços humanos.

Que poderia no fim de contas elle fazer em favor da terra que tanto amara? A acção do homem pareceu-lhe de certo alli mais restricta, mais limitada ainda do que lhe parecêra, quando, interrogando as occultas leis da Historia, elle percebeu e explicou as correntes incombativeis e fataes, que arrastam as sociedades e as nações.



O que desconsolou de certo Herculano foi o perceber quando fôra inutil tanta virtude, tanto trabalho e tanto poder de vontade!

Mas se elle pudesse ver quanto o seu nome nos commove, quanto o seu exemplo

nos envergonha, quanto o seu grande caracter nos edifica e enche de orgulho, e quanto a sua memoria, immaculada e perfeita, nos suggera e inspira a vaidade de sermos portuguezes, veria que não é inutil uma vida como a que elle teve suprema honra de viver!

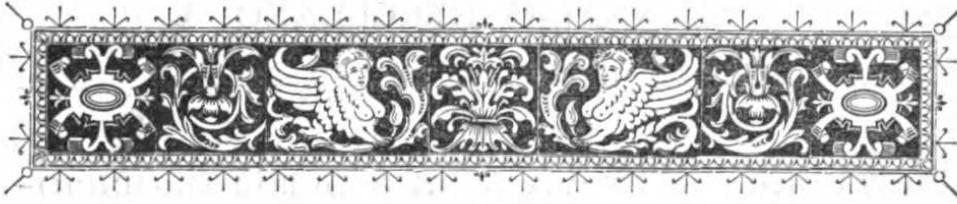
N'este mundo em que tudo passa, em que tudo é transitorio, fugitivo e variavel; n'este mundo que parece ás vezes a serie successiva de illusões que umas das outras se desdobram, e umas ás outras se completam, a Virtude dos fortes, a isenção dos desinteressados, o orgulho dos convencidos, a coherencia e a logica dos caracteres sem macula, ficam sempre de pé indestructiveis e immortaes, para consôlo da nossa alma e illuminação interior da consciencia de todos nós.

Se Portugal deixasse de existir, o nome do Poeta das nossas glorias, que foi Camões, e o nome do representante derradeiro das nossas virtudes e dos nossos ideaes, que foi

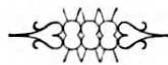
Herculano, sobreviveriam á perda da nacionalidade portugueza, como a alma sobrevive ao corpo, que animou!

A alma de cada nação resume-se na obra dos seus grandes homens!





HISTORIA DE UM CRIME



A *Gazeta dos Tribunaes*, o *compte rendu* das audiencias do crime, eis um estudo que, não direi seja muito agradável, mas que em todo o caso é muito *suggestivo*, para empregar a palavra da moda.

Já se vê, n'isto, como em tudo, é necessario escolher. Ha crimes absolutamente repugnantes, outros absolutamente incaracteristicos. Ha crimes que não dizem nada, se não que o criminoso é uma fera e constitue nos annaes da humanidade uma excepção monstruosa.

Outros ha, porém, que revellam os milhares de escaninhos escusos d'este mysterio que a si proprio se ignora, chamado o *homem*.

No outro dia li, n'um jornal estrangeiro a narração do seguinte extranho crime que vae, não me lembra em que tribunal, ser julgado.

Um casal, moço e muito unido, que já cansado da lucta com a miseria tinha fatalmente de succumbir aos seus repetidos assaltos, foi surpreendido com a noticia de que uma parenta afastada e archi-millionaria ficára sob a sua tutella até á maioridade proxima.

Esta invasão de milhões pela porta dos dois miseraveis teve o effeito natural de os allucinar e desnortear completamente.

Como fazer d'aquella temporaria opulencia uma aquisição definitiva? Eis a ideia que logo lhes acudiu. A rapariga, rica como era, pouco tempo podia estar solteira! Era necessario providenciar para que os milhões

não sahissem pelo modo imprevisto e rapido por que tinham entrado.

Na febre da cubiça o marido e a mulher fizeram a combinação seguinte, tão estapafurdia quanto criminosa. *Elle* faria a côrte á herdeira rica; *ella* passaria por morta, logo que as coisas estivessem no conveniente apuro, no momento psychologico indispensavel.

Viuvo então, o homem casava-se com a orphã, e tratava de a ir envenenando lentamente, enquanto a morta fingida ia para longe, esperar pela morte verdadeira da victima de ambos estes miseraveis e *romanes-cos* faccinoras.

Tudo succedeu como se tinha combinado. No ponto, porém, em que o falso viuvo, já de novo casado, estava em via de levar a cabo a sua nefanda obra, intervem em scena um personagem com que ninguem tinha contado.

Este personagem caprichoso e indiscreto foi... o Amor!

A victima era tão moça, tão linda, tão ingenua, que o algoz principiou por enternecer-se e acabou por adoral-a.

Com essa extranha faculdade de esquecer, que assiste ao homem e (tambem á mulher, seja dito de passagem), o miseravel perdeu completamente a noção das coisas que o cercavam!

Não se lembrava já de quantos crimes se fizera a felicidade que estava gosando agora; parecia-lhe justo e simples que, depois de uma longa serie de machiavelicas e infernaes combinações, elle estivesse burguezmente e confiadamente gosando os seus milhões e a sua mulherzinha. . .

A outra, a virago terrivel que tinha, provavelmente, como *lady* Macbeth, concebido e executado o crime, é que, fatigada de esperar ao longe, tratou de approximar-se e de vêr, por seus proprios olhos, em que paravam as cousas. . .

Tableau!

• Não é para dizer-se em palavras o de-

sespero que se apossou d'ella. Pouco se lhe deu então de perder-se, para poder perder os dois, e foi ás denuncias d'ella que se deveu a descoberta da tenebrosa machinação, tão complicada como nova, e tão infame como dramatica.

O marido e a mulher vão, portanto, responder agora no tribunal por esta serie de crimes, que realmente não estavam previstos no Codigo Penal, por que têm de ser julgados.



Feita rapidamenta a historia accidentada d'este crime, conversemos a respeito d'elle.

Ha de tudo aqui. Reminiscencias *shakespeareanas*; leituras de Xavier Montépin, de Gaboriau e de Ponson du Terrail; *détraquement* perverso dos nervos; gosto do extra-

vagante e do inedito levado até aos extremos da maldade ; paixão humana, impetuosa, invencível, fatal, intervindo em todas as combinações dos cerebros desequilibrados, para as desmanchar e para as reduzir a nada; cubiça infame do ouro, á custa das máximas perversidades.

É realmente necessario que o espirito do homem esteja muito pervertido, para conceber e combinar, como agora, crimes, tão laboriosos, tão complicados, que dependem de tanta eventualidade, cujo exito está á mercê de tão variadas circumstancias.

O crime moderno é raramente um impulso bravo da paixão, uma explosão irreductível do instincto. É trabalhoso como uma industria: é complexo como um systema scientifico; é calculado como uma operação de mathematica! . . . É quasi sempre o producto de mil combinações emmaranhadas e difficeis.

Depois ressentente-se das leituras perigosas, que os jornaes baratos proporcionam aos

seus leitores, como unico alimento intellectual. Desde que o povo sabe ler, não se descançou emquanto se lhe não deu a ler tudo que é mais proprio a pervertel-o! Quem quizer saber como a idéa do crime germina, deita raiz, afflora e se desenvolve, leia um romance dos milhares de romances, que todos os annos se publicam em França e em Inglaterra, e cujas traducções inundam o mundo inteiro. Quem quizer instruir-se a fundo ácerca do modo por que, desenvolvida que seja a idéa, ella chega a executar-se pelas maneiras mais variadas, mais diversas, mais terriveis, mais engenhosas, mais crueis, leia ainda os referidos romances.

E quanto a ensinar os processos multiplos em virtude dos quaes o assassino, o ladrão, o faccinora, seja de que ordem fôr, póde escapar á acção da justiça, ás perseguições da policia, ao castigo da lei, — isto então não ha como os taes romances para o fazerem! . . . Eu declaro francamente que a

sensação que os seus auctores me inspiram é simplesmente . . . mêdo!

Imagine-se que, em vez de inventarem, para uso dos outros, aquellas escuras e medonhas machinações, elles se entretinham em as pôr em pratica, com o talento extraordinario que manifestam no genero! . . .

O numero dos Pranzini, dos Prado, dos Allmayer, dos Troppman, era incomparavelmente maior!

Assim ao menos ha a divisão de trabalho, origem de toda a ordem das coisas! Uns imaginam, outros executam; uns inventam, outros realisam: uns phantasiam os horrores, outros applicam-n-os. E como o genio que illumina uns, escasseia nos outros, os ultimos, para a segurança, nossa, são quasi sempre apanhados!



O que, porém, n'este crime de que se trata, me espanta mais, é a intervenção inesperada do amor do homem pela mulher a quem já tinha ministrado as primeiras porções do lento veneno com que havia de matá-la. Como é que este sentimento nasce e medra em coração tão vil? Como é que elle venceu as circumstancias todas que o estavam tornando impossivel?

A que leis mysteriosas obedeceu elle, para destruir assim n'um momento todos os resultados tão monstruosamente e difficilmente accumulados para outro fim?

Esta circumstancia *inverosimil*, apesar de verdadeira, vem mais uma vez provar bem claramente quanto é impenetravel, até para si proprio, o coração de cada homem!

Andam por ahi os moralistas a formar leis, como se houvesse leis, em virtude das quaes se podesse explicar o que ha de mais ondeante e de mais variavel, de mais incoercivel e de mais caprichoso! Andam por ahi os criticos applicando formulas precisas

aos organismos vivos, como se a respeito do sentimento e da paixão humana, fôsse possível assentar e formular alguma coisa de fixo e de determinado!

O amor,—como o ciúme, como a ambição, como todas as grandes paixões fundamentais da humanidade,—é o problema de que ella não encontrará nunca a solução definitiva! Não se sabe como estas paixões nascem, como crescem, como se nutrem de tudo, absorvendo tudo em si; não se sabe as circumstancias que lhes são favoraveis, o meio que lhes é proprio, o clima moral em que medram melhor!

Tudo parecia indicar que este malvado, que friamente combinára apossar-se de uma fortuna, alienar uma existencia, enganar covardemente um ser innocente e bom, que nenhum mal lhe tinha feito, pudesse recuar, por medo, em meio da sua obra de trevas; mas não que pudesse sentir um amor que o redimisse, que o salvasse, talvez, ante Aquelle que vê tudo

E, no entanto, um dia, esse amor—lyrio branco orvalhado, — rompeu subitamente no negrume d'aquelle coração! E elle parou enternecido deante da sua victima, e preferiu expiar e morrer, a matar a creança, que se lhe tinha entregado confiante!.. .

A paixão da outra explica-se melhor! Ha logica medonha na successão de crimes, que a levam, da elaboração do seu plano terrivel até á denuncia final. A mulher é, como dissémos, da familia de lady Macbeth, passando pelos gabinetes de leitura barata; o homem é um triste e incompleto ser. Não tem a força dos criminosos, nem a bondosa resignação dos fracos. Para monstro, é sentimental de mais; para vulgaridade, é demasiadamente perverso!

A historia d'este crime é, comtudo, tão extravagante e tão nova, que não póde deixar de excitar a curiosidade.

Veremos a sentença que o tribunal vae pronunciar! Visto que não ha *morte de homem*, e que — assim como o inferno está

pavé de bonnes intentions — é certo estar o purgatorio ladrilhado de intenções más, o provavel é que o crime de bigamia seja o unico pelo qual o homem tenha de ser punido.

Quem sabe se a outra, a interessante victima de toda esta embrulhada *rocambolesca*, lhe perdoará por fim tudo que elle lhe quiz fazer, em attenção a tudo que lhe não fez?

E depois se ha, como diz o philosopho do Amor, creaturas tão irresistivelmente e necessariamente impellidas umas para as outras, que é fatal o seu encontro como em virtude das leis da gravitação universal, é fatal a passagem de dois astros n'um certo e pre-determinado ponto do espaço — é muito possivel que a mesma força mysteriosa e indecifravel que fez o homem amar aquella a quem planeou tirar a vida, a obri-gue a ella a adorar aquella que, n'um dado momento, foi seu assassinio *in partibus!*

Quem sabe?

Ninguém sabe nada!

O homem caminha ás escuras, cerca do de mysterio, de incerteza e de abysmos!

Não ha nada que mais revele a inferioridade de um espirito, do que a sua affirmacão doutrinaria a respeito seja do que fôr!

Nem os maus nos é dado julgar, sem que, por um imprevisto raio de luz moral, elles nos desnorteiem na nossa certeza axiomática.

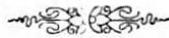
Por isso um grande pensador, falando do homem, dizia esta phrase tão profunda :

S'il se vante, je l'abaisse; s'il s'abaisse je le vante, et le contredis toujours, jusqu'à ce qu'il comprenne qu'il est un monstre incompréhensible. . .





RELATORIO DE PINHEIRO CHAGAS



Sucesso litterario que, para mim, assignalou esta semana, foi a publicação do brilhante e eloquente *Relatorio*, que a proposito do premio de el-rei D. Luiz, o sr. Pinheiro Chagas leu ha dias na Academia Real das Sciencias.

Felizes dos iniciados, felizes dos *immortales*, que lh'o ouviram lêr com a sua mestria habitual, e que tiveram assim a *primeur* d'esse estylo facetado e scintillante, em que se reflectem, em chammias vivas e multicores, as mais felizes e raras qualidades de graça

espontanea e facil, de genuina alegria communicativa, de imaginação quente e meridional.

Pinheiro Chagas é um dos escriptores mais espirituosos que nós possuimos, sem comtudo se lhe poder applicar o epitheto de *humorista*, no sentido que a Inglaterra dá a esta palavra caracteristica da sua litteratura e da litteratura germanica. Elle não tem a amargura causticante e ironica, não tem a melancolia suggestiva e sombria, não tem o cruel riso enigmatico e inquietador, não tem a indignação que principia em revolta e se dilue finalmente em desdem, dos escriptores humoristas das raças do Norte.

É alegre, optimista, generoso de indole e de feição; acha a vida decididamente boa, sómente um pouco comica de vez em quando, o que no fim de contas o diverte extraordinariamente. Ri-se muita vez, é verdade, mas quantas outras se não enthusiasma e vibra e apaixona, por coisas que nos deixam a nós outros, os menos favorecidos por esses dons

da imaginação, perfeitamente indifferentes e glaciaes!

A mim succede-me rir immenso com muitos dos seus admiraveis artigos jornalisticos; mas succede-me tambem tel-o invejado profundamente, sombriamente, direi mesmo, criminosamente, ao vêr como elle é capaz ainda de enternecimentos, de enthusiasmos, de vibrações calorosas em face de certas questões, de certos assumptos, de certas personalidades! . . .

E digo commigo: feliz e privilegiado espirito, que sabe, quando lhe apraz, destacar tão bem a porção de comico que todas as coisas encerram, e que sabe n'outras occasiões *sentir* ainda com a frescura, com a ingenua confiança, com o optimismo feliz de outras edades e de outras eras! . . . É raro que n'um mesmo temperamento se alliem faculdades que chegam a parecer incompatíveis.

O riso anda sempre muito perto das lagrimas, bem sei; mas a critica despreocupada,

sagaz e penetrante das coisas, é que raro anda alliada ás crenças em pleno vigor juvenil e ás apaixonadas expansões d'um entusiasmo, que o espectáculo da Vida não desalenta, não amortece, nem esfria!

Tendo, pois, como tenho, a mais viva e cordeal sympathia pelo talento complexo e brilhante de Pinheiro Chagas, lê-lo é sempre para mim um grande prazer, e lê-lo quando elle deixa, por momentos, a arida scena politica, e se espraia, graciosa e gentilmente, em considerações de litteratura e de arte, é verdadeiramente um regalo de *gourmet*.

Devorei, pois, o *Relatorio*, e, achando-o, como obra de estylo, digno de quem o assignou, permitta-me o insigne escriptor que eu aqui, em amigavel conversação, aponte um ou outro trecho que produziu no meu espirito o mais sincero e estranho pasmo!

Em primeiro logar, direi que das obras alli analysadas eu conheço apenas duas. Não discuto, portanto, o modo por que a critica está feita. De resto seria isso perfeitamente

ocioso, visto que a Academia se pronunciou já, e que o premio foi entregue a quem ella entendeu que o merecia.

O que eu discuto é, releve-me Pinheiro Chagas esta liberdade, é positivamente, é unicamente o *Relatorio*.

Pinheiro Chagas, depois de passar com rapidez por alguns trabalhos menos conhecidos, analysa com uma penetração de critica notabilissima a *Reliquia*, de Eça de Queiroz, e dirige algumas poucas phrases, mas em que se exprime uma admiração sincera e sentida, ao livro soberbo de José de Sousa Monteiro.

Depois toma os *Cantos do Fim do Seculo*, e diz assim:

«O sr. Guilhermino de Barros tomou a peito escrever em odes dispersas a epopea da liberdade, ser o Pindaro d'esses fortes que fundaram entre nós o regimen em que vivemos.»

E continúa fazendo notar quantas difficuldades, quantos escolhos essa idéa grandiosa apresentava, e com que felicidade sublime o sr Guilhermino de Barros os venceu e subjugou a todos; affirma, entre outras coisas, que «passa muitas vezes o sopro de Victor Hugo por aquellas paginas frementes»; que «se celebram os jogos olympicos da liberdade, e que, á medida que os vencedores desfilam, um novo Pindaro lhes grava para sempre o nome e a gloria em *odes immortales*.»

Sem fazer citações que tornariam extenso em demasia o seu bello *Relatorio*, refere-se, no entanto, ás estrophes magnificas com que o sr. Guilhermino de Barros celebra a *bandeira azul e branca*; vibra ainda enthusiasmicamente com a lembrança das apostrophes epicas que os 7:500 do Mindello inspiraram ao poeta; falla nos medalhões artisticos, adoravelmente modelados, magistralmente esculpidos, com que elle immortaliza as phisionomias de Mousinho da Silveira, de Fer-

nandes Thomaz, de José Estevão, de Sá da Bandeira, de Saldanha, Terceira, e, por fim, do duque de Loulé e do duque de Avila, e acrescenta que até aos ultimos dois o sr. Guilhermino de Barrós conseguiu, por um d'estes arrojados felizes de genio, que são raros n'uma litteratura, dar o tom epico que o seu trabalho, grandiosamente lançado, demandava!

Depois do que deixo imperfeitamente extractado aqui, e do que os leitores do *Jornal do Commercio* leram de certo, porque ninguem deixa de ler o que Pinheiro Chagas escreve e pensa, o Relator, por uma aberração extranha que eu não comprehendo mas que me produziu um pasmo violento, pelo imprevisto, da transição, conclue pedindo o premio de El-rei para o sr. Henrique Lopes de Mendonça, a cuja obra consagra simplesmente meia duzia de linhas em que faltam o relevo e a côr que a sua penna admiravel sabe dar, quando quer, a todos os assumptos em que se empenha!

Repito: eu não critico as obras, critico apenas o *Relatorio*. Eu não sei quem é que merece o premio, não tenho a minima obrigação de o saber.

Para adquirir conhecimento cabal d'esse grave assumpto é que a Academia se reuniu, é que ella encarregou um dos seus socios mais brilhantes de fazer o estudo previo de que me estou occupando.

Não tenho outra obrigação senão a de formar o meu juizo por este estudo que tenho presente, e segundo elle, quem mereceu incontestavelmente o premio, aquelle a quem acaba de fazer-se uma grave e crudelissima injustiça, não é o sr. Eça de Queiroz, cuja *Reliquia* apesar de algumas das suas paginas deslumbradoras em que a côr do Oriente offusca a vista e estonteia a imaginação, é o livro menos proprio que existe para ser premiado e applaudido por uma Academia, quer dizer por uma representante das puras e genuinas tradições classicas.

Não é o sr. Sousa Monteiro, cujo livro—

maravilhosa reconstituição archeologica, historica e artistica, obra formosissima d'um erudito que é um grande artista, e d'um poeta que é um evocador da alma antiga— não trata com tudo senão da vida de Roma, da maneira por que Roma, a Roma aurea e extra-civilisada de Ovidio e de Augusto, goza, ama, conspira, soffre, vive emfim. Se o seu livro tem um merito incomparavel é o de não ser um livro só portuguez, de não ser sequer um livro *christão*.

Quem lê os *Amores de Julia* chega a passar do *tour de force* pelo qual o romancista, attingindo o mais alto grau de impassibilidade critica, conseguiu, na pintura dos seus quadros e no desenho dos seus personagens, apagar, annullar em si dezenove seculos de Psychologia e de Historia.

Evitando o perigoso escolho de insuflar uma alma contemporanea, uma alma moderna e christã nos pagãos da antiga Roma, abstrahindo de todas as complicações com que o christianismo refundiu e revolucionou

a humanidade, Sousa Monteiro alcançou a grande belleza artistica, a qualidade superior e dominante dos *Amores de Julia*, mas talvez por isso mesmo se não recommendasse á sympathia d'uma Academia de sabios portuguezes!

Apparece, porém, n'esta época de glacial indifferença, de positivismo desolador, de zombaria irrespeitosa, apparece n'esta quadra inesthetica e iconocolasta um poeta epico; este poeta celebra e immortalisa, com o sôpro de Hugo, acontecimentos que são a nossa Gloria, homens que são os nossos heroes, factos que significam a conquista de todos os bens que desfructamos, este poeta, não sómente rehabilita do malevolo descredito em que tinham caído — pela multiplicação inaudita que d'elles se tem ultimamente feito — os heroicos *sete mil e quinhentos*, mas fal-os apparecer — a nós que nos tinhamos esquecido já de os ver assim — entre as chammas da metralha e o clamor guerreiro das musicas, sob a palpitação da *bandeira*

azul e branca agitando a Carta, cantando-lhe talvez o hymno, dando vivas á Rainha, e ao immortal Dador, despertando na nossa alma arrefecida extinctos enthusiasmos, envergonhando-nos do nosso scepticismo de decadentes e de nevroticos—e a Academia, que tem um premio, não lh'o confere, e Pinheiro Chagas, que só deante d'essa epopeia se commoveu ardentemente, conclue a sua esplendida apotheose do poeta, pedindo que... dêem o premio ao outro!

É realmente de uma pessoa endoudecer!

Não se julgue que eu sou facciosa, desejando que o premio fosse concedido ao sr. Guilhermino de Barros. Tendo por s. ex.^a uma alta consideração, conhecendo-o como um dos nossos funcionarios mais distinctos, sabendo que elle introduziu nos correios e telegraphos, cuja direcção está a seu cargo, as mais judiciosas innovações, confesso que nunca o tinha visto sob o aspecto de Pindaro. Mas visto que ha uma alma portugueza, que vibra ainda sob a influencia d'essas recor-

dações heroicas, visto que ha ainda, n'este anno do Senhor de 1887, alguém que não quer mal aos *nossos heroicos avós* pelo bonito estado de confusão em que puzeram isto tudo, visto que na corrente caudalosa de poesia, que jorra da alma do alto funcionario em questão, até á boa e pacata figura do duque de Avila, o meu respeitado e querido amigo morto, a encarnação da bonhomia burgueza conservadora, ordeira e séria, tem as esplendentes irradiações e as flammæ rubras e deslumbradoras da epopeia, visto que a gente fica devendo ao sr. Guilhermino de Barros o serviço eminente de ter poetisado de novo o que o noticiario barato havia reduzido a rhetorica . . . *idem*— parece-me que a sua obra deveria ser collocada a cem leguas de todas as outras, e que o premio só elle o conquistou, e só elle o mereceu.

A *Reliquia* lembra a viagem de um maltrapilho odioso, antipathico e reles; os *Amores de Julia* excitam a inveja immoral

d'aquella vida pagã em que a alma não tinha adquirido os fóros de triumphadora, que hoje está novamente a pique de perder; o *Duque de Vizeu*, o formoso drama premiado, grava na imaginação das massas o crime de um rei! Só a épopeia do sr. Guilhermino de Barros celebra e rehabilita a libertação, a emancipação de um povo.

É esta a impressão que o *Relatorio* de Pinheiro Chagas me produziu. Acho-o bem escripto mas injusto; acho-o bello, mas illogico; acho-o artistico, mas incoherente; e confesso que ao lê-la a unica coisa que n'elle me espantou, foi. . . a sua conclusão.

Quererá isto dizer que eu não approvo o voto da Academia, conferindo o premio ao autor do *Duque de Vizeu*? De modo algum. Nem eu ousava insurgir-me contra uma resolução de tão douta e auctorisada companhia; nem foi de leve o meu proposito entrar hoje na apreciação critica das obras que a Academia julgue.

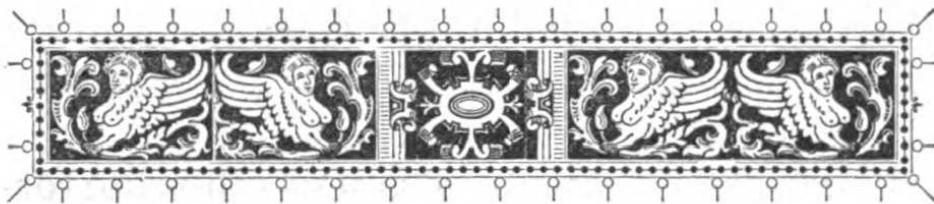
É só pelo *Relatorio* que me guiei, foram

as suas premissas que aos meus olhos lhe tornaram illogica e imprevisita a consequencia final.

Parece-me que o illustre escriptor, contaminado, apesar da sua grande alma entusiasta, pelo mal do tempo, entendeu que o premio valia mais que os louvores, e visto que *honra e proveito não cabem n'um sacco*, que era mais equitativa a repartição, pelo modo porque elle a fez.

Eu, no fim de contas, concluirei dando os meus parabens ao dramaturgo laureado da *Noiva* e do *Duque de Vizeu*, por ter visto oficialmente consagrado o seu notavel merecimento, desde muito reconhecido por todos nós. Pelo que todos deprehendemos do *Relatorio*, quem devia ser premiado não era elle. Mas visto que o foi, permitta-me que eu lhe diga, com o seu collega Shakespeare: *All is well that ends well.*





O HOSPITAL DAS CRIANÇAS

E

AS IRMÃS DE CARIDADE



novidade mais interessante com que esta semana conclue é a *kermesse* em favor do hospital das crianças.

Já, mais d'uma vez, tenho fallado da moderna transformação da caridade, ora revoltando-me contra ella, ora acceitando-a como uma necessidade fatal do nosso tempo; ora vendo-a atravez dos oculos negros do meu *pessimismo* que ainda não é chronico, graças á Providencia; ora encontrando-lhe as incontestaveis vantagens, e applaudindo-lhe os utilissimos resultados.

Decididamente ha um não sei quê de tris-

te n'esta comprehensão, que faz da *caridade* que temos com os que soffrem um motivo, para não dizer um pretexto do nosso gozo e da nossa distracção.

Mas provado como está, que é esse um dos meios mais efficazes, senão o mais poderoso, de tornar avultado o peculio que se consagra aos pobres, para que não aceital-o, e não comprehendel-o benevolamente? *Qui veut la fin, veut les moyens!*

Divirtam-se pois os ricos, para que seja minorada a dôr dos miseraveis! Gozem os opulentos para que deixem, ao menos um dia, de gemer os desherdados!

Não direi que o mundo esteja por ora muito bem feito, mas, tal como está, accusa ainda assim um grande progresso na *humanidade* e no amor do proximo! e tudo que revela este amollecimento de coração, esta doçura unctuosa na piedade, este *milk of human's tenderness* derramado pela face da terra, deve reconciliar-nos com as inevitaveis durezas da Vida!

Eu bem sei que o sonho dos humanitarios, que a vizão dos philosophos, é um estado de sociedade, em que a justiça distributiva dispense absolutamente a Caridade. Mas permittam-me, humanitarios e philosophos, que eu duvide das suas imaginosas utopias!

Sendo a egualdade um paradoxo impossivel, sempre ha de haver quem aspire a algum bem que outros possuam! Sendo o sofrimento uma fatalidade irreductivel, sempre ha de haver quem sonhe com o balsamo de alheias lagrimas! A caridade não é sómente a esmola; é a graça de uma palavra indulgente, é o perdão generoso de um erro, é o beijo que se dá nas chagas de Job, é o manto que se atira sobre o corpo sangrento do leproso! . . .

Deus me livre de uma terra tão perfeita, de uma sociedade tão symmetricamente organizada, que desdenhe um dos elementos mais preciosos da sua conservação e da sua virtude, a Caridade, a divina e santa redempto-

ra de tudo que o homem tem de máu ou de perverso! . . .



Um hospital de crianças sugere ao espirito das mães reflexões tão tristes, visões de uma tão profunda e funebre melancolia! . . .

Quem não viu soffrer uma criança, ignora o mais requintado, talvez, dos supplicios com que o destino *favorece* o pobre coração das mulheres!

A criança que geme revolta-nos como a suprema e irreparavel injustiça, como a mysteriosa e inexpiavel crueldade de um Poder desconhecido.

Porque a doença com o seu cortejo de agonias e de phantasmas febris, com o acompanhamento de todas as suas torturas phisicas, de um materialismo grosseiro, é feita

para os que teem alguma coisa a expiar, alguma coisa de que serem perdoados! . . .

Vêr uma cabecinha loura, de cherubim, caida inanimada no travesseiro; vêr uns olhos que foram inquietos, buliçosos e brilhantes fechados na modorra da febre; vêr um corpo que foi roliço, cheio de deliciosas covinhas, tenro e fresco como uma flôr, requeimado, emmagrecido, na immobildade assustadora, ou na violenta agitação da doença; saber que a morte namora o pequenino ser, que é a nossa carne purificada, que é a nossa alma innocente, que é o nosso sangue calmo e tranquillo e a nossa vida sem amargura e sem revoltas;—e assistir a essa lucta horrenda e tragica, sem que possamos intervir, sem que possamos arrancar violentamente, á velha e eterna bruxa, a sua preza mais appetecida. . . oh! só quem não fôr mãe é que não sabe o que isto é! . . .

Mas ao menos a creança, cuja imagem eu evoquei n'este momento, está deitada no seu bercinho de rendas; tem ao lado o co-

ração ansioso de sua mãe, esse coração que *vêla até quando ella dorme*, como do seu, dizia a noiva dos *Cantares*.

Não exprime com o olhar mortiço um capricho, um desejo, uma vontade, que duas mãos tremulas lhe não satisfaçam rapidamente!... A cada gesto seu corresponde o avido carinho dos que a cercam! Todos tem por unico pensamento o de lhe amenizarem o martyrio immerecido, que a tortura!...

Ha creanças que se ficam lembrando sempre da doçura infinita que conheceram na doença, ou na convalescença, mesmo dolorosa e demorada que esta fosse...

Foi o tempo em que tiveram mais mimos! em que receberam mais phantasiosos e variados brinquedos, em que realisaram mais amplamente os caprichos das suas pequeninas almas, com azas como as das borboletas, com visões estranhas como as dos poetas...

Mas a creança que geme no hospital, que sofre no hospital, que não tem mãe que a

véle e lhe chore á cabeceira, oh! como é necessario que ella seja acarinhada, para esquecer quanto lhe falta! . . .



Eu sou decididamente da opinião dos que não admittem a enfermeira venal, a enfermeira por *modo de vida!*

Se eu governasse, todo o hospital seria servido por *irmãs de caridade*. Já me teem querido lapidar por *livre pensadora* (que Deus me defenda de ser); já me teem castigado asperamente, chamando-me ultramontana e reaccionaria (que nunca fui) portanto seja o que fôr que a este respeito pensem de mim, devo confessar que esse criterio, falso por força, será *le cadet de mes soucis*.

O que sempre pensei a este respeito penso-o ainda. Para mim não ha figura mais

dôce, mais *sympathica* e mais querida que a de irmã de caridade.

No tempo em que a troça *voltaireana* era moda, o que se não disse d'ellas, das obscuras, nobres e heroicas creaturas, e que a idéa da bemaventurança futura — sonho, segundo uns, verdade tangível, segundo outros — leva a dedicarem-se pelos que soffrem, a servirem os que não teem ninguem, a ensinarem as crianças, a amarem os pobres, a pensarem as feridas, a curarem os lazarus, pondo n'esta missão toda a violencia apaixonada de sentir, toda a vibrante intensidade de amor, que a mulher põe nas coisas que lhe absorvem a vida! . . .

—É um egoismo supremo que as leva a esse permanente sacrificio — dizem os criticos, muito commodamente sentados nas suas respectivas poltronas!

Meu Deus! Assim será! Mas de todos os egoismos, que são o fundamento, a base, o unico motor do progresso humano, da acção humana, do sentimento humano, o mais ado-

ravel egoismo é este, que se lacera em todos os espinhos da estrada terrestre, atraz d'um sonho ideal, inspirativo de sacrificios ineffaveis!

Que importa que a visão da beatitude celeste, seja a que sobredoire toda a vida d'essas obscuras martyres, se em nome d'ella, ellas não gozam de uma só regalia, não disfructam um só prazer, não se impregnam de uma unica voluptuosidade? Se a gente as vê, infatigaveis ao pé do leito dos mais repugnantes enfermos, no antro escuro das mais tenebrosas miserias, matando o corpo n'um trabalho improbo e tremendo, purificando a alma n'uma permanente e adoravel immolação? . . .

Se ellas não fogem do criminoso que pragueja, do corpo cheio de pustulas, do hospital cheio de miserias, de todos que necessitam de amparo, de soccorro, de sacrificios, de abnegação? . . .

Até ás creanças, que nós as mães, adoramos, mas que tanto exacerbam e irritam

a impaciencia de quem não é mãe, quem é que as ensina, acolhe e entretém, como as dôces virgens, cujas entranhas estereis nunca palpitarão nas santas alegrias da maternidade, cuja alma solitaria, só conheceu a doçura do perenne esquecimento proprio.

Que superior egoismo, não é este?... comparado com o amor do lucro, que leva qualquer mulher do povo, a tomar por officio o mister de enfermeira de hospital?

Como veem, aceitei sem objecções os argumentos que me apresentam para amesquinhar a missão divina de irmã da caridade! Aceitei que fosse o *egoismo* a origem de todo o seu sacrificio.

Ella sabe, porém, que esse Deus a quem fez a offrenda da sua virgindade, da sua vida inteira, lhe toma nota de todos os movimentos de impaciencia insoffrida, que lhe escapem no meio dos seus asperrimos deveres!

D'aqui a *vigilancia interior* que exerce sobre si mesma, e que reverte em beneficio immediato do doente, ou da criança a

cujo tratamento ou a cuja educação se entrega.

O trabalho que tem, tão duro, tão difficil, tão repugnante ás vezes, é uma *idéa moral* que lh'o impõe, é por um fim moral que o exerce!

Basta esta differença fundamental entre a *irmã de caridade* e a enfermeira paga, para cavar entre as duas um abysmo profundo!



A triste verdade é esta: chegará talvez uma hora de civilisação alta, em que a idéa da solidariedade humana, a comprehensão da palavra *humanidade* amplificada e desenvolvida, virá substituir sem desvantagem grande os credos particulares, as noções re-

ligiosas extinctas, tudo emfim que *foi*, e que já em tantas almas deixou de *ser*! Mas enquanto essa hora remota e longinqua não chegar, está ás escuras todo o espaço do mundo, que a fé nos destinos immortaes da alma humana não illuminar com a sua luz superior.

Por isso eu amo as *irmãs de caridade*, as boas e simples mulheres, que tudo ignoram da Vida, menos as lagrimas que n'ella se choram, as dôres de que ella está povoada, as miserias, cujo desolador espectaculo enchem a nossa alma de espanto!

O *hospital do Rego* não me inspirava tanto affecto e tão profunda sympathia se eu não soubesse que é a alma maternal d'estas virgens de azas brancas, que alli protege e acarinha as creancinhas doentes. . . .

A paciencia que persiste, a ternura que não se cança e não se exhaure, o amor cujas fontes se não estancam jámais, não podemos nós encontral-os na alma violenta, um pouco selvagem, da mulher do povo, inculta e bruta. Essa mulher sabe instinti-

vamente ser mãe, mas é rude, é impaciente para a creança que lhe não saiu das entranhas!

Aquellas que uma fé religiosa, suggestiva de exaltações apaixonadas e de impulsos heroicos, não domina e não fortalece, só podem achar n'uma cultura requintada e extrema, n'uma delicadeza de coração quasi prodigiosa, a força e o recondito segredo d'estes milagres de abnegação e de piedade.

Bem sei quanto é impopular confessar-se hoje uma pessoa, partidaria incondicional das irmãs de caridade! O *anti-clericalismo*, entre as suas varias exigencias, quer nos seus adeptos as mais incompletas faculdades criticas. Todas as opiniões extremas procedem por *parti-pris*.

E a pessoa que não tiver, n'esta ordem de idéas, ou a orthodoxia do ultramontano, ou a intransigencia do *livre-pensador*, é igualmente condemnada pelos dois.

A imparcialidade serena do critico, a dôce e melancolica tolerancia d'aquelle que, des-

herdado das ineffaveis e divinas delicias da Fé, se sente ainda assim irresistivelmente attrahido pelos que conservam, com sincero entusiasmo, este ponto de apoio no tenebroso mar da Vida — sei eu bem, que não conseguem desarmar a intolerancia malevola dos dois partidos extremos e irreconciliaveis.

É por esse motivo que, para os entendimentos obcecados por um falso espirito catholico, Voltaire é preferivel a Renan! O grande inimigo é menos profundamente odiado, que o dôce sonhador, de alma tão profundamente e castamente religiosa!

Eu porém disse o que sentia, e como o sentia, sem invejar o acre azedume com que, de ambos os lados, vejo degladiarem-se espiritos, que teem cada um de per si a illusoria esperanza de encontrar no mundo essa coisa intangivel chamada: o absoluto!





PAULINA DE BEAUMONT

E A

MARQUEZA DE CUSTINE



sr. Bardoux é um ex-ministro francez, que a litteratura consola das decepções da politica.

Espirito delicado, finissimo, tendo para si, muito justamente, que não é indispensavel ser um demagogo desbragado ou um pamphletario *mal embouché* para lidar com as coisas publicas, o sr. A. Bardoux tem-se ultimamente consagrado a uma obra de reconstituição historica, social e litteraria verdadeiramente encantadora.

A França tem atravessado, n'um limitado

espaço de tempo, uma serie tão variada de revoluções e de estados politicos, tem tido uma vitalidade tão intensa e tão devorante, que póde bem dizer-se que este seculo equivale para ella á extensão de umas poucas de centenas de annos. . . .

D'aqui as differenças absolutamente accentuadas que existem de uma para a outra das gerações que chronologicamente cabem no espaço de cem annos.

É uma tarefa admiravel para o historiadore para o critico, esta de explicar aos homens de hoje, tão differentes dos de hontem, a psychologia dos paes e dos avós. . . .

Ha então uma geração intermediaria entre o velho mundo monarchico e o novo mundo anarchico, com particularidades muito suas, com idiosyncrasias muito peculiares, com *nuances* d'uma subtileza quasi intangivel, que só a penna d'um observador muito penetrante e muito distincto pode reconstruir em toda a sua realidade, e collocar em toda a sua luz.

O sr. A. Bardoux fez um primeiro volume d'este genero notabilissimo, intitulado *Pauline de Beaumont*, e publicou outro agora, a que deu o nome de *Madame de Custine*.

Ambas estas mulheres assistiram como espectadoras interessadas, como victimas merecedoras do mais profundo dó, ás orgias e excessos da grande Revolução; ambas sobreviveram a esse mundo antigo, tão ordenado, tão magestoso nas linhas exteriores, tão profundamente corroido nos alicerces, que se chamou *l'ancien régime*; ambas tiveram vida sufficiente para serem testemunhas da nova ordem de coisas; ambas — por uma extranha e notavel coincidencia — amaram o mesmo homem, esse René muito pallido e muito triste, extremamente artificial e extremamente encantador, em que por frisantissima ironia, o tempo moderno, que ellas deviam odiar, parece ter pela primeira vez symbolisado e condensado todas as suas fraquezas, duvidas, orgulhos, melancholias e

tedios, todo o seu scepticismo e toda a sua agonia inquieta e devoradora! . . .

Paulina de Beaumont foi a filha d'aquelle fiel ministro de Luiz XVI, chamado o conde de Montmorin, que morreu na guilhotina com todos os seus, e a quem, da familia inteira immolada com elle, apenas sobreviveu a pallida, a vaporosa, e juvenil creatura, que a Morte achou fragil de mais para violentamente fazer d'ella sua preza.

O nome de Paulina de Beaumont ficou deliciosamente aureolado de luz mysteriosa, de terna e captivante graça na memoria dos homens!

«*Un soufle m'agite et rien ne m'ébranle!*» esta divisa que em torno d'um pequenino ramo de carvalho, ella mandára gravar, para sinete das suas cartas, dá bem idéa da sensibilidade adoravel d'esta alma, toda enthusiasmo e toda amor, e d'este character firme como o velho espirito aristocratico, que n'ella sobrevivera a todas as catastrophes materiaes e moraes da sua curta e agitada existencia.

O amor de Paulina de Beaumont por Chateaubriand dava, só por si, um capítulo encantador de psychologia feminina. Amou-o tendo, talvez, a consciencia das mil imperfeições moraes que faziam do seu idolo um idolo bem quebradiço e bem fragil; mas amou-o com devoção tão profunda, com esquecimento de si, tão absoluto, com abnegação tão ineffavel e sagrada, com um d'estes sentimentos immateriaes, feitos de tanto sacrificio e de tanta graça, que os homens de profundo merito moral, que as nobres mulheres que a cercaram e estimaram até á morte, nunca ousaram fazer-lhe um crime d'esse affecto em que ella pozera a vida inteira!

Para o vêr ainda uma vez seguiu-o agonisante até Roma, e ao enterro da deliciosa creatura, morta de amor, assistiu tudo que havia de mais distincto na *cidade eterna*, e mandou o cardeal que era ministro da França junto do papa, um delegado seu que o representasse na cerimonia funebre.

Por isso se vê bem que na terra nada pode julgar-se de um modo definitivo e absoluto.

Segundo as leis da moral social, decerto que a bella condessa de Beaumont foi uma peccadora.

Mas o seu peccado, que a fez morrer ainda na flôr da vida, era tão tocante, havia n'elle tão ingenua e tão invencivel paixão, que o mundo symbolisado nos seus espiritos mais cultos e mais delicados, chora-a como uma victima encantadora, sem pôr sequer uma nota discordante no hymno melancolico entoado á sua formosura, á belleza da sua alma de chammas, ao *charme* do seu espirito alado e puro, á graça ineffavel da sua physionomia moral tão inconfundivel e tão adoravelmente extranha! . . .

Na *Correspondencia de Foubert*, as cartas mais bellas d'este *Platão* do seculo XIX são dirigidas áquella que, no grupo eminentemente litterario que n'esse tempo cercava Chateaubriand, era chamada symbolicamente *A Andorinha*.

Timida, esquiva, alada como a ave que a representava, Paulina emigrou para os paizes da eterna luz, na hora em que a sua alma começava a discriminar bem claramente a inanidade do sonho por que vivêra e soffrera unicamente.



Não foi essa a unica victima de *René*. O cortejo das suas apaixonadas tão gentilmente aristocraticas, é longo e d'um interesse enorme para o observador e para o critico.

Que differença separa esse tempo do novo tempo positivo e *mercantilista*!

Qual seria hoje em todo o vasto mundo, no qual nem já as divisões de raça nem as diversidades de costumes nem as distancias de espaço põem separações muito accentuadas—qual seria hoje o genio capaz de inspirar as paixões que *René* inspirou?

E porquê?

É que nem os poetas procuram hoje o suffragio feminino, absolutamente desdenhado por elles, nem já as mulheres teem o toque de idealismo, a *pontinha de febre* romanesca, a paixão intellectual dos grandes escriptores, que distinguiam as duas gerações femininas que antecederam a nossa.



O sr. A. Bardoux conta-nos n'este segundo volume recentemente publicado a vida de outra mulher de grande espirito e de grande coração, cujo unico affecto foi o poeta *do Genio do Christianismo*, como sempre ingrato, como sempre voluvel, como sempre egoista, e talvez por isso mesmo mais extremecido.

A marqueza de Custine, mais *grande dame* de que Paulina de Beaumont, tendo na familia uma tradição de espirito e de so-

ciabilidade mais requintada, tem com esta de commum o tragico prologo e o amoroso epilogo da sua vida.

A marqueza viu cair, decepada pela guilhotina dos jacobinos, a cabeça do seu sogro o general de Custine, e de seu marido o heroico mancebo, que é uma das victimas mais deploraveis e mais innocentes dos odios politicos d'essa quadra de tanta grandeza e tanto horror.

Preso durante muito tempo, ante-gostando já as *horriveis delicias* d'uma morte que a libertasse de tanto soffrimento e de tão tragicos espectaculos publicos, a marqueza deveu a Fouché e a um obscuro amigo, que a sua formosura deslumbrara, a salvação do cutello revolucionario. Viveu depois longos annos sem conhecer aquelle que devia, depois da hora em que foi conhecido, dominar o resto da sua vida, muito mais longa que a de Paulina.

Na vida de Chateaubriand esse amor foi um episodio; na vida de Delphina de Cus-

tine esse amor foi o grande facto, decisivo e culminante do seu destino.

Amada dois dias, amou durante vinte annos.

Requestada, formosa, nobilissima, não quiz tornar a pertencer senão á lembrança d'esse momento de ineffavel felicidade, que brilhou como brilha um raio que passa, sobre a sua cabeça loura, celebre no mundo.

Nas *Mémoires d'outre tombe*, Chateaubriand apenas de passagem se refere a essa castellã de Fervacques, que tantas vezes o hospedou no seu palacio historico, e lhe deu o grande leito brazonado, onde Henrique IV, *homme á femmes* como René, mas muito mais ingenuo e sincero do que elle, dormiu outr'ora, quando ia vizitar Gabriella.

N'essas paginas lá fala elle nos *longos cabellos* de Delphina e se refere, provavelmente com um *toquesinho* de vaidosa presumpção, á semilhança que esses cabellos de ouro tinham com os de Margarida de Provença, mulher de S. Luiz, de quem a marquezia de

Custine tinha ainda algumas gottas de sangue azul nas veias que latejaram de paixão pelo sublime e *artificial* escriptor de *Atala* e dos *Martyres*.



Estes dois grossos volumes consagrados por um distincto publicista a duas figuras femininas, verdadeiramente notaveis, não se referem simplesmente aos acontecimentos particulares da existencia das duas.

Ambas, pertencendo a illustres e poderosas familias; ambas relacionadas com o que de mais distincto e caracteristico tinha a sociedade do seu tempo; ambas espectadoras e protogonistas da tragedia immortal da Revolução; ambas sobreviventes de um mundo extremamente fino, extremamente civilisado e culto, que se extinguiu; ambas em contacto permanente com a sociedade que se

formou dos destroços do regimen antigo; — falar d'ellas é falar da sociedade sob os seus multiplos aspectos politicos, *mundanos*, litterarios, artisticos e moraes.

Eis o que dá a estes dois livros, além do interesse de duas biographias encantadoras, o interesse de um estudo historico perfeitamente bem traçado.

Já não ha mulheres como aquellas duas; nem esta batalha asperrima e brutal de interesses antagonicos, que hoje se chama *sociedade*, merece tal nome, indicador de habitos, gostos, costumes, maneiras, modos de vêr, inteiramente extinctos. Mas estes livros agradam sempre muito a quem prefere viver no passado, cuja injustiça e cujos absurdos não teve occasião de soffrer, e cujo aspecto exterior é, em todo o caso, muito mais agradável que o de hoje.





O RÊVE DE ZOLA



Chama-se *Le Rêve*, e sonho, bem sonho é, no fim de contas, esta produção inesperada do auctor dos *Rougon Macquart*. Querem que lhe diga muito francamente a minha impressão pessoal a este respeito? Nunca Zola está tanto á vontade, tanto na esphera que lhe é propria, como quando se atira perdidamente por essas regiões phantasticas do Sonho e da Chimera.

Este *naturalista* não passa de um vizardario; este *observador* não tem feito senão

imaginar; este propugnador do *realismo* em arte nunca fez senão romantismo... do avêso. É um amplificador no monstruoso como Victor Hugo. Victor Hugo cultivou principalmente as monstruosidades *physicas* (Gwinplaine, Quasimodo, Triboulet); Zola trabalha com mais frequencia no genero—monstruosidades *moraes*!

O *documento humano*, de que tanto blasona, nunca foi colhido senão no seu proprio cerebro; da sua galeria enorme, desmedida, innumeravel, não fica de pé uma unica criação verdadeira e *real*. Ficam monstros, colossos, figuras contrafeitas, enfermos, doídos; não ficam *homens*!

Os seus operarios, os seus camponios, os seus burguezes, os seus artistas, os seus politicos, são todos ora hallucinados, ora perversos, ora epilepticos, ora desequilibrados. Não ha ninguem mais inimigo da realidade, tal qual a vêmos, a estudamos, a surprehendemos continuamente, na flagrancia dos seus delictos, das suas virtudes, dos seus vicios,

dos seus ridiculos, do que esse chefe-de-fila do movimento realista da França!

Romantico no processo, romantico na amplificação extranha da visão que lhe é propria, romantico no entrelaçamento enlabyrinthado das linhas architectonicas da sua obra, romantico na exuberancia, na pujança, no luxo desordenado e chaotico da phantasia — Zola illude-se completamente quando se imagina o escriptor scientifico e rigoroso dos seus programmas litterarios!



O *Sonho*, pois, estava desde muito a atrahil-o e a solicial-o. Mas como, graças a Deus, d'esta vez não é sob um disfarce de realidade, de critica scientifica, de apparatus technico de sala anatomica, que o grande escriptor nos apparece, podemos saudal-o

como quem é: Um poeta de primeira ordem, em quem a violencia morbida do temperamento prejudica quasi sempre a nitidez do apparelho optico.

Quem poderá fixar, nas rapidas linhas de uma chronica fugitiva, o *Sonho* que surgiu, com o encanto dos lyrios e a belleza hieratica das virgens primitivas, do cerebro potente de Zola?

Assim como na *Page d'amour* a cidade de Paris, é a heroina principal do romance; assim como na *Faute de l'abbé Mouret* o *Paradou*, aquelle jardim que as rosas cobrem com o luxo purpureo e as manchas sanguineas da sua còr, é quem principalmente palpita, fala e vive na obra do poeta; e como a *Mina* é a grande protogonista sombria de *Germinal*; tambem aqui, seguindo invariavelmente este pendor de hallucinado, que dá alma e presta uma linguagem, uma intenção, uma personalidade distincta e consciente ás coisas inanimadas, até aos predios e aos *armazens de modas* — Zola fez que a

principal figura d'este livro chimerico fosse...
uma Cathedral gothica.

Entre dois contrafortes do templo—renda de pedra transparente, delicada, aberta em ogiva, contornada em columnatas, faiscante de vidraçarias multicôres, bordada de maravilhosas e enormes rosas mysticas, e d'onde as altas flechas se erguem para as nuvens como a aspiração indefinida da alma medieval que a inspirára e que a executou—entre dois contrafortes da Cathedral antiquissima, uma pequenina casa humilde viera aninhar-se furtivamente. . . .

Era a habitação de uma familia de operarios, que, havia quatrocentos annos, se occupavam, de geração para geração, em bordar as dalmaticas d'ouro, os paramentos de brocado, as mitras, as estolas, as casulas vermelhas, negras, roxas ou verdes, os pallios preciosos, todos os objectos sagrados que constituiam a mais vistosa pompa das cerimoniaes cultuaes.

Os ultimos representantes d'essa dynastia

de bordadores tradicionaes chamam-se Hubert e Hubertine, e são tão chimericos, tão espiritualisados, tão fóra da realidade como as esguias figuras de pedra que eternamente, nos nichos curiosamente rendilhados da Cathedral granítica, levantam para o ceo as suas palmas esbeltas, ou os symbolicos lyrios da sua ineffavel virgindade. . . .

Uma noite em que a neve cobre a terra e o vento sopra asperrimo e desabrido, sob a esculpida ogiva da porta de Santa Ignez, uma pequenina esfarrapada, de olhos da cõr das violetas e cabellos da cõr do ouro fino, vem cahir desfallecida, á vista de Hubert e de Hubertine.

Recolhem-n'a, aquecem-n'a, alimentam-n'a, interrogam-n'a e guardam-n'a para si depois de cumpridas as formalidade legaes —ao saberem que é engeitada a pobresinha. Não tinha filhos o apaixonado casal de bordadores, e julgavam-se victimas da vingança do céo, porque, para seguir o marido, Hubertine rebellara-se contra a mãe.

Principia aqui a delicada e ideal pintura da educação de Angelica, a pequenina flôr da miseria.

Foi sua mestra, sua amiga, sua inspiradora suprema, essa Cathedral que tinha, para contar-lhe, tantos prodigios de amor, tantos milagres da fé, tantas delicias do céo tantas graças da primitiva inspiração christã!

A florida Cathedral profunda e mysteriosa; a *aurea legenda* dos Santos e das Santas Catholicas, ensinaram Angelica a viver no Sonho, a habitar na Chimera, a attingir a Vizão incoercivel e vaga, a julgar realisavel o Milagre, a amar a cima de todas as coisas o Impossivel!

A historia das virgens vencedoras das mil formas do mal; os combates eternos dos Anjos contra o Demonio; o poema de infindaveis estrophes da maravilhosa lenda christã; a flora e a fauna phantastica d'essas regiões azues do prodigio sem fim; esse mundo, miraculoso, extincto para todos menos para ella, que via a realisação concreta das

hallucinações medievas, na Cathedral gigantesca, sua companheira e sua amiga terrena e grave—esse alimento espiritual, perpetuamente renovado, fez de Angelica uma creatura á parte, indecifrável, extranha, meia lyrio e meia mulher, flôr pela regia graça, anjo pela innocencia immaculada e altiva.



O poderoso arcebispo que, em dias de festa solemne, ella via officiar acolytado pelo clero d'uma cidade inteira, tivera antes de consagrar-se á vida religiosa, da esposa que perdeu e de cuja perda se não consolára mais, um filho, bello como um deus, opulento como um principe, e principe realmente pois que pertencia a uma familia quasi real.

Feliciano viu Angelica, e amou-a. Am-

bos acima do resto dos mortaes, elle pela sua alta e poderosa estirpe, ella pela sua lyrial innocencia, deviam encontrar-se e deviam amar-se por força.

A primeira vez que se vêem é á beira d'um pequeno rio de aguas limpidas e cantantes, onde Angelica, como a Nausicaa, do poema de Homero, está lavando roupa, alegre e descuidadamente.

Depois, vêem-se ainda em casa dos paes d'ella, pois que Feliciano disfarçado em operario imitador das vidraçarias coloridas antigas, vae fazer-lhe a encommenda de uma mitra archiepiscopal.

Angelica, esquecia-me já de o dizer, para ter todos os encantos, tem tambem um genio de excepção.

Os bordados d'ella são quadros dos pintores primitivos. Segredos inteiramente perdidos da antiga arte, descobriu-os ella novamente pela sua maravilhosa intuição. Debaixo da sua agulha de fada e de artista, os cabellos, de ouro das Santas têm fluidez e

vida, as bellas figuras esbeltas resuscitam a mystica pureza bysantina, os lyrios erguem-se na haste magestosos e aereos, as pombas desdobram as azas puras, as espigas e as uvas symbolicas parecem prestes a ser colhidas, as grandes tulipas, as anémonas e as hortensias desabrocham um luxo deslumbrante e primaveril. . .



É assim, n'esta vida claustral e devota, que elles se amam. Um dia Feliciano revella quem é. Neto de principes, filho d'um principe da Egreja, é certo que um abysmo os separa. Mas para Angelica não existem abysmos, senão os que se rasgam entre os filhos de Deus e os filhos de Satan; para ella que vive na côrte radiosa dos Archanjos e das Virgens, não teem valor os prin-

cipes da terra, e a sua alma que paira, de azas abertas, na Maravilha, na Lenda e no Milagre, como na região que lhe é propria, não concebe o impossivel nem admitte a irreallidade do sonho. . . .

Quando os obstaculos da terra se interpõem fatalmente entre os dois candidos e puros amantes, Angelica espera sempre. . . .

N'esta esperança, que nem sequer é alimentada pela presença ou pela palavra do seu amado, n'esta fé invencivel, que bem prova que ella é filha dilecta das doces virgens do christianismo, cuja lenda embriagou de celestiaes delicias a sua pura mocidade, a doce creança vae definhando a pouco e pouco. . . . O seu corpo de linhas ondeantes, tão gentil e cheio de graça, despede-se da tenra e velludosa carne que o cobriu; a sua alma, em que as revoltas e os impetos que veem de longe, dos paes que nem conheceu, accendem ás vezes ignotas chammas arden-tes, pacifica-se n'uma serenidade extatica... Tem confiança nas Santas que sempre vel-

laram por ella, na profunda nave sonora e triste onde chorou e rezou pelo seu amado, na palavra d'elle, cujo echo dulcissimo lhe ficou para sempre cantando aos ouvidos o hymno triumphante do Amor. . .

Já quasi a morrer, o Sonho realisa-se. O arcebispo vencido vem trazer-lhe os oleos redemptores que de todas as impurezas hereditarias lavam o seu corpo immaculado. E renascida e resuscitada pelo amor, levanta-se do seu leito—grande e regio leito antigo, com que a adoração do pae adoptivo a presenteára—para se ir casar na velha Cathedral resplandecente da luz dos seus milhares de cirios, sonora da voz sublime do seu órgão, illuminada com a pompa dos seus paramentos mais luxuosos, e onde echoa e se repercute em dezenas de vozes o canto divino e triumphal das nupcias christãs.

O que a bella cathedral lhe promettera na voz das suas musicas melancholicas, no brilho dos seus ogivaes *vitreaux* multicôres, nas pompas magestosas do seu culto, no en-

canto delicado e gracil das suas Virgens de pedra, na suavidade symbolica das suas rosaceas transparentes, na poesia infinita das suas esguias flechas audaciosas, no som vibrante dos seus sinos metallicos — tudo estava cumprido alli! . . .

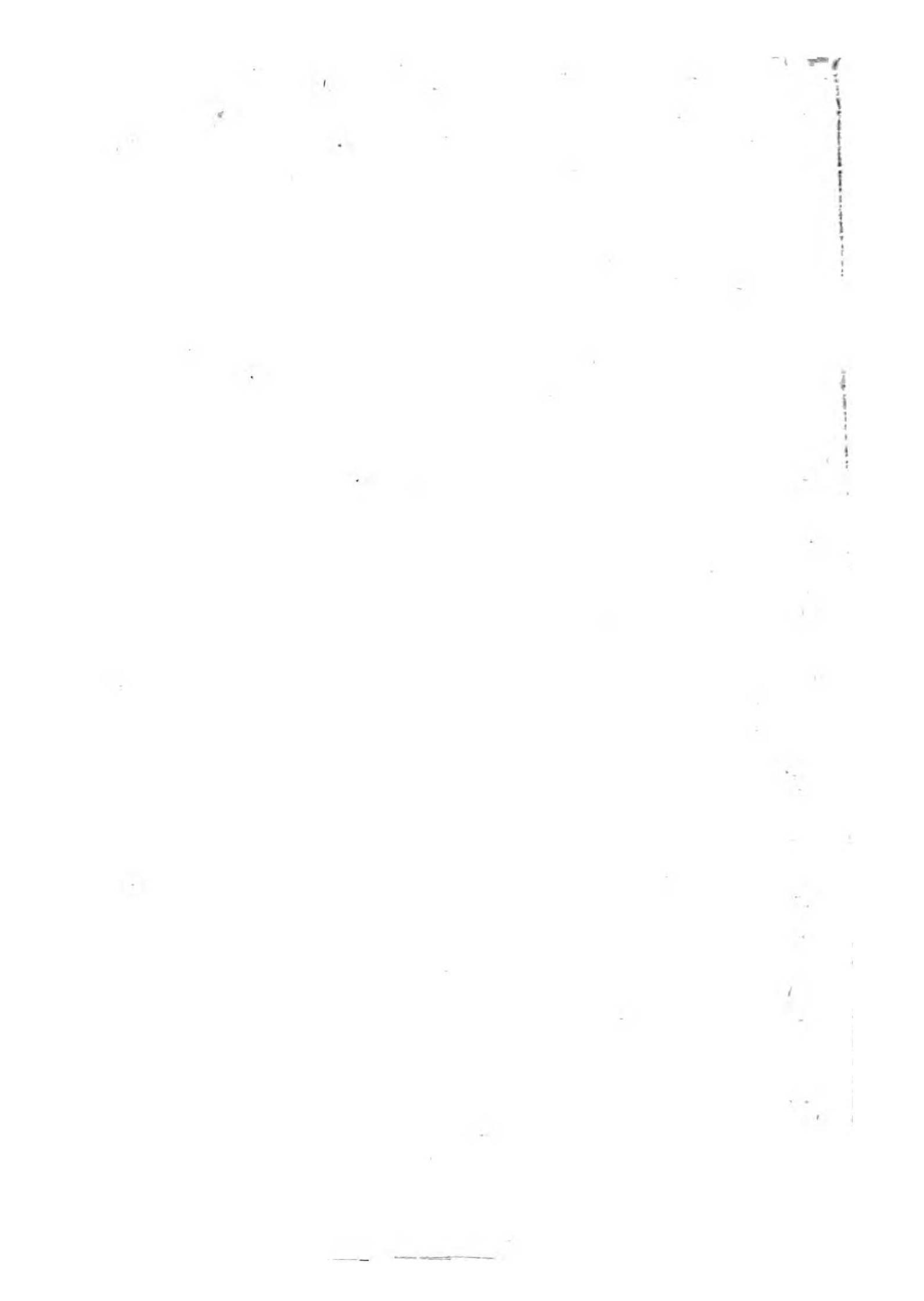
Angelica esposava o seu sonhado principe, o *principe azul* das suas chimeras virginaes! . . .

E no meio da festa enorme com que uma cidade mystica celebrava em delirio o casamento de um filho do seu prelado — Angelica soltou nos labios d'este o suspiro extremo da sua alma de ave, de santa e de flôr . . .

Quem é que disse que a vida é outra coisa além de um sonho?

La vida es sueño, disse Calderon antes de Zola o dizer!





INDICE



	Pag.
Soror Marianna.....	1
O Immortel.....	41
O Conde Leão Tolstoi.....	65
O Crime e o Castigo.....	79
A vida e a correspondencia de Darwin.....	93
G. Eliot.....	123
A mulher de Carlyle.....	137
Pierre Loti.....	151
A Princeza Mathilde.....	167
Henri Martin.....	185
A eterna questão do Amor.....	199
O Bezerro de Ouro.....	215
Caro, Pranzini e Flaubert.....	229
A Imprensa para o Sr. de Bismarck.....	241
Um infantecidio.....	257
Alexandre Herculano.....	271
Historia de um crime.....	285
Relatorio de Pinheiro Chagas.....	299
O Hospital das Creanças.....	313
Paulina de Beaumont.....	327
O Rêve de Zola.....	339



59663405

